

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação

ALINE MARIE DE SIMONE

A EDUCAÇÃO CATÓLICA POR MEIO DO IMPRESSO: análise da edição reformulada
de 1964 do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*

Belo Horizonte
2023

Aline Marie De Simone

A EDUCAÇÃO CATÓLICA POR MEIO DO IMPRESSO: análise da edição reformulada de 1964 do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História da Educação

Orientadora: Ana Maria de Oliveira Galvão

Coorientadora: Maria José Francisco de Souza

Belo Horizonte
2023

S598e
T

Simone, Aline Marie de, 1995-

A educação católica por meio do impresso [manuscrito]: análise da edição reformulada de 1964 do primeiro catecismo da doutrina cristã / Aline Marie de Simone. - Belo Horizonte, 2023.

142 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Ana Maria de Oliveira Galvão.

Coorientadora: Maria José Francisco de Souza.

Bibliografia: f. 136-142.

1. Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã -- Crítica e interpretação -- Teses.
2. Educação -- Teses. 3. Educação -- História -- Séc. XX -- Teses. 4. Igreja Católica -- Publicações -- História -- Séc. XX -- Teses. 5. Educação cristã -- História -- Séc. XX -- Teses. 6. Ensino religioso -- Igreja Católica -- História -- Séc. XX -- Teses. 7. Catecismos -- História -- Séc. XX -- Teses. 8. Teologia -- Estudo e ensino -- História -- Séc. XX -- Teses. 9. Igreja e educação -- Igreja Católica -- Teses. 10. Literatura religiosa -- Igreja Católica -- Teses. 11. Literatura cristã -- Teses.
- I. Título. II. Galvão, Ana Maria de Oliveira, 1969-. III. Souza, Maria José Francisco de, 1969-. IV. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 268.82

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



FOLHA DE APROVAÇÃO

A educação católica por meio do impresso: análise da edição reformulada de 1964 do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã

ALINE MARIE DE SIMONE

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, área de concentração EDUCAÇÃO.

Aprovada em 07 de fevereiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Ana Maria de Oliveira Galvão
Prof(a). Ana Maria de Oliveira Galvão - Orientador
UFMG

Maria José Francisco de Souza
Prof(a). Maria José Francisco de Souza - Coorientadora
UFMG

Monica Yumi Finzeiji
Prof(a). Monica Yumi Finzeiji
UFMG

Angélica Evelyn de Almeida Orlando
Prof(a). Evelyn de Almeida Orlando
PUC-PR

Belo Horizonte, 7 de fevereiro de 2023.

AGRADECIMENTOS

No momento de escrita da dissertação, inúmeros processos pessoais e acadêmicos atravessamos e influenciam no nosso resultado final. Fazer o mestrado, durante uma pandemia, assim como foi a da covid-19, desafiou-me e inseriu questões que ultrapassaram a relação acadêmica com nossos professores e colegas.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a minha orientadora Ana Galvão, que, mesmo em tempos turbulentos, foi humana e presente para nos ouvir, compartilhar dores e alegrias. Foi paciente para orientar cada etapa desta dissertação, em detalhes, com rigor e sabedoria que exprimem a profissional ética e comprometida com a educação, assim como a minha coorientadora, Maria José Francisco, que esteve comigo desde a graduação, apresentou-me o objeto desta pesquisa e sempre me incentivou na caminhada acadêmica e nos momentos difíceis. É imensa a minha gratidão por vocês.

Agradeço também aos meus colegas do grupo de orientação coletiva, Giane, Cecília, Gabriel, Camila, Kênia e Rone, por tudo que passamos e compartilhamos, pelas ricas leituras e pelas contribuições que deram a minha pesquisa. Agradeço ao GEPHE e ao Grupo de Pesquisa de Cultura Escrita, por todo apoio acadêmico, encontros e discussões que me proporcionaram. Agradeço a todos os professores e às professoras do Programa de Pós- Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, que, com suas aulas, contribuíram de várias maneiras para a escrita deste trabalho. À Mônica Yumi, agradeço pela leitura e contribuição para o parecer desta pesquisa e, além disso, pela disponibilidade de participar da banca de defesa, assim como à Evelyn Orlando, que foi generosa ao me enviar catálogos da Editora Vozes, mesmo antes do meu ingresso ao mestrado, e, mesmo de longe, aceitou avaliar e contribuir nesse processo. Deixo meu agradecimento estendido à Juliana Melo e ao Fernando Rodrigues, pela leitura e por contribuir na avaliação na banca de defesa como suplentes.

Ao CNPq, agradeço pela concessão de bolsa de estudo que permitiu a minha dedicação ao mestrado, principalmente em tempos pandêmicos. Ao LECampo, pela oportunidade de me conectar com alunos e alunas de diversas cidades, pelos encontros e aprendizado.

Ao meu amigo/irmão de décadas, Frederico Alves, que esteve presente desde a minha infância e me convidou para atuar na UAI Circo, trabalho em que fortaleci amizades e encontrei pessoas que me ouviram e deram-me todo suporte que precisei.

Por fim, agradeço a minha família, em especial a minha mãe e a minha irmã, que vivenciaram de perto os desafios encarados e agradeço pelos momentos de amparo. Ao meu esposo Philip, por toda paciência, pelas leituras, pela ajuda nos momentos em que mais precisei e por todo companheirismo, apoio, cuidado e amor. Com toda certeza, você foi meu alicerce, mostrando-me que sou capaz todos os dias.

RESUMO

A presente dissertação insere-se na discussão sobre impressos religiosos de grande circulação e tem como foco a análise da reformulação do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, ocorrida no ano de 1964, desse catecismo católico publicado pela Editora Vozes. Seu texto foi, inicialmente, elaborado em 1903, com objetivo de uniformizar o ensino da doutrina cristã por meio de um texto único e oficial, sendo publicado durante décadas com poucas variações no formato gráfico e no conteúdo. As fontes mobilizadas foram diferentes edições do impresso publicadas ao longo do século XX, catálogos da Editora Vozes, além de jornais e revistas. Buscou-se identificar, por meio de análise comparativa documental, as mudanças, as permanências e as motivações para a reformulação, a fim de compreender a ação educativa pretendida por meio desse impresso. Para isso, as análises foram direcionadas à produção e ao conteúdo dos catecismos, dialogando com autores do campo da História dos Impressos e do Livro, como Chartier (1990; 2002; 2010; 2011) e Darnton (1990; 2010). Para análise do conteúdo do texto, relacionamos os pressupostos discutidos por Eliade (1992a), que nos possibilitaram compreender três princípios fundamentais que o catecismo visava a difundir para o(a) leitor(a): “conhecer” a doutrina cristã, “agir” como cristão e “convencer” outras pessoas a incorporar os costumes e preceitos da Igreja Católica em suas vidas. Também foi possível verificar diferentes modos de ler possibilitados pelo catecismo reformulado e as possibilidades de formações que ele viabiliza. Constatamos que a motivação para a reformulação desse catecismo foi resultado de influências decorrentes de discussões religiosas e educativas antecedentes e resultantes do Concílio Vaticano II, o que, por um lado, assegurava a tradição e, ao mesmo tempo, inseria-se em uma catequese dinâmica que pretendia envolver mais fiéis para a Igreja Católica. A análise do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicado pela Editora Vozes, em 1964, permitiu identificar que as alterações efetivadas também correspondiam a uma lógica voltada para o aumento de vendas desse título e de outros materiais indicados como recursos complementares que permitiam diferentes modos de usar o catecismo, demonstrando que a formação pretendida por um mesmo impresso pode sofrer variações. O estudo ajudou a compreender as movimentações católicas para integrar e manter seu espaço na sociedade brasileira por meio de impressos educativos no século XX, sendo formadoras de costumes, de modos de agir e eficientes no projeto para alcançar mais fiéis.

Palavras-chave: catecismo; impressos; história da educação.

ABSTRACT

The present dissertation is part of the discussion about the religious printed matter of wide circulation. It focuses on analyzing the reformulation of the *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* (First Catechism of the Christian Doctrine) in 1964, published by Editora Vozes (Voices Publishing House). The original text was elaborated in 1903 to uniform the teaching of Christian doctrine in a unique and official text. It has been published over decades with a few variations in graphic format and content. The mobilized sources were different printed editions published throughout the 20th century, catalogs from Editora Vozes, also newspapers and magazines. The changes, words, and ideas that stayed and motivations for the reformulation were identified through comparative document analysis to understand the educational action through this printed matter. To this end, the analyses were directed to the production and content of catechisms, dialoguing with authors of the *History of Prints and Books*, such as Chartier (1990; 2002; 2010; 2011) and Darnton (1990; 2010). We related the assumptions discussed by Eliade (1992a) in analyzing of this content. They enabled us to understand three fundamental principles that the catechism aimed to spread to the reader: “to know” the Christian doctrine, “to act” as a Christian, and “to convince” other people to incorporate the customs and precepts of the Catholic Church into their lives. It was also possible to verify different ways of reading the reformulated catechism and the possibilities of formations that it made possible. The Second Vatican Council has influenced the reformulation of this catechism because of religion and educative discussions. The Council has kept tradition and, at the same time, inserted itself into a dynamic catechesis that intended to involve more faithful to the Catholic Church. The analysis of the First Catechism of Christian Doctrine, published by Editora Vozes in 1964, allowed us to identify that the changes made also corresponded to a logic aimed at increasing sales of this title and other materials indicated as complementary resources that allowed different ways of using the catechism, demonstrating that the formation intended by the same form can suffer variations. The study helped to understand Catholic movements to integrate and maintain their space in Brazilian society through educational prints in the 20th century. They formed customs, and ways of acting and they are efficient in the project to reach more believers.

Keywords: catechism; printed; history of education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paralelismo “Lições Catequéticas Quinet”	17
Figura 2 – Circuito de comunicação.....	26
Figura 3 – Obras para ensino religioso Catálogo Vozes	34
Figura 4 – Exemplar de 1954 – 76ª edição.....	43
Figura 5 – Exemplar de 1951 – 1º Edição.....	43
Figura 6 – Primeiro Catecismo 1958 (48p.)	44
Figura 7 – Primeiro Catecismo 1958 (80p.)	44
Figura 8 – Comparação.....	46
Figura 9 – Capa do Primeiro Catecismo (1964)	47
Figura 10 – Orações principais.....	48
Figura 11 – Orações Principais (1964)	49
Figura 12 – Disposição das lições	51
Figura 13 – Disposição das lições 2	52
Figura 14 – Os quatro tópicos	53
Figura 15 – Apêndice – Cânticos	54
Figura 17 – Como a lição é exposta	60
Figura 16 – Sequência de perguntas	60
Figura 18 – Lição 2 Jesus nos revela o Pai.....	62
Figura 19 – Concílios Orientais.....	67
Figura 20 – No batismo de Jesus, revela-se a Santíssima Trindade	68
Figura 21– Esquema explicativo Santíssima Trindade.....	69
Figura 22 – Concílios Ocidentais	71
Figura 23 – Lição 6.....	72
Figura 24 – Lição 21: Jesus nos ama pela Igreja.....	73
Figura 25 – Lição 5 – Modelo das famílias cristãs.....	75
Figura 26 – Lição 6 – Jesus nos ama até a morte	78
Figura 27 – Lição 8 – Mandamentos	82
Figura 28 – Lição 8 – Jesus nos mostra a vontade do Pai	82
Figura 29 – Lição 2 – Jesus nos revela o Pai.....	83
Figura 30 – Unção dos enfermos.....	88
Figura 31 – Alimentos e tempo de jejum	88
Figura 32 – Posição para comungar	89

Figura 33 – "Agir como filhos de Deus"	92
Figura 34 – Lição 1 – O sinal da salvação.....	95
Figura 36 – Missa do catecismo 2	97
Figura 35 – Missa do catecismo	97
Figura 37 – Lição 13 – Jesus nos faz seus soldados	100
Figura 38 – Lição 4 – Jesus prometido como salvador	104
Figura 39 – Jesus nos ensina a rezar.....	105
Figura 40 – Plano de aula	111
Figura 41 – Escalão e distribuição das unidades	113
Figura 42 – Oração como meio pedagógico.....	114
Figura 43 – Indicação dos recursos	123
Figura 44 – Relação ilustração e recurso.....	124
Figura 45 – Recurso: Livro História Sagrada.....	125
Figura 46 – História Sagrada: Criação do mundo	126
Figura 47 – História Sagrada: Criação do mundo 2	126
Figura 48 – Catecismo: Criação do mundo	127
Figura 49 – Catecismo: Criação do mundo 2	127
Figura 50 – Leituras Catequéticas	128
Figura 51 – Cantai, Criancinhas	130
Figura 52 – Quadros bíblicos	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações sobre as edições tradicionais (1938-1962).....	41
Quadro 2 – Comparação: apêndice do mesmo ano	44
Quadro 3 – Princípios: conhecer, agir e convencer	58
Quadro 4 – Lições 1 a 7.....	64
Quadro 5 – Ciclo da vida de Jesus.....	77
Quadro 6 – Lições 8 a 10.....	80
Quadro 7 – Lições 11 a 20.....	86
Quadro 8 – Lições 21 e 22.....	90
Quadro 9 – Comparação de perguntas.....	90
Quadro 10 – Na liturgia	94
Quadro 11 – Oração.....	99
Quadro 12 – Missão a cumprir	102
Quadro 13 – Devo guardar para a vida.....	104
Quadro 14 – Indicação de busca.....	110
Quadro 15 – Questões extraídas das lições	115
Quadro 16 – Seleção de perguntas para Primeira Comunhão	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Referencial teórico metodológico.....	24
CAPÍTULO I: Desenvolvimento, mudanças e estrutura do <i>Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã</i>	32
1.1 O <i>Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã</i> e a sua reformulação de 1964: história e singularidades.....	32
1.2 Publicação remodelada de 1964	35
1.3 A materialidade e a estrutura das edições	39
1.4 <i>Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã</i> : especificidades da edição remodelada de 1964....	46
CAPÍTULO II: Como o <i>Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã</i> buscava formar o católico? Uma análise dos conteúdos contidos no impresso	56
2.1 CONHECER	58
2.1.1 A Doutrina Cristã	58
2.1.2 Os dogmas nas lições	64
2.1.3 A História Bíblica/Doutrina extraída da história.....	74
2.1.4 Mandamentos	80
2.1.5 Sacramentos	85
2.2 AGIR E CONVENCER: aplicação à vida litúrgica, interior e apostólica	92
2.2.1 AGIR como cristão.....	92
2.2.2 Na liturgia.....	93
2.2.3 Oração	98
2.3 CONVENCER	99
2.3.1 Missão a cumprir.....	101
2.3.2 Devo guardar para a vida.....	103
CAPÍTULO III: Como o primeiro catecismo era usado? Uma análise de indícios do conteúdo e do roteiro catequético.....	107
3.1 Usos da integralidade do impresso.....	109
3.2 Usos de parte do impresso: a “Primeira Comunhão das criancinhas”	115
3.3 Usos em conjunto com outros recursos	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como foco a análise da versão reformulada do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicada em 1964, no Brasil. O referido impresso foi elaborado, pela primeira vez, no ano de 1903, com o objetivo de padronizar o ensino da doutrina cristã católica por meio de um texto único e oficial para reverendos, párocos, clero secular e fiéis de todas as paróquias das Dioceses da Província Meridional do Brasil. Esse título de catecismo foi publicado por várias editoras, alcançando alto número de edições, sendo que, durante seis décadas, houve poucas variações no formato e no conteúdo (DE SIMONE, 2019). No entanto, no ano de 1964, na 95ª edição, esse catecismo foi reformulado e publicado pela Editora Vozes como uma “edição remodelada e atualizada do tradicional Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p. 5), mudando o conteúdo, o projeto gráfico — de forma significativa — e o direcionamento de público.

A metodologia e a linguagem utilizadas no *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, anteriores à modificação de 1964, são destacadas em pesquisas (ORLANDO, 2008; PASSOS, 1998) que chamam a atenção para o seu método de memorização a partir de perguntas e respostas e conteúdo estritamente teológico, de difícil compreensão, apesar de ser direcionado para iniciantes. Passos (1998) reitera que o conteúdo do catecismo desenvolvido era carente no sentido educativo, sendo esse fator uma barreira para a assimilação e para a compreensão da doutrina católica, que tem como objetivo a internalização dos seus princípios na vida cotidiana. O autor destaca “um distanciamento entre o texto catequético, o contexto com sua expressão de vida e seu destinatário, particularmente, as crianças e os jovens”¹ (p.297). Orlando (2008, p. 184) afirma que os catecismos oficiais tiveram ampla divulgação e alto número de reedições, mas, segundo a autora, foram feitas pequenas modificações e adaptações do conteúdo e da linguagem “não atentando para as mudanças e transformações na sociedade e na Igreja”.

¹ Passos (1998) também comenta sobre as modificações, relacionando o alto número de edições do impresso, publicado por diversas editoras pelo Brasil, afirmando que “o que nos chama a atenção nesse fato, no entanto, é a reedição desses compêndios atualmente, com poucas modificações ou adaptações no conteúdo, na forma e metodologia” (p.289). Além disso, reforça, em nota, “a desconsideração diante dos avanços e conquistas do movimento catequético no Brasil e em nível mundial” (p.289). O autor comenta essa desconsideração em relação aos movimentos catequéticos, levando em conta o ano de 1998, quando cita a “a reedição dos compêndios atualmente”, pois esse título de catecismo ainda consta no catálogo do ano de 2022 da Editora Vozes.

De fato, é perceptível que a continuidade dos textos oficiais, durante seis décadas, sem significativas modificações pode demonstrar a falta de dinamicidade da Igreja Católica frente às discussões pedagógicas que efervesceram no Brasil, principalmente na década de 1930, com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, a reação dos católicos frente ao escolanovismo, a instituição do ensino religioso facultativo e a denominada pedagogia catequética. Passos (1998) aponta que, no período do desenvolvimento do texto oficial em 1903, a tradição catequética era incipiente no país, somando-se à falta de catequistas que poderiam cooperar para a produção do material com perfil mais pastoral. A hierarquia católica foi reforçada nas primeiras décadas da República, e o fato de o material ser produzido pelo episcopado brasileiro demonstra o distanciamento da Igreja Católica em relação aos leigos no período (PASSOS, 1998). Segundo Azzi (1977), a hierarquia da Igreja Católica, ausente de contribuições efetivas no Brasil desde a separação do Estado em 1889, passou a atuar novamente em busca de um lugar na sociedade estabelecendo novas alianças com o governo nas décadas de 1920 e 1930. Azzi (1977) destaca que “Não apenas a nível de estado, mas também a nível de nação se reata e se consolida a colaboração entre Igreja e Estado durante a década 1920-1930” (p.83) (sic).

Bittencourt (2014) destaca que, no início do século XX, diferentes congregações católicas vieram para o Brasil e instalaram-se, apesar do período de incertezas para a Igreja Católica no país, demonstrando “maior capacidade de resistência e de adaptação aos reveses da política e da economia, certamente graças ao poder simbólico e econômico da Igreja e a sua capacidade de fazer alianças no campo do poder” (p.124). A autora destaca que era comum a criação de gráficas interligadas com colégios católicos para a produção de livros e manuais para professores e estudantes, o que contribuía para a difusão dos saberes católicos e para a ampliação do poder econômico das gráficas católicas (BITTENCOURT, 2014, p.124). Os jornais também foram importantes instrumentos para divulgação de livros religiosos no país, incluindo os catecismos.

Ao realizar buscas pelo título do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional², identificamos que o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* foi, de fato, publicado por diversas editoras católicas em diferentes estados do Brasil nas primeiras décadas da República. Identificamos um maior número de publicações sobre o impresso a partir da década de 1920, em jornais de Petrópolis (RJ), Rio de Janeiro (RJ), Pouso

² <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Alegre (MG), Jaraguá do Sul (SC) e São Paulo (SP), que o anunciavam como “um catecismo de luxo”, que continha “os primeiros ensinamentos que se devem ministrar às crianças” (A CRUZ, 1922, p.3), ou sendo um texto “em formato pequeno e em bom papel” tornando-se “muito commodo, como objecto portátil que deve ser”³ (DIÁRIO NACIONAL, 1928, p.5), demonstrando a continuidade da tradição de os catecismos serem, em geral, livros que cabiam no bolso, podendo ser levados com facilidade junto ao corpo.

No ano de 1923, o jornal “A União” publicou uma lista de livros denominados como “escolares”, contendo o *Primeiro* e o *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*. A publicação descreve os livros como: “Compilados, segundo autores modernos, pelos professores da Escola Gratuita de São José de Petropolis e adoptados em inumeras escolas dos diversos Estados do Brasil” (p.4), sendo que os pedidos dos livros deveriam ser feitos ao “Centro da Bôa Imprensa”, propriedade do jornal “A União”. Foi exatamente dentro da Escola Gratuita de São José que se fundou a primeira estrutura da futura Editora Vozes em 1901, chamada de “Typographia da Escola Gratuita São José”, que, além do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicava, naquele momento, o 1º, 2º, 3º e 4º livros de leitura, livros de aritmética, gramática, ortografia, estilística, livros de história sagrada do antigo e novo testamento. A tipografia passou a publicar, em 1907, a “Revista de Cultura Vozes”, que deu o nome à atual Editora Vozes, fundada em 1911 com o nome de “Vozes de Petrópolis”: “devido ao grande sucesso da revista, em pouco tempo as pessoas começaram a chamar a tipografia que a imprimia de tipografia das ‘Vozes de Petrópolis’” (ANDRADES, 2001, p.34). Nos anos 1940, a editora passou por uma reorganização, passando a ser chamada de Editora Vozes Ltda. (ANDRADES, 2001).

Inicialmente, a Editora Vozes teve como editor o frade alemão Pedro Sinzig, que forneceu um caráter conservador e censor para a editora no período que atuou, em prol da “boa imprensa” (ANDRADES, 2004; HALLEWELL, 2005; BITTENCOURT, 2014; PAIVA, 1997). De acordo com Paiva (1997), Pedro Sinzig recomendava ou condenava livros utilizando o critério da moral católica para classificá-los e, assim, construiu um “discurso do veto”, disseminado a partir de seu “guia para consciência”, com a lista dos romances permitidos ou censurados para a leitura dos católicos.

³ Optamos por manter a grafia dos termos tal como no texto da época, utilizando-se o registro do português como apresentado na publicação.

De acordo com Almeida (2016), o “Centro da Bôa Imprensa”, localizado na cidade de Petrópolis, foi criado em 1910 e liderado por Pedro Sinzig na tentativa de centralizar veículos de informações católicas, objetivando a recristianização da sociedade brasileira. Paiva (1997) afirma que Pedro Sinzig objetivava a “reedificação da moralidade brasileira” (p.131) e a moralização do Brasil por meio do texto impresso. Podemos ver o movimento de centralização das informações católicas, observando na publicação do jornal “A União”, do ano de 1925, a divulgação do “catálogo de bons livros editados pela Administração das Vozes de Petrópolis” (A UNIÃO, 1923, p.5). De acordo com Almeida (2016), estava localizada quase ao lado do “Centro da Bôa Imprensa”, separados apenas pela “Escola Gratuita de São José” em Petrópolis. Então, mesmo situados lado a lado, o jornal “A União” publicava estrategicamente informações da “Administração das Vozes de Petrópolis”, que possuía seus próprios meios para divulgação dos seus livros, como a “Revista de Cultura Vozes”.

O jornal “A União” publicou, em 1923, o “Catálogo de bons livros”, classificando os livros em setores, contendo, além de livros escolares, livros instrutivos, devocionários e livros religiosos. O *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* poderia ser incluído principalmente no setor religioso ou instrutivo, no entanto, assim como em um anúncio dos livros escolares editados pelo “Centro da Bôa Imprensa”, a “Administração de Vozes de Petrópolis” compreendia o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* como livro escolar, reforçando a sua destinação para o ensino em escolas brasileiras, apesar de a instituição do ensino laico ter sido instaurada no país havia duas décadas.

Essa destinação explícita à educação escolar tem sido um dos motivos que têm levado pesquisadores(as) a estudar os catecismos na área de História da Educação. No meu caso, tive o primeiro contato com esse tipo de impresso no ano de 2017⁴. A partir da localização e da digitalização de catecismos disponíveis no Acervo Frei Chico, na Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi, da PUC Minas, durante experiência de Iniciação Científica, a inquietação a respeito do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* surgiu ao localizar a edição de 1964, apresentada como uma edição reformulada e atualizada, em relação às edições nomeadas de tradicionais. Na página de apresentação da edição, é informado ao(à) leitor(a) que são acrescentadas histórias

⁴ Como bolsista de Iniciação Científica do projeto *Catecismos escolares: a produção e circulação desses impressos católicos na primeira metade do século XX*. Coordenada por Maria José Francisco de Souza, a pesquisa teve como principal objetivo a análise comparativa da materialidade de exemplares de catecismos publicados no Brasil até o ano de 1960.

e ilustrações às lições, são feitas referências a recursos pedagógicos e didáticos, e os temas abordados recebem um maior desenvolvimento, mantendo-se o texto original do catecismo tradicional justificado pelo número de tiragens anuais que chegavam a 200.000 exemplares (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p. 5).

Outra mudança significativa que essa edição contempla é a publicação do manual para uso do catequista *Roteiro Catequético I: livro do mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, de autoria do Frei Carmelo Surian. Nas edições anteriores do catecismo publicadas pela Editora Vozes, havia uma *Apresentação*, cujo texto era datado de 1903, a qual é substituída, na edição de 1964, por um texto assinado por Frei Carmelo Surian, O.F.M (Ordem dos Frades Menores ou Ordem dos Franciscanos). Nessa nova apresentação, o autor faz recomendações e explicações nos seguintes tópicos: “Por que conservamos quase na íntegra o texto antigo”, “As modificações” e “O uso desse Catecismo”. Em 1964, o “Jornal do Brasil” anunciou novas publicações feitas pela Editora Vozes e, entre elas, descreveu o lançamento da nova versão do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, descrito como “uma nova edição ilustrada” do título (p.21). No mesmo ano, o “Jornal do Brasil” e o “Jornal do Commercio” também indicaram novos lançamentos da Editora Vozes, anunciando o “Roteiro Catequético” desenvolvido pelo Frei Carmelo Surian. Oito anos depois, no ano de 1972, o Jornal do Brasil publicou uma matéria intitulada “Editora Vozes: 71 anos de fé em bons livros” (NETO, 1971, p.12), descrevendo, além da história da editora, os 10 livros mais vendidos⁵, entre eles, o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, já em sua 104ª edição.

A localização da edição apontada como reformulada e atualizada instiga a análise principal desta pesquisa, pois a edição sofre mudanças em relação à linguagem, ao conteúdo, ao formato, ao número de páginas e à didática e, mesmo assim, continuou sendo um título com alto número de vendas pela Editora Vozes. Além disso, a data da nova edição relaciona-se com um período de grandes transformações da Igreja Católica, indicando que as modificações podem ter sido impulsionadas principalmente pelo Concílio Vaticano II, iniciado em 1962 e finalizado em 1965, mas também por influência de discussões educacionais anteriores e por estratégias

⁵ Os livros mais vendidos eram: “Jesus Cristo Libertador”, de Leonardo Boff; “Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade”, de Diná Martins; “Pílulas de otimismo”, de Padre Marcel-Marie e Dom Marcos Barbosa; “Engenharia de Sistemas” (INPE); “Cantos e Orações”, de vários autores; “Problemas de Linguística Descritiva”, de Joaquim Mattoso; “Palavra de Deus na História dos Homens”, de Frei Carlos Meesters; “Psicologia Social”, de Aroldo Rodrigues; e “Dicionário Enciclopédico da Bíblia”, de A. Van don Born e outros 46 autores.

econômicas, como a inserção de cores e de ilustrações para atrair o público infantil. Por fim, no Brasil, era um período de efervescência política econômica e social, que culminou no Golpe Militar de 1964, ocorrido no mesmo ano da publicação da edição reformulada.

Nesse sentido, buscamos compreender quais fatores podem ter contribuído para a continuidade da edição desse título que, de acordo com alguns autores, não correspondia às mudanças educacionais do período em que circulou sem modificações até a década de 1960, alcançando um alto número de edições, mesmo concorrendo com outros catecismos considerados mais atuais para o ensino, como a coleção de livros do Padre Álvaro Negromonte⁶. Estrategicamente, o Primeiro Catecismo (1964) traz, na última folha, uma relação das lições que nele correspondiam a páginas do “Lições Catequéticas”, de Abbé Quinet, indicando que a versão remodelada pode ter incorporado partes do catecismo francês, como se pode observar na figura abaixo:

⁶ Para uma análise dos catecismos de Negromonte, ver Orlando (2008).

Figura 1 – Paralelismo “Lições Catequéticas Quinet”

Precioso auxiliar para a catequese

LIÇÕES CATEQUÉTICAS QUINET

Livro com excelentes sugestões para a catequese infantil. Para facilitar o uso da obra aos catequistas, oferecemos o seguinte paralelismo:

1º CATECISMO	QUINET
Lições	Páginas
1ª	19
2ª	13;21
3ª	13
4ª	29
5ª	60
6ª	205
7ª	162
8ª	—
9ª	173
10ª	151
11ª	—
12ª	130
13ª	223
14ª	188
15ª	188
16ª	188
17ª	173
18ª	—
19ª	130;223
20ª	38;141
21ª	223
22ª	—

Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 127. (remodelado)

O título “Lições Catequéticas” também era publicado pela Editora Vozes, sendo que encontramos a segunda edição no catálogo de 1940. A indicação de paralelismo das páginas com o catecismo francês poderia atuar para dar credibilidade à nova edição do *Primeiro Catecismo* (1964). Ela também permite considerar influências extraídas do catecismo de Abbé Quinet para a reformulação. Além disso, o “Lições Catequéticas” é direcionado para catequistas, o que pode ter influenciado no desenvolvimento do *Roteiro Catequético I: Livro do Mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, destinado a catequistas para o ensino do *Primeiro Catecismo* (1964).

Podemos perceber, a partir dessa indicação de paralelismo com o catecismo de Abbé Quinet, que, apesar da instituição de um texto oficial e da tentativa de unicidade da doutrina, diferentes catecismos brasileiros e estrangeiros eram publicados lado a lado por diversas editoras no país. A tentativa de unificação já havia sido proposta desde o Concílio de Trento (1545-1563),

perdurando por séculos, até o recente Concílio Vaticano II (1962-1965), com a publicação do Catecismo da Igreja Católica (1992). O Papa João Paulo II, na carta apostólica “*Laetamur Magnopere*”, deixa o objetivo da instituição de um texto oficial mais claro do que a promulgação do texto oficial de 1903, ao determinar um texto-base para o desenvolvimento de outros catecismos locais:

Com a promulgação hodierna da edição típica latina, conclui-se, portanto, o caminho de elaboração do Catecismo, iniciado em 1986, e foi levado a feliz termo o auspício da supracitada Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos. A Igreja agora dispõe desta nova e autorizada exposição da única e perene fé apostólica, que servirá como «instrumento válido e legítimo ao serviço da comunhão eclesial», e também como «texto de referência segura e autêntica» para a elaboração dos Catecismos locais (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p.32).

Em relação aos catecismos dedicados a serem o texto oficial da doutrina cristã em séculos anteriores, verificamos, a partir dos estudos de Orlando (2013), Zilberman (2016) e Tambara (2005) e pela análise de obras do Acervo Frei Chico, a existência do *Compêndio/Cartilha da Doutrina Cristã* ou *Catecismo da Doutrina Cristã*, do cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, muito usado no fim do século XIX e constante nos pedidos de compra de materiais para aulas de primeiras letras no fim do século XIX (BATISTA; GALVÃO, 2009). De acordo com Tambara (2005), o cotidiano escolar, no século XIX, foi constituído por grandes disputas políticas e ideológicas e, além de outros catecismos usados como material de leitura no Brasil, era predominante o uso do *Catecismo da Doutrina Cristã* nas escolas. No fim do século XIX, durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), foi recomendada a elaboração de um catecismo único para cada país por conta da multiplicidade de catecismos em circulação (ORLANDO, 2013).

O “Jornal do Brasil”, do ano de 1962, destaca as tentativas de adoção e uniformização da doutrina católica por meio dos catecismos, dando exemplo da instituição do primeiro manual base no Concílio de Trento (1545-1563), intitulado como Catecismo Romano. Após três séculos, uma nova tentativa de uniformização do método de catecismo foi anunciada durante o Concílio Vaticano I (1869-1870), pois “se suscitaram divergências sobre o uso dos catecismos de São Belarmino e São Pedro Canísio” (JORNAL DO BRASIL, 1962). No entanto, a uniformização do ensino por meio de um catecismo único não foi consolidada por conta da não finalização do Concílio Vaticano I. No Brasil, essa discussão foi retomada durante o Concílio Plenário Latino-Americano, em 1899, em um contexto em que, segundo Klauck (2013),

iniciava-se uma busca pela unicidade universal do catolicismo, em circunstâncias de uma reforma católica que se atentava para a América Latina, pois:

As diretrizes católicas para esse continente, até então, encontravam-se muito limitadas. Um dos principais motivos dessa barreira era a forte vinculação entre a Igreja e o Estado. Essa união praticamente reduzia o clero latino americano a uma burocracia intelectual a serviço do Estado, situação conhecida como política do Padroado. Contudo, essa realidade irá mudar a partir das ações de Leão XIII e da ação de um clero reformado nos princípios do ultramontanismo. O princípio de unidade da Igreja Católica será fortalecido, no contexto latino americano, com a realização do Concílio Plenário Latino Americano, em Roma, no ano de 1899 (KLAUCK, 2013, p. 16).

Todas essas discussões mostram a perenidade dos catecismos ao longo do tempo e o significativo papel por eles desempenhado nos processos de transformação do catolicismo romano e na formação de novas gerações de católicos, inclusive no espaço escolar. Mesmo diante da importância para compreender a história da educação e da Igreja no Brasil, eles têm sido relativamente pouco estudados. Ao fazer buscas em plataformas digitais com o descritor “Catecismo da Doutrina Cristã”, foram localizados, no Google Acadêmico⁷, 217 resultados. Em sua maioria, aparecem pesquisas a respeito do *Catecismo da Doutrina Cristã*, referências ao *Segundo* e ao *Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã*, sobre catecismos publicados em língua indígena no Brasil, sobre o catecismo constitucional e catecismos da doutrina cristã utilizados em outros países, como o Timor Leste. Ao adicionar “século XX” na busca, aparecem 114 resultados; entre eles, ainda há aqueles sobre o *Catecismo da Doutrina Cristã* e catecismos de modo geral, que aparecem contextualizando a História da Igreja e do Ensino Religioso.

O levantamento com o título do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* não obteve resultados em outros repositórios⁸, apenas no Google Acadêmico, no qual foram encontradas dez pesquisas, sendo que apenas quatro analisaram algum ponto específico desse impresso. Além disso, por mais que esse catecismo seja citado em outras pesquisas como um catecismo desenvolvido no início do século para padronizar a doutrina católica no Brasil, esses estudos não concentram seus esforços para a compreensão do sucesso editorial por trás desse título que ainda é publicado pela Editora Vozes.

⁷ <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>

⁸ Biblioteca Digital de Dissertações e Teses do IBCT, Banco de dissertações e teses da CAPES, Scielo, livros, dossiê e Anais de congressos de História da Educação.

Os estudos, nas últimas décadas (CASIMIRO; ALMEIDA; SILVEIRA, 2017; ORLANDO; 2013; SILVA, 2007; ZILBERMAN; 2016), têm mostrado que existem diversas maneiras de abordar os catecismos nas análises. Eles aparecem fazendo parte de listas de materiais de leitura utilizados em escolas (BATISTA; GALVÃO, 2009), dão suporte para embasar discussões a respeito da pedagogia catequética (PASSOS, 1998) e para compreender a história do Ensino Religioso (CRUZ, 2016). Mas, como indicado, ainda são poucas as pesquisas que tomam o catecismo como objeto de estudo e exploram todas as suas dimensões, o que pode contribuir para a compreensão de outras faces da história da educação brasileira, principalmente diante dos atuais debates em torno do ensino laico no país.

Em geral, as pesquisas mostraram a importância de compreender os objetivos da Igreja em estabelecer hábitos em determinadas sociedades pelo processo de escolarização (OLIVEIRA; CORREA, 2006), por meio da leitura, da escrita e da memorização dos ensinamentos cristãos. O catecismo é considerado uma invenção cultural do período moderno, tendo seus primeiros resquícios no século XVI, e “se assumiu como nova pedagogia e meio de cultura das massas” (VAZ, 1998, p. 217). Tomou forma como gênero literário com Lutero, que desenvolveu o primeiro catecismo protestante, influenciando a criação de outros, como os catecismos católicos (HÉBRARD, 2007; ORLANDO; DANTAS, 2008; MOLINARIO, 2013; FRIESEN, 2017) e em sequência o Catecismo Romano⁹, referência para a formação e para o ensino católico ocidentais (COSTA; MARTINS, 2010). Os autores procuram, por meio da história da origem dos catecismos, compreender a necessidade de adaptação desses impressos à cultura moderna, à pós-moderna e à contemporânea, considerando, então, que o catecismo foi capaz de desafiar contextos, preservar-se mesmo com transformações e proliferar devido à cultura gráfica e à representação pedagógica.

No que se refere à dimensão pedagógica, os catecismos foram utilizados como material de primeira leitura em escolas e, de acordo com Souza e De Simone (2019), configuraram-se como artefatos da cultura material escolar. Desse modo, considerar os catecismos e outros artefatos como objetos da História da Educação contribui para uma melhor compreensão do ensino de um determinado período. No caso brasileiro, pesquisas revelaram que os catecismos faziam

⁹ O Catecismo Romano ou Catecismo do Santo Concílio Tridentino foi um catecismo desenvolvido durante o Concílio de Trento no século XVI. Foi voltado para ser claro e acessível para adultos e crianças, sendo que “Desde a sua elaboração, o catecismo tridentino passou a ser estudado e divulgado como manual da verdadeira fé católica tridentina e fonte da sagrada doutrina, por diversos papas” (COSTA; MARTINS, 2010, p.100).

parte do currículo das escolas públicas até o século XIX com fins para a educação moral e religiosa (TAMBARA, 2005; TEIXEIRA, 2008; NASCIMENTO *et al.*, 2013, DOS ANJOS, 2016; ZILBERMAN, 2016).

Tambara (2005) ressalta que o vínculo constitucional da Igreja no período destacado possibilitou as práticas de ensino em escolas de primeiras letras por meio dos exercícios contidos nesses impressos religiosos. No entanto, com a proclamação da República e conseqüentemente a separação entre Estado e Igreja no final do século XIX, os catecismos deixaram de fazer parte do currículo oficial das escolas públicas no início do século XX por pelo menos três décadas. Mesmo assim, os catecismos não deixaram de ser elaborados e circularam com alto número de edições em diferentes espaços, incluindo escolas, como destacado anteriormente.

As pesquisas de Orlando (2008; 2013) sobre os catecismos no século XX tiveram como foco os manuais que circularam entre as décadas de 30 e 60, sob influência de disputas pela manutenção do Ensino Religioso, da difusão dos ideais escolanovistas e do movimento da renovação catequética. Esses movimentos possibilitaram o aumento da produção de manuais de catecismos voltados para o currículo escolar, como a coleção de catecismos de Padre Álvaro Negromonte, que se apropriou da pedagogia ativa ao formular o que Orlando (2008; 2013) chamou de “livros didáticos de catecismos”, possibilitando o diálogo entre o Ensino Religioso e as ciências da Educação. Segundo a autora, Negromonte produziu impressos dedicados à formação de professoras catequistas e também com foco nas famílias cristãs, entrelaçados à “Ação Católica”, que buscava a expansão da formação da doutrina cristã aos leigos. Desse modo, os catecismos desenvolvidos por ele possuíam o perfil de livro didático e eram dedicados não apenas às escolas e às catequeses, mas também a diferentes espaços que “se aproximavam do universo escolar” (ORLANDO, 2013, p.20).

Durante a leitura das pesquisas, foi possível observar as seguintes variações de definições para catecismo: “manual” (AZZI, 1977; CRUZ, 2016; MOLINARIO, 2013), “livro didático de catecismo”; “manual de leitura” (ORLANDO, 2008; PASSOS, 1999), apenas “livro” (DOS ANJOS, 2016; VAZ, 1998) “*prayer book*”, “*small confessional book*” (FRIESEN, 2017), “livro didático de leitura” (FELDENS; NASCIMENTO; ALMEIDA, 2013), “livro”, “manual de instrução elementar da fé cristã” (SILVA, 2007), “compêndio”, “manual didático pedagógico” (OLIVEIRA; CORREA, 2006) e “texto de leitura” (TAMBARA, 2005). A partir dessa

diversidade de definições do catecismo, foi possível perceber que cada pesquisador compreende o catecismo a partir de uma determinada ótica/escala, o que pode ser explicado, entre outros fatores, pela influência do período estudado ou das instâncias pesquisadas.

A respeito do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, como anteriormente referido, foram encontradas quatro pesquisas que analisam algum ponto específico ou apenas citam esse impresso. Cruz (2016) analisa duas edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, uma edição de 1916, publicada pela Casa Sucena, e outra de 1932, pela Pia Sociedade de São Paulo, e dois catecismos do autor Padre Álvaro Negromonte, *O Caminho da Vida* (1953) e *A Doutrina Viva* (1939). O intuito da análise foi identificar como os saberes presentes nesses impressos foram sendo incorporados ao Ensino Religioso do estado do Acre, que ordenava o uso de catecismos como apoio.

Silva (2007) aborda o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* ao analisar mecanismos de construção do sentido do campo discursivo religioso materializado por meio de gêneros de “divulgação religiosa”. A autora, a partir da análise do discurso do texto “Jesus nos faz seus soldados”, extraído do *Primeiro Catecismo Da Doutrina Cristã*, publicado em 2005, edição 145°, conclui que esse catecismo confirma o *éthos* dado pelo gênero catecismo, e define-o como “manual elementar da fé cristã”. Gama (2001) explora entrevistas feitas com militantes cristãos, ao falarem das experiências e enfrentamento no mundo à luz de uma espiritualidade específica, situados no contexto eclesial. *O Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* é citado no tópico que os entrevistados falam sobre suas memórias dos tempos de criança, quando, segundo o autor, já haviam tido contato com a “dimensão do sagrado”. Nessas entrevistas, Gama (2001) cita, em um pequeno trecho, que alguns militantes conheceram o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* participando do “catecismo” e muitos seguiram uma trajetória como formadores paroquiais de catequese na adolescência. A partir desse trecho, pode-se afirmar que esse catecismo teve um papel educador e formador nos espaços religiosos.

Em um estudo comparativo, Romão (2012) analisa fatores que ajudaram no desenvolvimento da teologia sacramental contemporânea. Para isso, o Concílio Vaticano II foi um dos acontecimentos históricos abordados e, de acordo com o autor (2012), “O que o Primeiro Catecismo da Igreja aplicava aos sacramentos, o Concílio Vaticano II aplica ao cristianismo em sua natureza e em sua dinâmica histórica”. Nesse trecho, o sacramento do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* é citado em nota. Em relação a contextos anteriores ao Concílio II, Santana

(2007) investiga a história do Padre Cícero que viveu no Ceará entre 1844 e 1934. Em um trecho da pesquisa, ao falar da Pastoral Coletiva de 1915, *O Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* é citado como um “manual síntese” dessa Pastoral, sob a forma de perguntas e respostas.

Nas pesquisas de Romão (2012) e Santana (2007, p.53), *O Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* é relacionado a dois momentos importantes na história da Igreja no Brasil: a Pastoral Coletiva de 1915, que “serviu de constituição eclesiástica e guia para a Igreja Católica até o Concílio Vaticano II”, e o Concílio Vaticano II (1962-1965), que, segundo Romão (2012), representa o impulso fundamental para a renovação da Igreja no país.

Portanto, a análise das informações e modificações na publicação da edição de 1964 desse catecismo, identificadas a partir da comparação com edições anteriores, puderam responder perguntas como: qual público pretendia-se atender com as adequações? Qual formação era pretendida com o uso do catecismo? Quais estratégias metodológicas foram mobilizadas? Quais foram as ações educacionais discutidas e desenvolvidas pela Igreja Católica nesse período? Quais estratégias foram usadas para manter esse título com alto número de edições durante 60 anos até a modificação por meio da edição reformulada?

Em outras palavras, baseadas nessas perguntas, analisamos as edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, especificamente a sua reformulação publicada e editada pela Editora Vozes, com a análise do *Roteiro Catequético 1: livro do mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, a fim de compreender a ação educativa desses objetos como instrumentos de formação na década de 1960, período de intensas transformações da Igreja Católica.

Referencial teórico metodológico

Uma edição “remodelada e atualizada do tradicional *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*”; “um texto completo e atraente quanto possível, mas barato ao alcance da bolsa da maioria de nossos Vigários e fiéis”; “referências a vários e valiosos recursos pedagógicos e didáticos para os catequistas e alunos”; “ligeiras alterações no texto antigo”; “ilustrações didáticas”: esses são alguns dos apontamentos descritos na *Apresentação* da edição remodelada do *Primeiro Catecismo* (1964, p.4) que motivaram o início desta pesquisa e provocaram a seguinte pergunta: como compreender um impresso religioso que manteve sua estrutura por 60 anos sem rupturas e passou por uma significativa modificação em seu texto e em sua materialidade? Os livros possuem uma historicidade própria (CHARTIER, 2010; DARNTON, 1990) e, por isso, é preciso entender o seu processo de produção e estudá-lo à luz de concepções da história do livro e dos impressos.

Conforme Chartier (2010) e Darnton (1990), um aspecto a ser considerado nos estudos que se dedicam à história do livro e dos impressos é conhecer os meios de produção e circulação do objeto que permitem compreender questões econômicas, sociais, estratégias de vendas e os principais espaços de circulação. Nesse sentido, para compreender a historicidade de um livro, também é necessário identificar os sujeitos envolvidos no desenvolvimento e na publicação e ter em mente que o livro é um objeto composto de intencionalidades que ultrapassam o seu conteúdo.

No processo de desenvolvimento da leitura, o sentido construído desloca-se daquele pretendido pelo autor para apropriações múltiplas e, por isso, um texto não é o mesmo, caso os modos de escrita e a materialidade sejam alterados, uma vez que as formas de leitura também determinam a construção dos significados (CHARTIER, 2002). Segundo Chartier (2002), os corretores da Champagne, por exemplo, costumavam alterar a apresentação do livro, o número de parágrafos e até o número de capítulos pensando nos hábitos de leitura do público-alvo, ou seja, o texto pensado inicialmente pelo autor pode sofrer modificações diversas; entre essas modificações citadas, acrescentam-se também modificações gráficas, de pontuação e ortografia.

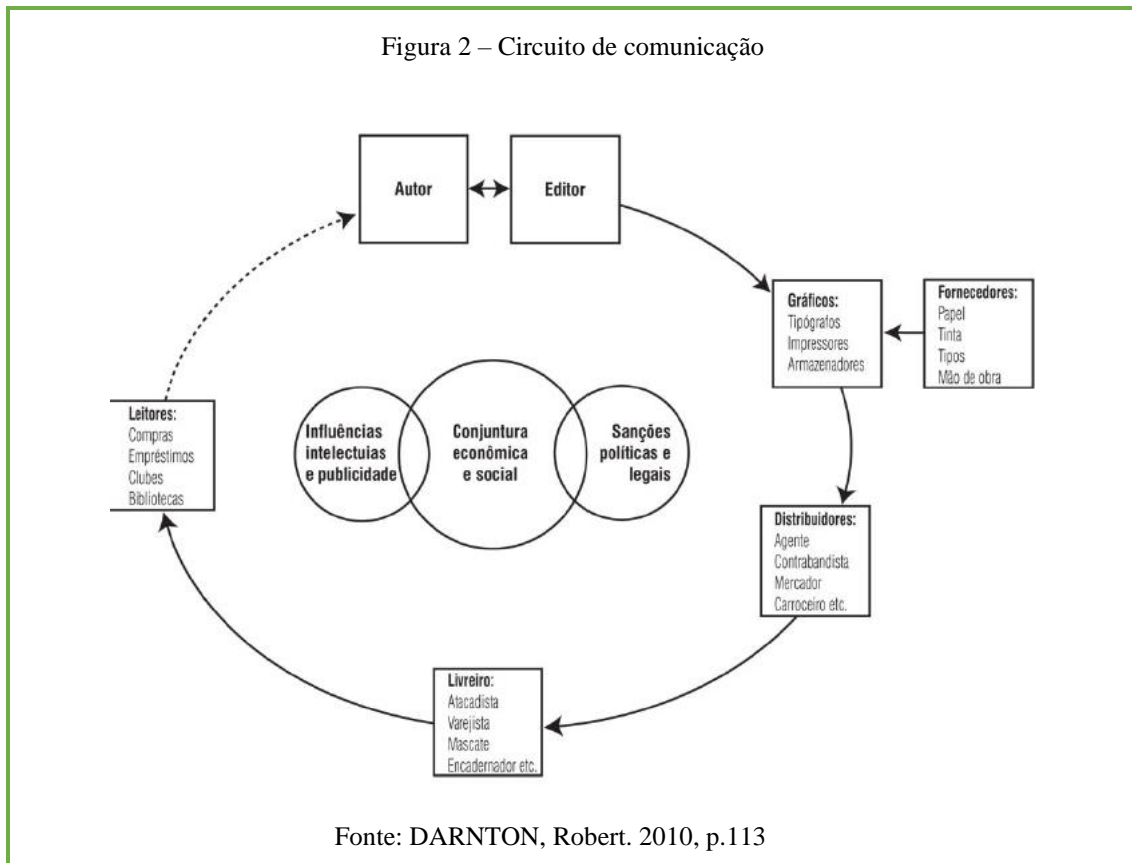
Para compreender o catecismo, foi preciso explorar os sujeitos envolvidos e as etapas de produção que abrangem as modificações textuais e gráficas. A fim de tornar esse procedimento possível, os catecismos foram analisados com base nas concepções de “texto” e “impresso”

propostas por Chartier (1990). Primeiro, o catecismo foi explorado a partir do texto, o que possibilitou compreender as intenções e estratégias de escrita do autor – que, no caso, representa a instituição Igreja Católica. Em segundo lugar, foi preciso analisar o impresso que lhe serve de suporte, pois, além de o texto depender do suporte material para chegar a seu(sua) leitor(a), a análise do impresso revela escolhas e importantes modificações tipográficas que, à primeira vista, podem ser consideradas pequenas, mas evidenciam elementos que configuram os modos de produção, usos, intenções e influências supostamente seguidas (CHARTIER, 1990).

Ao dizer que cada etapa da produção de um livro tem importância para a sua compreensão como um todo, Darnton (1990; 2010) descreve que as intencionalidades podem ser especificadas pelo “circuito de comunicação”, cuja análise permite compreender questões econômicas, sociais, educacionais e culturais que influenciam na produção de um impresso, tornando possível entender concepções e ideias de um determinado período (DARNTON, 1990; 2010). O “circuito de comunicação” representa todo o caminho e os processos percorridos por um livro:

A história do livro se interessa por cada fase desse processo e com o processo como um todo, em todas as suas variações ao longo do espaço e do tempo e em todas as suas relações com outros sistemas — econômicos, sociais, políticos e culturais — no ambiente que o cerca (DARNTON, 2010, p. 179).

Para Darnton (2010), o “circuito de comunicação” orienta a análise do livro desde o(a) autor(a) até o(a) leitor(a), pois, por mais que se pense que o(a) autor(a) determina o sentido do objeto, o(a) leitor(a) influencia “o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o(a) leitor(a) completa o circuito” (p.179). Entretanto, nem sempre é possível identificar todas as etapas do “circuito de comunicação” e, por isso, é destacada a possibilidade da análise fragmentada a partir do recorte de uma etapa do circuito, permitindo uma investigação mais delimitada. Porém, essa estratégia não permite a compreensão do impresso como um todo. Assim, Darnton (2010) aponta o possível ajuste do “circuito de comunicação”, adaptando-o ao período analisado, podendo contribuir com os meios e informações de que o pesquisador dispõe.



Como podemos ver, o “circuito de comunicação” interliga todo o processo de produção de um impresso. Darnton (2010) destaca que o autor/editor “pode usar seu trabalho para rebater críticas sobre sua obra anterior, ou prever reações que serão causadas pelo texto” (p.179). O desenvolvimento do texto do *Primeiro Catecismo* (1964), pelos seus autores, está intimamente ligado à segunda questão disposta acima, pois o formato do texto em perguntas e respostas demonstra a intenção dos autores do texto em dispor de uma ação e de reação, ou melhor, a inculcação que estabelece e direciona as reações, além dos saberes a serem transmitidos para o(a) leitor(a). No entanto, a análise do conteúdo do texto e da materialidade do impresso não é suficiente para compreender essas intenções pré-definidas, pois as outras etapas da circulação do impresso demonstram as influências externas que podem interferir no produto final.

Com a História Cultural, livros desconsiderados anteriormente pela historiografia mostraram-se como fontes indispensáveis para a compreensão de acontecimentos e práticas diversas (DARNTON, 2010) e, desse modo, a história do livro e dos impressos possibilitou pesquisas que analisam os textos e seus diferentes suportes. Batista, Galvão e Klinke (2002), por exemplo, investigaram livros escolares do período de 1866 a 1956 explorando as possibilidades de compreensão do livro escolar e as formas assumidas por eles. Também em relação ao espaço

escolar, Avelar (2018) analisou o *Compendio de Gymnastica Escolar*, de Arthur Higgins, direcionado para a formação de professores entre 1896 a 1934, e, por meio da análise do conteúdo e da materialidade do impresso, identificou os leitores visados e o objetivo do compêndio de auxiliar os exercícios de ginástica no período. Avelar (2018) também atentou às variações dos impressos analisados, verificando as diferenças entre as publicações ao longo dos anos.

Seguindo essa lógica, Barbosa (2019) analisou cinco obras de literatura infantil, publicadas entre os anos de 1940 a 1980, buscando compreender a permanência dessas obras em diferentes versões no mercado editorial brasileiro, constatando que as diversas releituras, intervenções gráficas e adaptações contribuíram para a continuidade de circulação em períodos distintos. Essas duas últimas pesquisas fazem análises que se assemelham ao que será apresentado nesta dissertação e, embora Barbosa (2019) tenha analisado livros que não foram desenvolvidos especificamente para o espaço escolar, assumem o papel educativo, o que permite a relação com pesquisas no âmbito da história da educação.

Outros tipos de impressos, como jornais e revistas, também são analisados a partir de aspectos da produção, da circulação, do conteúdo e dos leitores visados, a fim de compreendê-los como instrumentos educativos (JINZENJI, 2008; MELO, 2013). Entre esses outros tipos de impressos com potencial de análise, encontra-se o catecismo. Aproximando-se mais do objeto desta dissertação, Orlando (2008), como já citado, analisou uma coleção de catecismos escolares a partir do seu suporte material e conteúdo e identificou que a coleção de catecismos atuou como ferramenta didática que acompanhou as práticas desenvolvidas pela Igreja Católica na primeira metade do século XX.

Como pode ser visto, a relação da história do livro e dos impressos com a história da educação possibilitou investigações de diferentes tipos de impressos – destinados ao espaço escolar ou não – por meio da análise do texto e da materialidade, percorrendo etapas do “circuito de comunicação”. A compreensão das diferentes etapas de produção de um livro contribui para o entendimento das relações produtoras de sentido (CHARTIER, 1990) e, além disso, fazer uma análise a partir do texto e do impresso torna possível perceber as mudanças e permanências de diferentes edições de um mesmo objeto.

Para compreender melhor essa aparente dualidade, Galvão e Melo (2019) discutem aspectos teóricos e metodológicos para a análise em pesquisas em história da educação, descrevendo possibilidades de investigação de texto e impresso. As autoras apontam ser necessária uma problematização ampla do objeto a partir do “levantamento dos temas contidos nos impressos ou a reconstrução dos modos como os autores/editores se dirigem ao leitor”, pois essas etapas são fundamentais para a compreensão dos processos históricos em que se inserem. Marcas tipográficas como tamanho, tipo de letra, disposição textual também devem ser analisadas, pois fazem parte de escolhas que produzem efeitos de sentido. Ainda em relação ao impresso, destacam que é preciso analisar e comparar como o conteúdo inscreve-se nas variações do texto, focando nos aspectos visuais, físicos e de produção técnica que organizam o objeto. De acordo com as autoras, a partir dessas possíveis entradas, devem-se fazer perguntas a respeito do texto e do impresso, como a respeito das condições de produção e elaboração; quem escreveu, por que escreveu, para quem, com qual finalidade; verificar o número de páginas, tipo de papel, capa, imagens, tiragem, preço etc., ou seja, os aspectos materiais, textuais, de produção e de distribuição devem ser descritos e problematizados em relação a aspectos mais amplos da pesquisa.

Desse modo, no procedimento para compreender as alterações e permanências no conteúdo e na materialidade do objeto, é preciso levar em conta que “o modo como os temas são tratados nos impressos estão inscritos no tempo/espaço em que foram produzidos” e “somente assim eles podem ser compreendidos sem anacronismos e em uma perspectiva de média e longa durações” (GALVÃO; MELO, 2019, p. 232).

Em relação à periodização adotada na pesquisa, 1964 foi determinado como referência por ser o ano em que o catecismo foi reformulado pela Editora Vozes. No entanto, o tempo da narrativa flutuou por períodos anteriores que ajudaram a compreender contextos e conexões com processos que viabilizaram problematizações acerca do objeto, como a conferência episcopal em que se deu a escrita do texto do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* em 1903, o movimento de renovação catequética, o Concílio Vaticano II e as mudanças metodológicas iniciadas pelos manuais de catecismos em consonância com os debates educacionais da época. Por isso, ao focar na produção da edição remodelada de 1964, foi necessário ter atenção às mudanças em relação às edições anteriores desses catecismos publicados pela Editora Vozes, para analisar as preferências de permanências, estratégias tipográficas e comparação dos métodos. Também foi preciso ir além da data de remodelação do catecismo (1964), para

compreender as mudanças instituídas pelo Vaticano II, como informações no Catecismo da Igreja Católica geradas por esse Concílio e a constância de publicações do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* até os dias de hoje. Para fazer essas escolhas, baseamo-nos nas reflexões de Barros (2013, p.18) sobre a perspectiva de tempo na história. O autor afirma que a história estuda “as ações e transformações humanas (ou permanências) que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo, mais longo ou mais curto”. Compreender a relação do tempo com os impressos não se inscreve, assim, na lógica do tempo linear e cronológico, mas sim naquela das interações e dos acontecimentos que o constituem.

Outra questão que surgiu, ao focalizar a edição de 1964, foi em relação à existência do *Roteiro Catequético I: livro do mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, de Frei Carmelo Surian. Esse roteiro possui o plano de aulas referentes a cada tema do catecismo, no qual são descritos os materiais que devem ser usados pelo catequista, o tempo de aula, a idade de referência e os incentivos ao catequista para anotar as reações favoráveis e desfavoráveis do(a) aluno(a) para melhorar o ensino a partir da visão crítica.

Por isso, perguntamos: a publicação e o direcionamento de uso do *Roteiro Catequético I: Livro do mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, concomitante com o *Primeiro Catecismo* (1964), pode representar um novo sentido para utilização do impresso, deslocado do sentido pensado pelos autores em seu desenvolvimento em 1903? Então, a reformulação, publicada em 1964, foi pensada e desenvolvida para uso conjunto dos dois impressos? Por que foi necessário o desenvolvimento de um roteiro para orientar catequistas? Em relação a esta última pergunta, procuramos compreender também a formação de professores/professoras/catequistas do período e as práticas direcionadas ao uso do livro do professor como mecanismo regulador (SOARES, 2001).

A análise da relação entre o *Primeiro Catecismo* (1964) e o *Roteiro Catequético I*, baseada nas concepções sobre texto e impresso (CHARTIER, 1990) e em etapas do “circuito de comunicação” (DARNTON, 1990; 2010), possibilitaram a identificação dos autores envolvidos, do público-alvo, dos elementos socioculturais e da metodologia. Os catecismos foram analisados, também, como documento, escolha que, segundo Cellard (2010), contribui para a reconstituição de um passado distante que contém vestígios de atividade humana de determinada época, permitindo a compreensão do tempo e do social. A compreensão do contexto e do autor/editor, de acordo com Cellard (2010), possibilita que haja uma maior

compreensão dos motivos que o levaram a se expressar pelo impresso, contribuindo em todas as etapas da pesquisa, para uma maior clareza do contexto social, econômico, político e cultural, que influenciaram na escrita. Duby (1993, p.15) afirma que os documentos “se integram à representação de um passado coletivo”, no entanto, é preciso reduzir contradições, selecionar todas as hipóteses e escolher as mais seguras.

É importante destacar que foram necessárias algumas etapas de análise até chegar a um formato que fazia sentido para compreender o objeto. No primeiro momento da pesquisa, foi realizada uma análise exploratória mobilizando trechos do *Primeiro Catecismo* (1964), em quadros analíticos, relacionando esses trechos a categorias apontados por Eliade (1992a), como “ritual”, “gesto divino”, “consagração”, “profano”, “mito”, “beatitude”, “gesto arquetipo”, “cosmogonia”, “dogma” e “tempo sagrado”. Essas categorias, relacionadas às questões do catecismo, foram delineando princípios com foco nos ensinamentos considerados fundamentais para um cristão, modelos e exemplos a serem incorporados no modo de agir, além de momentos em que há orientações de agir convencendo outras pessoas a também agirem conforme os ensinamentos/a doutrina.

Por isso, os termos propostos por Eliade (1992a) foram essenciais para o primeiro movimento de compreensão dos objetivos das perguntas e respostas que compõem o catecismo, pois, a partir do agrupamento dos trechos em quadros analíticos, foi possível apreender três princípios que baseiam a concepção do impresso: **conhecer**, **agir** e **convencer**. A partir disso, a análise do conteúdo do catecismo foi fundamentada com o objetivo de compreender as seguintes questões: como o catecismo empenhava-se em fazer o(a) leitor(a) **conhecer** os dogmas e a doutrina católica? Quais estratégias foram utilizadas para o(a) leitor(a) **agir** conforme esses ensinamentos e incorporar o aprendizado na sua vida cotidiana? Como o catecismo estimulava ações do(a) leitor(a) em prol de **convencer** outras pessoas a inculcarem os ensinamentos católicos em suas vidas?

Além da análise do conteúdo, a análise da materialidade também foi desenvolvida por meio de quadros analíticos nos quais foram inseridas informações gerais encontradas nas edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicadas pela Editora Vozes, permitindo compreender a lógica de publicações, as estratégias de vendas, os números de edições e as categorias em que eram classificadas em catálogos e jornais. Para este último aspecto ser possível, além da análise do próprio catecismo, levantamos informações de revistas e jornais

disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁰, além de analisarmos catálogos da Editora Vozes do nosso acervo pessoal, digitalizados e gentilmente cedidos pela pesquisadora Evelyn Orlando, que estuda os catecismos do Padre Álvaro Negromonte.

Seguindo a proposta de Chartier (1990), em relação à reconstituição de um objeto, esta dissertação está organizada em três partes. Para o autor, é necessário “considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objecto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (p. 127). Posto isso, no Capítulo 1, analisamos o objeto e sua materialidade; no Capítulo 2, o conteúdo posto em texto; e, no Capítulo 3, as formas de uso possíveis de serem praticadas com o catecismo analisado.

Por fim, a análise de outros documentos oficiais de concílios e conferências católicas foi essencial para desenvolver a narrativa da dissertação, levando em conta que as narrativas são construídas ao longo de tempo e são produtos da memória representada, nesse caso, pela escrita. Assim, a partir do melhor entendimento das dimensões mobilizadas para a construção historiográfica, Barros (2013, p.23) afirma que o historiador precisa compreender que a história recebe influências dos contextos em que ela é produzida, sendo que “o historiador é também um escritor, que deverá construir um tempo narrativo para discorrer sob fatos e aspectos que pertenceram ao tempo vivido”.

¹⁰ Vale destacar, nesse aspecto, que a pesquisa foi desenvolvida durante a pandemia do Covid-19 (2020/2022), impactando diversos aspectos e etapas do processo de escrita devido à insegurança quanto ao futuro e às restrições de acesso a fontes e referências bibliográficas impostas pelo contexto pandêmico, uma vez que arquivos e bibliotecas foram fechados. Importante registrar que, no caso brasileiro, foram quase 700mil vidas perdidas, segundo dados do Painel Coronavírus do Ministério da Saúde (<https://covid.saude.gov.br/>), número que colocou o Brasil entre os 10 países com maior número de óbitos no mundo, segundo dados do monitoramento realizado pela Johns Hopkins University, COVID-19 Map (<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>). Nesse contexto de insegurança, ameaças cotidianas à saúde e fortes restrições, as aulas, as interações e o contato social com colegas, professoras e professores, que permitem trocas e vivências, foram fortemente afetados pelo formato on-line das aulas e da maior parte das orientações. Viver o universo pandêmico afetou a realização das pesquisas, a saúde mental e emocional de estudantes e docentes que, além de cuidar da sobrevivência e lidar com as perdas de entes queridos, tiveram que adequar o ambiente familiar e as demandas acadêmicas em um único espaço.

CAPÍTULO I: Desenvolvimento, mudanças e estrutura do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*

Neste capítulo, analisamos em quatro tópicos as dimensões que remetem à contextualização do desenvolvimento do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, no início do século XX, e sua diferença em relação a outros textos oficiais que foram escritos no mesmo período, além das influências externas anteriores à década de 1960, como renovações católicas, que podem ter refletido na sua reformulação do ano de 1964. Busca-se analisar e comparar estrutura, materialidade, compreensão de valores, número de edições, tamanho e adição, redução e exclusão de apêndice presentes nos diferentes catecismos. Para isso, foram selecionados catecismos anteriores à reformulação da década de 1960 (que nesta pesquisa chamamos de tradicionais), além de dados encontrados em catálogos e jornais, para compreendermos melhor as mudanças feitas na reformulação da edição do Primeiro Catecismo (1964).

1.1 O *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* e a sua reformulação de 1964: história e singularidades

Em resposta ao Concílio Plenário Latino-Americano de 1899, foi redigido, quatro anos depois, um texto oficial de catecismo, buscando-se cumprir a prescrição de uniformização do ensino católico, como se pode ver na afirmação contida no texto de “Aprovação”, reproduzido na primeira página do impresso: “havemos concordado na publicação de um catecismo resumido da doutrina cristã, que uniformizasse o seu ensino em todas as paróquias de nossas dioceses” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1954¹¹, p.3). O texto foi assinado pelo Arcebispo do Rio de Janeiro e por oito bispos de cidades e estados como Rio Grande do Sul, Mariana (MG), São Paulo, Pouso Alegre (MG), Espírito Santo, Diamantina (MG), Petrópolis (RJ) e Curitiba (PR), que representavam a Província Meridional do Brasil e reuniram-se em conferência no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em 3 de setembro de 1903. De acordo com o texto de aprovação dos catecismos, deveriam ser publicados um “catecismo resumido da doutrina cristã”, o “*Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*” e um “Catecismo maior”:

¹¹ Neste capítulo, para análise dos catecismos anteriores à edição reformulada, decidimos utilizar, de modo central, o catecismo de 1954 por termos o exemplar em nosso acervo pessoal. Em outras edições do catecismo digitalizadas e analisadas em pesquisa anterior (DE SIMONE, 2019), observamos que o texto de “Aprovação” que consta em todos é o mesmo, com data de 1903. Além do texto de apresentação, também as perguntas e respostas são as mesmas. O diferencial da estrutura dos catecismos tradicionais se dá pelo apêndice, sobre o qual falaremos adiante.

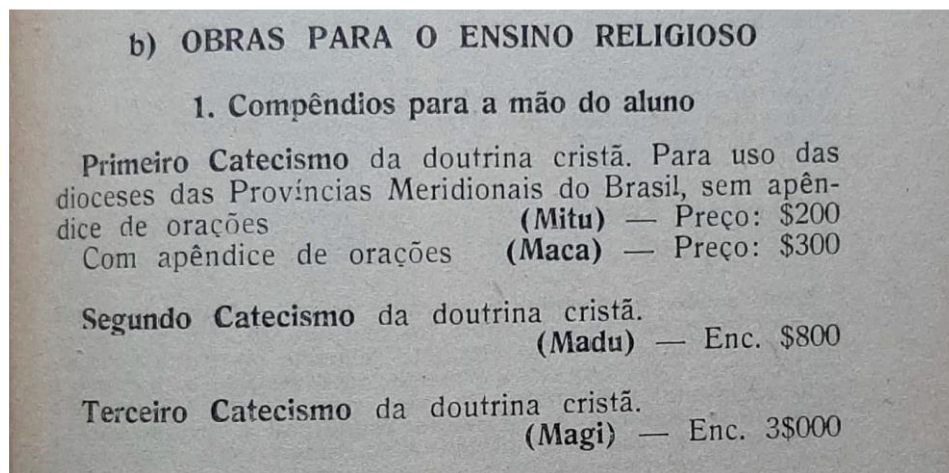
Considerando a suma necessidade do ensino católico para a salvação eterna dos indivíduos para a mesma felicidade temporal da sociedade e conhecendo a indiscutível conveniência de ser uniforme esse ensino, não só quanto à substância da doutrina senão nas miúdas formas com que ele se transmite aos fiéis, Nós, Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro e Bispos da província meridional do Brasil reunidos em conferência no santuário de Nossa Senhora Aparecida, de conformidade com o que prescreve o Concílio Plenário Latino-americano, havemos concordado na publicação de um **catecismo resumido da doutrina cristã**, que uniformizasse o seu ensino em todas as paróquias de nossas dioceses. Considerando mais que o ensino se deve forçosamente acomodar à capacidade de quem o recebe de maneira que não falte a ninguém o indispensável conhecimento das verdades da nossa fé cristã, havemos resolvido, **além do catecismo resumido, dar um ainda mais elementar, destinado aos principiantes** e aos que, por absoluta falta de outros meios, não possam sequer tomar todo o ensino do mesmo catecismo resumido. Com este intento, mandamos redigir e imprimir o **primeiro catecismo**, e o destinamos juntamente com o catecismo resumido para uso público e particular dos principiantes, nas dioceses de nossa província (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1954, p. 3, grifos meus).

De acordo com essa aprovação, o Arcebispo e os Bispos ordenaram, em primeiro lugar, a publicação de duas versões de catecismo, o *Catecismo Resumido da Doutrina Cristã* e o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, tendo este último conteúdo “mais elementar” do que o “resumido”. A mesma aprovação cita ainda a publicação de um terceiro texto:

A efeito de acomodar o ensino à capacidade de nossos filhos e às circunstâncias diversas em que eles se podem achar, além do **catecismo maior**, que brevemente será publicado, daremos o extrato da mesma doutrina elementar para servir no caso em que nem o primeiro catecismo se puder ensinar todo aos principiantes. (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1954, p. 3).

Os catálogos da Editora Vozes, de 1938 e 1940, apresentam somente os três títulos dos catecismos oficiais, direcionando-os para o ensino religioso e definindo-os, como veremos a seguir, como “Compêndios para a mão do aluno” (p. 109):

Figura 3 – Obras para ensino religioso Catálogo Vozes



Fonte: Catálogo geral da Editora Vozes de Petrópolis, 1938, p. 109.

O “Jornal União”, de 1923 traz informações sobre a publicação da edição oficial do *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*, editado pela Editora Vozes. Até a década de 1960, esse título alcançou, pelo menos, 72 edições¹². O *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*, como se pode ver, não é citado com esse título na “Aprovação” (texto publicado pelo arcebispo e pelos bispos sobre os catecismos oficiais no Concílio Plenário Latino Americano de 1889), que consta em todos os *Primeiros Catecismos da Doutrina Cristã* até o ano de 1963. Passos (1998) afirma tratar-se, na verdade, do “Catecismo Resumido da Doutrina Cristã”, indicado na “Aprovação”. O autor, ao expor a lógica da publicação desses catecismos oficiais, reitera que o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* e o *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã* são considerados, de acordo com a terminologia teológica, como “catecismos menores”, e o *Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã* viria a ser o “catecismo maior”. Esse terceiro título também foi publicado pela Editora Vozes e, na década de 1950, alcançou 16 edições. A partir desses dados, podemos perceber que o número de edições do *Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã* foi menor em relação aos outros dois catecismos oficiais da editora. No mesmo período, além da publicação da 51ª edição do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, foi iniciada uma nova edição para o mesmo título, que identificamos a partir da comparação entre os exemplares e que será analisada em sessão específica sobre as diferentes edições.

¹² A 72ª edição do *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*, de 1968, editada pela Editora Vozes, foi localizada na Biblioteca da PUC Minas.

Foram redigidos o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* e o *Segundo Catecismo da Doutrina Cristã*, compondo, portanto, o projeto de elaboração de um texto oficial base para o país, pelo Episcopado Brasileiro em 1903. Em 1905, foi redigido o *Terceiro Catecismo da Doutrina Cristã*, sendo que, diferente dos outros dois catecismos, possui outra “Aprovação”. É preciso ressaltar que, apesar de os títulos sugerirem o entendimento de serem uma sequência, Passos (1999) reitera que a forma e o conteúdo desses três catecismos eram iguais e, embora se diferenciasssem pelo número de perguntas, eram uma variação do mesmo material.

A “Aprovação” dos textos oficiais consta nas publicações da Editora Vozes até o ano de 1964, sendo alterada após a reformulação. A indicação do Concílio Plenário Latino-Americano de 1899, relativa à elaboração do texto único e oficial, é substituída, na edição de 1964, pela aprovação do texto pelo Concílio Plenário Brasileiro de 1939, “por que conservamos quase na íntegra o texto antigo: a) porque é o texto aprovado e recomendado pelo Concílio Plenário Brasileiro” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p.4).

Cabe destacar que, independentemente de o texto oficial ser disposto em três formas, analisamos apenas o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, em consequência do seu alto número de publicações, da longevidade de edições e por ter sido objeto de reformulação, permanecendo ativo nos catálogos da Editora Vozes até os dias de hoje.

1.2 Publicação remodelada de 1964

Na década de 1960, ocorreram acontecimentos de forte impacto para a Igreja Católica nos âmbitos mundial e nacional, como o fortalecimento de discussões a respeito do catolicismo mais popular, que viria a expressar-se na Teologia da Libertação, e o Concílio Vaticano II, que destacou pontos a respeito do ensino cristão e da participação dos leigos. O movimento de renovação interna da Igreja nesse período demonstrava sua presença na opção pelas classes populares, fato que acompanhava as mudanças políticas que favoreciam novos movimentos sociais e que, também, provocou reações das classes dominantes (OLIVEIRA, 1992). Oliveira (1992) destaca, em seu estudo, as estruturas da igreja e seus conflitos religiosos como pontos anteriores ao Concílio Vaticano II, a respeito da participação de leigos nas questões sociais e políticas da Igreja pela “Ação Católica”, por exemplo, e a renovação pós-conciliar que resultou no aumento da participação dos leigos em decisões mais internas da Igreja. Para o autor, por mais que o catolicismo romano “universal” proponha uma religião que atenda a todas as classes,

“é a partir de uma determinada classe ou grupo social que se definem as crenças e práticas religiosas” (p.62); então, nesse período, há concepções de uma Igreja de “salvação individual” (“burguesa”) e o início da “Igreja da Libertação” (“popular”).

Em relação a esse momento de mudanças, Barbosa (1992) investiga a relação Estado/Igreja na política educacional brasileira entre 1937 a 1955 e considera que a redemocratização – período iniciado em 1945, após o final da ditadura de Vargas – trouxe, inicialmente, poucas mudanças para a Igreja, pois os católicos ainda se apegavam aos discursos educacionais tradicionais. Fausto (2007) situa o início das transformações do pensamento social católico da Igreja a partir de 1945, como Barbosa (1992, p.3), ao destacar que, nos anos 50, “a visão educacional católica principiou a mudar com a predominância da tendência ‘humanística’ moderna,” tendência que as escolas católicas aderiram, mas sem abrir mão de seus ideais religiosos.

Azzi (1977) define, em seus estudos, que o “Catolicismo Tradicional” correspondeu ao período colonial; o “Catolicismo Reformado”, ao período imperial sob o espírito Tridentino, permanecendo até 1960 na República, quando se inicia a “Renovação Católica” sob influência do Concílio Vaticano II. De acordo com Vier (1986), esse Concílio foi um evento ecumênico (universal), ocorrido entre 1962 a 1965, com intuito de renovar as práticas da Igreja Católica no século XX e possibilitar a unidade dos cristãos modernos. Com caráter pastoral, isto é, “procura perceber as relações entre os valores eternos da verdade cristã e sua inserção na realidade dinâmica” (p.10), teve também a finalidade magisterial, fazendo críticas ao método escolástico. Nas palavras do autor, “convém lembrar aqui que o nosso método escolástico ou quase escolar constitui para os não católicos notáveis dificuldades e origina, bastas vezes, erros e preconceitos” (p.13). No compêndio a respeito desse Concílio, Vier (1986) revela que foi manifestada a necessidade de propor doutrinas novas para ensinar os leigos e, do total de 16 documentos, o 14º documento *Gravissimum Educationis*¹³ tratou especificamente sobre os princípios fundamentais para a educação cristã voltada para crianças, jovens e adultos, destacando os subsídios da educação, a importância escolar e a educação moral e religiosa em todos os tipos de escolas e paróquias.

Em referência à maior participação dos leigos na década de 1960, Souza (2009) explica que a integração do leigo como agente pastoral na Igreja Católica, no contexto do Concílio Vaticano

¹³ Sobre a educação cristã. Ver: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 03/01/2022.

II, fez com que a experiência desses sujeitos fosse mais ativa na dimensão educativa religiosa, isto é, coordenando, dirigindo e apropriando-se da palavra. A partir dele, por exemplo, a missa deixou de ser realizada em latim e foi possível a lideranças leigas a celebração de cultos católicos, quando houvesse a ausência de padres na localidade. Trata-se, segundo Souza (2009, p.121-122), “de um conjunto de transformações operadas ao longo do tempo, nas relações entre a instituição e os fiéis, e que foram, de certo modo, incorporadas e estimuladas pelo Concílio Vaticano II”. As transformações, entre elas a maior participação de leigos e, como sinalizado anteriormente, alterações/reformulações nos textos voltados para a formação dos católicos desde a infância, assim como também afirma Oliveira (1992), não passaram despercebidas e provocaram reações nas classes dominantes da Igreja.

O Concílio Vaticano II trouxe, com o decreto “*Christus Dominus*”¹⁴, especificidades sobre como a doutrina cristã deveria ser proposta e como deveria ser a instrução catequética, reforçando que fosse proposta “a doutrina cristã por um método adaptado às necessidades dos tempos”, transmitindo-a para fiéis e não fiéis, destacando para bispos e Igrejas que “com especial cuidado se interessem pelos pobres e humildes” (VIER, 1986, p.410). Esse decreto exemplifica a consolidação do projeto da Igreja que vinha tentando inserir uma maior participação dos leigos. O movimento e discussões de renovação da Igreja Católica, em nível mundial, mas com especificidades na América Latina, vinham passando por questionamentos, havia décadas, e o Concílio Vaticano II pôde ser considerado a institucionalização desse processo.

No campo educacional, a Igreja Católica também vinha, havia décadas, sofrendo severas críticas, principalmente por influência do escolanovismo que defendia a laicidade do ensino e colocava o aluno no centro da prática pedagógica. Durante o período de renovação católica, o impresso foi utilizado estrategicamente por “pioneiros” e “católicos” que, nos anos de 1920 e 1930 no Brasil, disputavam o controle do aparelho escolar. Em linhas gerais¹⁵, o primeiro grupo estava em busca de uma renovação e defendia uma reforma educacional que promovia a educação nacional pública, gratuita e leiga, e o segundo apoiava-se no sentido religioso como base escolar para a prática docente (CARVALHO, 2005). Por meio do impresso, os católicos

¹⁴ Sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. Ver: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html. Acesso em: 03/01/2023.

¹⁵ Embora essa distinção entre os pioneiros e católicos seja recorrente na literatura da História da Educação, no interior de cada um destes grupos, havia disputas e posições heterogenias.

preocupavam-se em, por um lado, “construir um discurso escolanovista católico que ganhasse a adesão do professorado. Por outro, instanciar-se como autoridade tecnicamente competente para ajuizar as palavras e as obras dos seus adversários” (p. 92). Então, desde a introdução da “Pedagogia da Escola Nova” no país, a Igreja Católica utilizou impressos, entre eles os catecismos, como instrumentos de controle, para organização pedagógica e para as práticas do professorado, sendo que, segundo Carvalho (2005, p. 93), essas práticas foram “fortemente respaldadas pela estrutura e pela autoridade eclesiásticas”.

A Igreja Católica atuava fortemente em duas frentes: por um lado, lutava para manter suas tradições refletidas em um formato de educação burguesa e privada. Por outro lado, ao conseguir o retorno do ensino religioso nas escolas públicas, e envolvida fortemente na “Ação Católica”, a educação religiosa nas escolas públicas primárias também envolveu as classes mais populares (PIERUCCI *et al.*, 2007). Nesse contexto, eram publicados, no país, catecismos voltados para a educação popular católica, como o *Catecismo Escolar e Popular* do Padre Francisco Spirago, originalmente publicado na Alemanha em 1902, sendo a primeira edição publicada no Brasil no ano de 1938 (SOUZA; DE SIMONE, 2021). Souza e De Simone (2021) destacam “a possibilidade de relacionar a eventual tradução e disseminação do catecismo de Spirago no Brasil a partir dos anos 1930, às estratégias da Ação Católica de expansão da educação religiosa nas classes populares via escola pública” (p.239). Esse catecismo apresenta, na introdução, explicações sobre sua proposta de modernização gráfica e de exposição dos conteúdos, movimento semelhante aos destaques que são feitos na remodelação do *Primeiro Catecismo* (1964), trinta anos¹⁶ após o início dessas discussões no contexto brasileiro.

Outro aspecto que se assemelha às preocupações expostas por Francisco Spirago refere-se a desenvolver um catecismo com linguagem simples, valor acessível e método adaptável a necessidades, “sem termos eruditos e técnicos que convém à formação teológica e adoção de uma linguagem/forma popular e de fácil compreensão” (p.231). Na reformulação do catecismo de 1964, é possível ver a preocupação quanto ao valor do impresso: “visamos oferecer um texto completo e atraente quanto possível, mas barato, ao alcance da bolsa da maioria de nossos Vigários e fiéis” (p.4). Ao indicar os recursos pedagógicos e didáticos complementares, a mesma preocupação aparece, pois destaca que o uso dos recursos é facultativo, dependendo “do preparo e do poder aquisitivo dos interessados” (p.4).

¹⁶ Cabe destacar que Francisco Spirago escreveu seu catecismo no contexto alemão do final do século XIX.

Assim, o Concílio Vaticano II institucionaliza a necessidade e a importância da participação dos leigos sob o argumento de que é “dever da Igreja estabelecer o diálogo com a sociedade humana na qual vive” (VIER, 1986, p.411). Quanto à instrução catequética, o Concílio destacou ser necessário, para assegurar a difusão da doutrina cristã “empregar os variados meios que no tempo moderno estão a mão. E isto sobretudo para a pregação e instrução catequética. Estas sempre ocupam o primeiro lugar.” (p.411). Como destacado anteriormente, a estrutura do *Primeiro Catecismo* (1964), traz modificações que incorporam, principalmente, os meios considerados modernos para o período e, ao mesmo tempo, sinalizam a preocupação com o uso desse impresso por leigos e pessoas com baixo poder aquisitivo, coerente com as discussões de parte da Igreja Católica desde a década de 1920, consolidadas oficialmente no Concílio Vaticano II.

Após contextualizar alguns dos principais acontecimentos em torno do largo espaço de tempo em que o catecismo circulou, a seguir, vamos analisar sua estrutura e materialidade, além de informações sobre valores, número de edições alcançadas e editoras que o publicaram. As análises englobaram edições tradicionais digitalizadas, disponíveis por completo, mas também utilizamos dados localizados em jornais e revistas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional que trouxeram indícios sobre circulação, editores, preços e edições, permitindo compreender melhor as mudanças e permanências de uma forma geral.

1.3 A materialidade e a estrutura das edições

Para compreender um livro, sua história e modificações, é necessário, segundo Chartier (2002), considerar que “não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor” (p.127). Por isso, Chartier (2002) destaca que um texto não possui o sentido inicial do autor, pois o seu processo de desenvolvimento envolve diversas decisões editoriais que influenciam no resultado final. No caso do catecismo estudado, o mesmo texto é publicado sem grandes variações na primeira metade do século XX, porém, sua materialidade sofreu diversas modificações, sendo necessário, portanto, estar atento às suas transformações tipográficas para compreendê-lo como um todo. “Tomemos, em primeiro lugar, o caso de um texto estável dado a ler em formas impressas que se alteram” (CHARTIER, 2002, p. 127).

Iniciamos a análise do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* a partir da materialidade e da estrutura que apresentou durante seis décadas em que foi publicado pela Editora Vozes. Tivemos contato com quatro catecismos por completo (1ª edição de 1951, 69ª edição de 1951, 84ª edição de 1957, 14ª edição de 1959), disponíveis na Biblioteca da PUC Minas, e dois exemplares de nosso acervo pessoal (76ª edição de 1954 e 95ª edição de 1964). Por estarem disponíveis, foi possível fazer a análise comparativa da materialidade e estrutura dessas seis edições, para uma reconstrução da lógica de publicações.

No entanto, ao iniciar a análise, verificamos a existência de dois exemplares, publicados no ano de 1951, com números de edição diferentes, fato que despertou indagações sobre as diferenças e motivações para reiniciar as publicações e, mesmo assim, dar continuidade às anteriores. A partir da análise da estrutura de ambos os catecismos, 1ª edição de 1951 e 69ª edição de 1951, identificamos a diferença no número de páginas do conteúdo do apêndice. No entanto, eram necessárias mais informações para explicar esse fenômeno de publicações, pois poderia se tratar de uma estratégia de vendas. Essa seria a primeira modificação antes da reformulação de 1964? Cada editora poderia modificar o texto oficial?

Na realidade, identificamos mais particularidades na sequência de edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicado pela Editora Vozes, ao analisar dois catálogos da editora dos anos de 1938 e 1940. É importante destacar que consideramos inserir os dados desses exemplares que constavam no catálogo, mesmo não localizando os exemplares para análise completa, pois essa ação permitiu reconstituir informações que não encontramos nos impressos disponíveis, sendo o catálogo uma fonte essencial para compreender melhor as publicações. Além dos dados dos dois exemplares citados, encontramos informações disponíveis nos jornais e revistas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na *Revista do Livro*, sobre tamanho e preço da 13ª edição de 1958 e 87ª edição de 1958, que também completam a análise das diferentes edições do mesmo ano, sendo fundamentais para a análise.

A partir das informações encontradas, identificamos que as edições publicadas pela Editora Vozes, até o ano de 1963, seguiam três tipos de estrutura: a primeira, iniciada na primeira metade do século XX, sem apêndice; a segunda com apêndice completo (maior número de páginas); e a terceira iniciada em meados do século XX (1ª edição de 1951), com apêndice resumido. Todas essas edições serão chamadas nesta pesquisa de “edições tradicionais”, termo

utilizado pelo próprio *Primeiro Catecismo* (1964), que também será analisado adiante ao compararmos a materialidade dos exemplares.

Para o movimento inicial de comparação, selecionamos a 1ª edição de 1951, com apêndice reduzido, e a 76ª edição de 1954, com apêndice completo, para identificarmos as diferenças não sinalizadas que poderiam justificar a tendência de publicar novas edições. Como indicado, a primeira sequência de exemplares alcançou 94 edições até a sua modificação em 1964 e, mesmo com esse sucesso de publicações, a Editora Vozes iniciou uma nova versão em 1951. No quadro a seguir, foram descritos os dados encontrados sobre as publicações do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* desde o ano de 1938:

Quadro 1 - Informações sobre as edições tradicionais (1938-1962)

Ano	Editora	Edição	Apêndice	Páginas	Forma to/cm	Preço	Informações e Acervo
1938	Vozes	-	sim	-	-	\$300	Catálogo Editora Vozes – Acervo Pessoal
1938	Vozes	-	não	-	-	\$200	Catálogo Editora Vozes – Acervo Pessoal
1940	Vozes	-	sim	-	-	\$400	Catálogo Editora Vozes – Acervo Pessoal
1940	Vozes	-	não	-	-	\$300	Catálogo Editora Vozes – Acervo Pessoal
1951	Vozes	69°	sim	80	13x8,5	-	Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas
1951	Vozes	1°	reduzido	48	13x8,5	-	Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas
1954	Vozes	76°	sim	80	13x8,5	-	Acervo Pessoal

1957	Vozes	84°	sim	80	13x8,5	-	Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas
1958	Vozes	13°	reduzido	48	13	Cr\$4,00	<i>Revista do Livro</i> – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
1958	Vozes	87°	sim	80	13	Cr\$6,00	<i>Revista do Livro</i> – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional
1959	Vozes	14°	reduzido	48		-	Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas
1962	Vozes	91°	sim	80	13	Cr\$ 20,00	<i>Revista do Livro</i> – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Fonte: Elaboração da autora.

Pode-se observar, a partir dos dados descritos acima, que dois tipos de exemplares foram publicados, nos anos de 1938, 1940, 1951 e 1958, e se diferenciam pela presença, exclusão e redução do apêndice. Apesar de não termos o número de edições e de páginas dos anos de 1938 e 1940, os dados da primeira edição do ano de 1951 permitem considerar o início de uma nova proposta, com menor número de páginas (justificado pela redução do apêndice ao invés de sua supressão). A partir dessa constatação, foram comparados, no primeiro momento, os catecismos do ano de 1951 (69ª edição) e de 1954 (76ª edição) por estarem disponíveis para análise e conterem o mesmo número de páginas que indicam a presença de apêndice para identificar o sequenciamento das edições. A partir dessa análise inicial, foi possível identificar a estrutura e a materialidade dos exemplares como as mesmas, e o conteúdo difere-se pela substituição da palavra “padre” pela palavra “pai” – mudança que pode sinalizar uma tentativa de aproximação do público – e da retirada de uma nota de rodapé descritiva da página 44. Em seguida, iniciamos a comparação das edições de 1951 (1ª edição), caracterizada pela redução do apêndice, e a edição com apêndice completo de 1954 (76ª edição).

Ambas as edições do catecismo possuem capa na cor de papel *kraft*, escrita preta em negrito, diferenciando-se pela letra mais espaçada, em caixa alta na 1ª edição (apêndice reduzido), sendo que o título da 76ª edição (com apêndice) tem letras com o “corpo” maior. A ilustração da capa do exemplar com apêndice reduzido é composta pelo desenho de três crianças aparentemente entre 03 e 10 anos, vestidas com túnica e balançando ramos de oliveira. A capa do exemplar com apêndice é composta pela ilustração referente às tábuas da lei com os 10 mandamentos escritos em números romanos, como pode ser observado nas imagens apresentadas a seguir:

Figura 5 – Exemplar de 1951 – 1ª Edição



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1951.

Figura 4 – Exemplar de 1954 – 76ª edição



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1954.

A partir da comparação das duas capas, foi possível constituir a hipótese de que o início das publicações com o apêndice reduzido deu-se pela necessidade de tornar o impresso mais atraente, adaptando e direcionando a um público mais amplo, inclusive o infantil, fato observado pelas letras mais espaçadas e pela presença de ilustração com crianças. Em contraponto, a continuidade das publicações com apêndice possui sinais que apontam o direcionamento a um novo público por conter letras com estilo que lembra sutilmente alguns traços góticos no título e a imagem dos 10 mandamentos em números romanos; parece pressupor, assim, que o(a) suposto(a) leitor(a) teria que possuir maior grau de escolaridade e saber católico prévio para assimilar a imagem.

Ao analisar o índice, constatamos que a página 1 do catecismo com apêndice reduzido corresponde ao início do conteúdo denominado por “Persignar-se”, enquanto no catecismo com apêndice completo tal conteúdo é iniciado na página 5, sendo que a página 1 destina-se à folha de rosto, a página 2 corresponde à página de guarda (em branco), as páginas 3 e 4 correspondem à “Aprovação” do catecismo e, após essas páginas, inicia-se o “Persignar-se”. A primeira impressão que tivemos era de ter ocorrido a perda dessas páginas no exemplar de 1951 (1ª edição - com apêndice reduzido). No entanto, percebemos que, de fato, esse exemplar não possui as referidas páginas, quando o comparamos com a 14ª edição de 1959. A hipótese a respeito da ausência dessas páginas nos exemplares iniciadas com o apêndice reduzido é a redução dos custos de impressão, o que possibilitaria a diminuição dos valores de venda e o aumento do lucro, pois as diferenças de preço entre as duas opções não são proporcionais ao número de páginas dos exemplares. Podemos observar essa diferença de preço e informações de páginas a partir das edições de 1958 anunciadas na *Revista do Livro*:

Quadro 2 – Comparação: apêndice do mesmo ano

Ano	Editora	Edição	Apêndice	Páginas	Formato	Preço
1958	Vozes	13ª	reduzido	48	13cm	Cr\$ 4,00
1958	Vozes	87ª	sim	80	13cm	Cr\$ 6,00

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 6 – Primeiro Catecismo 1958 (48p.)

Primeiro catecismo da doutrina cristã.
 [13.ed.] [Petrópolis, Ed. Vozes, s.d.,
 1958] 48p. 13cm. Cr\$ 4,00.
 1. Catecismos. 238

Fonte: Revista do livro, 1958, ed. 12, p. 238

Figura 7 – Primeiro Catecismo 1958 (80p.)

Primeiro catecismo da doutrina cristã.
 87.ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 1958. 80p.
 il. 13cm. Cr\$ 6,00.
 1. Catecismos. 238

Fonte: Revista do livro, 1958, ed. 12, p. 238

O conteúdo das perguntas e respostas, nas duas versões do catecismo, é idêntico (totalizando 173 perguntas), evidenciando tratar-se de saberes considerados primordiais para a iniciação à vida cristã, independentemente do formato editado. As diferenças entre os dois exemplares, portanto, estão incorporadas ao conteúdo do apêndice.

O apêndice resumido focaliza as questões consideradas elementares do saber católico, como as orações que devem ser feitas pela manhã e à noite, preparação para a comunhão, considerada como renovação das promessas feitas no batismo católico englobando: ação de graças para exercer após a comunhão e os exercícios essenciais (também em formato de perguntas e respostas) para o dia efetivo da comunhão “dos meninos”. Por fim, o apêndice resumido ensina o modo de rezar o Rosário, referindo-se à forma, aos dias e à duração para se rezar os terços.

O apêndice completo engloba, além do mesmo conteúdo do apêndice resumido, saberes mais complexos e avançados, como a descrição de cada etapa da missa e a forma de se preparar para confessar com uma lista extensa de perguntas para o “Exame de consciência”.

Outras diferenças entre os apêndices são as orações em latim/português, instruções sobre como ajudar à missa e o método de ajudar a missa totalmente em latim, sem tradução. Além disso, o ensino dos procedimentos para a missa extrapola a função de decorar, trazendo orientações de ações corporais, recomendações e de disciplinarização dos corpos, como apoiar as mãos no altar, esperar a finalização da fala do padre para iniciar a resposta e o asseio pessoal para a missa:

Recomenda-se aos meninos que ajudam à Missa que tragam sempre o rosto e as mãos perfeitamente asseados; que não se demorem na sacristia sem necessidade; nunca aí falem alto nem caminhem apressados demais pela igreja nem façam rumor à porta. (PRIMEIRO CATECISMO DA DOUTRINA CRISTÃ, 1954, p. 78)

A comparação das edições resumida (1951) e completa (1954) permite inferir possíveis intencionalidades, como oferta de um catecismo mais “enxuto” e um pouco mais acessível em relação ao preço e à abordagem mais direta do conhecimento considerado essencial ao católico em contraponto a catecismos mais extensos e mais caros em que se podiam encontrar, também, explicações e detalhamentos sobre modos de agir e ser católicos.

1.4 *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*: especificidades da edição remodelada de 1964

A primeira mudança que chama a atenção ao compararmos diferentes versões do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* é em relação ao seu tamanho. A maioria das edições publicadas pela Editora Vozes¹⁷, encontradas até a data de 1964, possui o formato de 13cm x 8,5cm. No entanto, a edição de 1964 surge com um formato de 17,7cm x 12cm, que difere significativamente dos catecismos tradicionais:

Figura 8 – Comparação



Fonte: Primeiro Catecismo, 1964 e 1954. (Remodelado e Tradicional, respectivamente).

Como pôde ser observado, as capas das edições tradicionais possuem pouca ilustração e, para sua composição, é utilizada apenas a cor preta. A capa do catecismo remodelado possui uma ilustração colorida que compreende a capa, a lombada e a contracapa, como pode ser observado na imagem abaixo:

¹⁷ Os catecismos desse título publicados por outras editoras tinham formato semelhante, como a edição da Casa Sucena de 1916, com formato de 13,5cm x 9cm, a edição da Typographia Frederico Pustet de 1922, com formato de 14cmx9cm, a edição da Pia Sociedade de São Paulo de 1932, com 13,7cm x 9cm, e Paulinas com formato de 13cm x 9cm.

Figura 9 – Capa do Primeiro Catecismo (1964)



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964. (Remodelado)

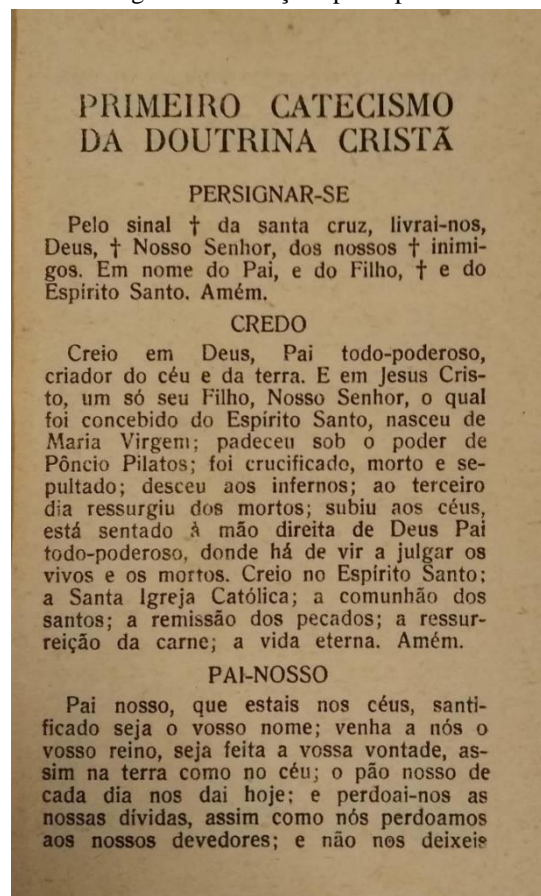
A capa do catecismo remodelado apresenta, além da ilustração, a informação de que o impresso continha apêndice, escrita com letras pequenas abaixo do título. Nela também são exibidos elementos gráficos complementares, como a frase “Este é Meu Filho Muito Amado... Escutai-O!” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, capa), o que induz à interpretação da ilustração e também do conteúdo do catecismo, com foco na presença do “Filho”, em relação ao “Pai”, frisada nas lições.

Em relação à estrutura, como dito no tópico anterior, o catecismo tradicional com apêndice reduzido é iniciado diretamente no conteúdo das orações que precedem as lições em formato de pergunta e resposta. O catecismo tradicional com o apêndice completo é composto por folha de rosto, “Aprovação” e início propriamente do texto principal. A partir da publicação do catecismo remodelado de 1964, com apêndice completo, há a substituição da “Aprovação” oficial feita pelo Arcebispo e bispos da Província Meridional do Brasil por uma “Apresentação” desenvolvida pelo Frei Carmelo Surian, que justifica as mudanças, permanências e os modos de usar a nova versão.

Destinado a principiantes, a primeira parte que antecede as lições dos catecismos tradicionais com apêndice completo e reduzido (como o de 1957) é composta pelas orações principais,

mandamentos, sacramentos e atos, sendo a ação de “persignar-se” o primeiro tópico, configurando, assim, a prática elementar da doutrina cristã de fazer o sinal da cruz antes das preces, das refeições, durante a missa, entre outras situações que são marcadas pelo ato de autobenzer-se. Nota-se, no tópico “Persignar-se”, a necessidade de acompanhamento de um catequista para desenvolver a ação, pois não há notas explicativas destinadas aos catequizandos, mesmo sendo um material para o uso de principiantes. Há símbolos da cruz que devem ser interpretados, como aqueles indicando os momentos em que deve ser feito o sinal da cruz durante a leitura oral sem, contudo, indicar como realizá-lo:

Figura 10 – Orações principais

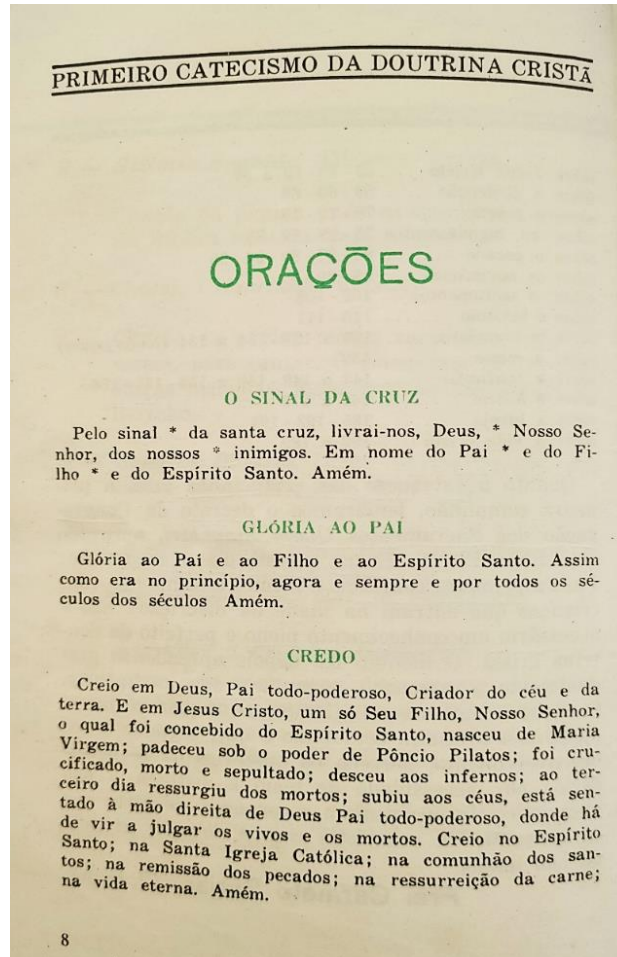


Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1957, p.5. (Tradicional)

O catecismo atualizado também antecede as lições com orações, o que é explicitado por meio do título. Observa-se também uma simplificação da linguagem, ao efetuar a troca do verbo “Persignar-se” pela expressão “O sinal da Cruz”, mantendo-se as marcações dos momentos em que deve ser feita a ação de autobenzer-se. Por mais simples que sejam as modificações destacadas, elas tornam-se importantes ao representar a atenção nos pequenos detalhes que poderiam facilitar o uso do material para principiantes. Essa edição, no entanto, também não

informa como fazer o sinal da cruz, que era, provavelmente, considerado um saber elementar compartilhado por todos, incluindo crianças:

Figura 11 – Orações Principais (1964)



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 8. (Remodelado)

Entende-se, então, que o primeiro momento das duas versões do catecismo atua como uma introdução destinada a mostrar os princípios fundamentais que devem ser ensinados aos fiéis, compostos pelas orações do Credo, Pai Nosso, Ave-Maria e Salve Rainha. Na edição tradicional, essas quatro orações, com os mandamentos, os sacramentos, os atos de fé, esperança, caridade e contrição, são dispostas em três páginas organizadas em pequenos parágrafos, tópicos listados em números para os mandamentos, sacramentos e um parágrafo destinado à “Confissão”. Na versão remodelada de 1964, os mandamentos e sacramentos são retirados, o que demonstra a redução do conteúdo e uma nova disposição das informações nas páginas que, assim como na versão tradicional, também estão em três páginas e seguem o mesmo tamanho de letras. O parágrafo destinado à confissão, na versão remodelada, é reduzido

e transformado no “Ato breve de contrição”, único com o texto modificado com descrição e diferenciação entre a frase que deve ser usada por crianças e a que deve ser usada por adultos no confessional:

Para Crianças: Meu Deus, tenho muita pena de ter pecado, pois mereci ser castigado e ofendi a Vós, meu Pai e meu Salvador. Perdoai-me, Senhor. Não quero mais pecar.

Para Adultos: Meu Jesus, crucificado por minha culpa, estou arrependido de ter feito pecado, pois ofendi a Vós que sois tão bom, e mereci ser castigado neste mundo e no outro. Mas perdoai-me, Senhor. Não quero mais pecar. Amém. (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p. 10, grifos no original).


Além da Introdução, os catecismos tradicionais são compostos por 11 lições temáticas dispostas em 39 páginas com 173 perguntas e respostas. O apêndice, cujo conteúdo contempla outro grupo de orações (diferente das propostas na Introdução), descreve as ações para o ato de confessar, preparação para comunhão e modo de ajudar a missa. Nota-se que o apêndice engloba as ações rotineiras da vida na Igreja e domiciliar ao dispor as “Orações cotidianas que os pais ensinarão aos seus filhos, os mestres e mestras a seus alunos e alunas” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1957, p. 39). Além disso, são inseridas, nas páginas do apêndice, diversas notas explicativas que orientam o dever a se cumprir para ganhar indulgências, que configura a remissão dos pecados por meio das orações, da confissão e da comunhão, estabelecendo os dias e vezes a serem cumpridos:

Os fiéis que pela manhã, ao meio-dia e pela noite recitarem o Angelus com os respectivos versículos e oração; ou no tempo da Páscoa o Regina caeli com sua oração, ou afinal 5 vezes Ave-Maria ganham uma indulg. de 10 anos a cada vez; e plenária, nas condições de costume, uma vez por mês, tendo-o recitado diariamente (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1957, p. 39)

Diferenciando-se do catecismo tradicional, as lições do catecismo remodelado estão organizadas de 1 a 22, que somam o total de 199 perguntas e respostas dispostas entre as páginas 11 a 80, sendo que a maioria das lições ocupa três páginas e apenas três lições ocupam quatro páginas. Seguindo uma lógica constante, todas as lições são iniciadas com uma ilustração nas cores preta, branca e verde com frases que versam sobre a lição correspondente, contraste que podemos ver em relação à disposição das lições nas edições tradicionais:

Figura 12 – Disposição das lições

FOI CONCEBIDO DO ESPÍRITO SANTO
 Ilust. de Jeová



PAI, PERDOAI-LHES

1

O SINAL DA SALVAÇÃO
 (A - Lc 1,26; 23,34. B - 152; 253. C - 3. D - 14;35)
 Ver explicação à p. 5

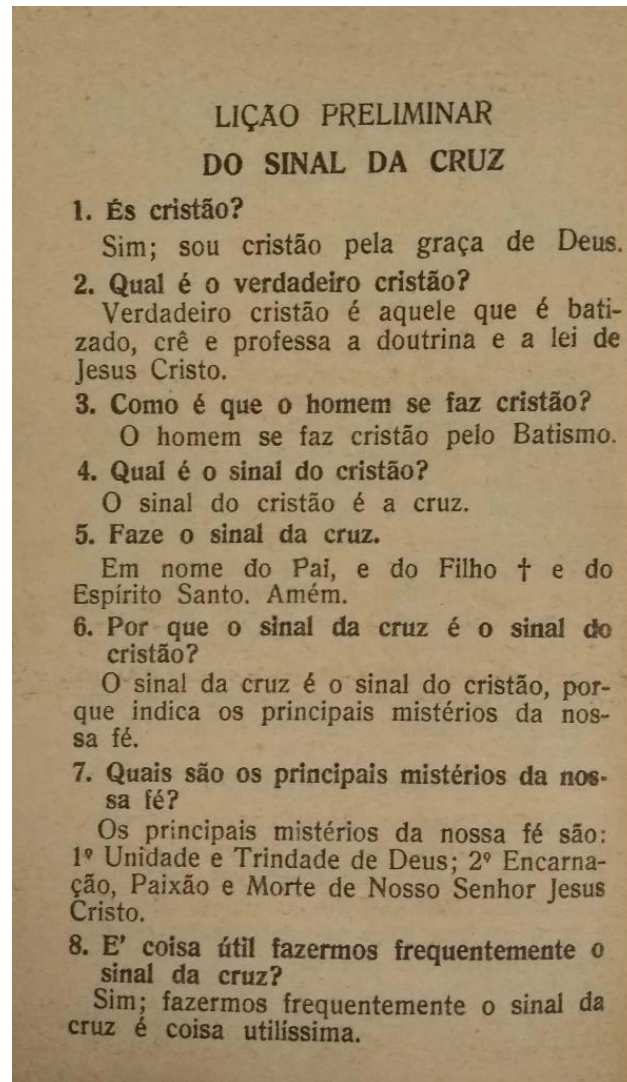
1. És cristão?
 Sim. Sou cristão pela graça de Deus.

2. Quem é verdadeiro cristão?
 É verdadeiro cristão quem é batizado, crê em Jesus Cristo e vive conforme os Seus ensinamentos.

11

Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 11. (Remodelado)

Figura 13 – Disposição das lições 2



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1957, p.10 (Tradicional).

Além das perguntas e respostas por lição (formato que também compõe as versões tradicionais), foram adicionados, na versão reformulada, quatro tópicos denominados de “Na liturgia”, “Oração”, “Missão a cumprir” e “Devo guardar para a vida”. As lições são finalizadas com uma ilustração que elucida as questões apresentadas:

Figura 14 – Os quatro tópicos



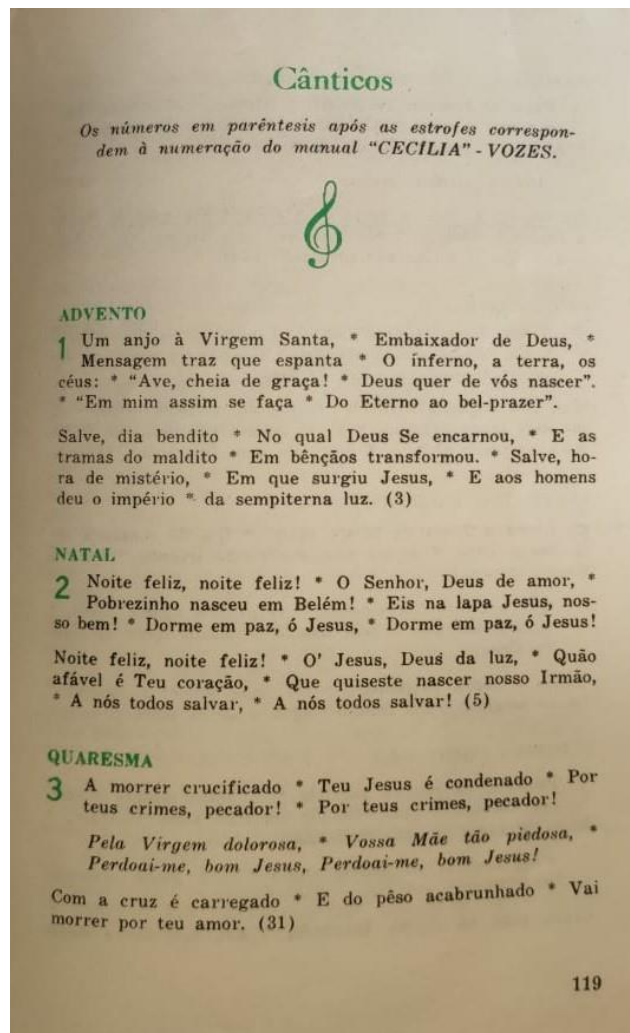
Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.10 (Remodelado)

Diferentemente da edição remodelada, as edições tradicionais iniciam uma nova lição após a última pergunta e resposta da lição anterior, demonstrando uma preocupação maior em expor os conteúdos, sem uma estratégia para assimilação e compreensão para o público iniciante e infantil.

A edição remodelada possui 17 páginas dedicadas à “Missa do Catecismo”, contendo um programa completo com descrições das ações e falas do dirigente, perguntas e respostas que devem ser ditas pelos ouvintes, indicações de lições correspondentes no catecismo para maior assimilação, cânticos e indicação de melodias que constam no *Roteiro Catequético 1: Livro do Mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*.

Além de ter a “Missa do Catecismo” como diferencial, o apêndice da versão remodelada é dividido em duas partes, sendo a parte “A” composta pelas orações e a parte “B” pelos cânticos:

Figura 15 – Apêndice – Cânticos



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.119. (Remodelado)

Podemos observar que o catecismo remodelado traz, na parte dos cânticos, um acréscimo de material para o seu uso, o manual "Cecilia", da própria Editora Vozes, composto por cânticos sacros. Esse manual não é indicado como recurso complementar, mas, de acordo com a instrução de uso, "os números em parênteses após as estrofes correspondem à numeração do manual "CECILIA" – VOZES" (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p.119), era visto, então, como importante referência para o efetivo uso da parte dos cânticos contida no apêndice, o que pode expressar que o catecismo era usado também como estratégia de vendas de outros materiais da editora, prática aparentemente comum.

A análise da estrutura e materialidade contribuiu para identificar e entender as mudanças, permanências e estratégias da Editora Vozes para alcançar um alto número de edições do

Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã, que teve sucesso na continuidade do padrão oficial desenvolvido a partir da indicação do Concílio Plenário Latino Americano em 1899, mesmo mantendo a estrutura durante seis décadas. O título passa, então, por modificações consideráveis em seu tamanho, método e materialidade, composto também por acréscimos de materiais complementares, que, por um lado, poderiam alterar as suas possibilidades de uso, mas, por outro, podem ter contribuído para a continuidade do alto número de vendas e edições.

Portanto, podemos destacar, com as comparações e contextualizações realizadas, a obstinação da Editora Vozes com as publicações do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, que mesmo com alto número de edições, foi relançado como 1º edição em 1951 (como podemos ver no quadro 1), seguindo a lógica de edições com apêndice reduzido e, posteriormente, foi substancialmente modificado na edição reformulada. Assim, mesmo a reformulação de 1964 não sendo a primeira tentativa de nova publicação do impresso com novidades, foi a publicação com diferenças mais expressivas em seu projeto gráfico editorial e também no conteúdo, a ser apresentado e analisado nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO II: Como o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* buscava formar o católico? Uma análise dos conteúdos contidos no impresso

Neste capítulo, serão analisadas as lições temáticas que compõem o conteúdo da edição do *Primeiro Catecismo* (1964), da Editora Vozes, com objetivo de identificar e compreender a formação pretendida aos fiéis com o uso deste impresso, em consequência de sua reformulação na década de 1960. Em geral, os catecismos católicos expõem o conteúdo por perguntas e respostas curtas, para o aluno memorizar “as grandes verdades” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p.4) da doutrina. O *Primeiro Catecismo* (1964) manteve esse formato de perguntas e respostas com algumas variações – como a presença ou ausência de apêndice – durante as primeiras cinco décadas do século XX, reforçando a validade do método para seus leitores.

No texto de “Apresentação” da edição reformulada de 1964, são destacados os motivos para a manutenção do texto tradicional: alta tiragem, baixo custo e eficiência do processo de memorização. Esses argumentos reforçariam a validade do texto desenvolvido em 1904, que, segundo o próprio catecismo, foi novamente aprovado pelo Concílio Plenário Brasileiro que ocorreu em 1939:

Por que conservamos quase na íntegra o texto antigo:

- a) Porque é o texto aprovado e recomendado pelo Concílio Plenário Brasileiro.
- b) Porque a tiragem de 200.000 exemplares anuais lhe prova o valor e a eficiência.
- c) Porque, após um período de abandono ou quase abandono do processo de memorização, mais e mais se volta a êle.
- d) Porque a formulação do texto é de notável fidelidade teológica. Reconhecemos que há textos difíceis. Todavia, achamos que é mais fácil e seguro esclarecer no futuro uma formulação correta, não assimilada de todo, do que corrigir uma formulação assimilada, mas defeituosa.
- e) Porque visamos oferecer um texto completo e atraente quanto possível, mas barato, ao alcance da bolsa da maioria de nossos Vigários e fiéis. (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.4, grifo no original).

Além das perguntas e respostas, o *Primeiro Catecismo* (1964) traz como novidade, assim como já mostramos preliminarmente no capítulo anterior, a inserção de quatro tópicos no fim de cada lição, intitulados de “Na liturgia”, “Oração”, “Missão a cumprir” e “Devo guardar para a vida”. Esses quatro tópicos, além do apelo à missão de “ser exemplo” e convencer outros a seguir o

exemplo, estão intimamente ligados à reforma católica proposta pelo Concílio Vaticano II, que convocou o estabelecimento de uma catequese com ênfase litúrgica.

Assim, identificamos que, de modo diferente das perguntas e respostas que buscam fazer o(a) leitor(a) ¹⁸**conhecer** (e memorizar) os principais fundamentos que constituem a doutrina da Igreja Católica, composta por dogmas, mandamentos e sacramentos, os tópicos inseridos, no fim das lições, revelam dois outros princípios gerais: **agir** e **convencer**. Para chegar a essa constatação, foi feito um agrupamento das perguntas e respostas e dos trechos dos tópicos inseridos na reformulação, em quadros analíticos que evidenciaram a coerência do conteúdo das lições com os três princípios citados.

Desse modo, podemos afirmar, a partir da análise da edição reformulada do *Primeiro Catecismo* (1964), que o impresso destinou-se a formar/educar o(a) leitor(a) com base nestes três princípios: 1) **conhecer** os dogmas e a doutrina do catolicismo; 2) **agir/incorporar**, em sua vida cotidiana, o conhecimento adquirido, por meio de suas ações, compreendidas como testemunho; 3) **convencer** as pessoas que com ele(a) convivem de que a doutrina católica deve ser conhecida e incorporada por toda a comunidade.

Para analisar o conteúdo, quantificamos todas as frases e trechos do catecismo classificando-os de acordo com os três princípios indicados. A análise do conteúdo permitiu verificar que a maior parte do texto das lições, páginas 11 a 80, é dedicada ao princípio **conhecer**, que corresponde em torno de 69,34% do conteúdo das lições. Em seguida, o segundo princípio, **agir**, foi identificado nos tópicos “Na liturgia” e “Oração”, correspondendo a 15,33% do total. O terceiro princípio, **convencer**, foi identificado nos tópicos “Missão a cumprir” e “Devo guardar para a vida” e também corresponde a 15,33% do conteúdo das lições, como se pode visualizar no quadro abaixo:

¹⁸ Grifos meus nas palavras “conhecer”, “agir” e “convencer” ao longo do texto.

Quadro 3 - Princípios: conhecer, agir e convencer

PRINCIPIOS	FRASES/TRECHOS	TOTAL
Conhecer	199	69,34%
Agir	44	15,33%
Convencer	44	15,33%
Total	287	100%

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, analisamos como cada um desses princípios expressa-se no texto do impresso.

2.1 CONHECER

2.1.1 A Doutrina Cristã

Iniciamos a análise do princípio **conhecer** fazendo a seguinte pergunta: o que era compreendido como “doutrina cristã”? De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica* (1993), publicado como resultado do Concílio Vaticano II, “doutrina cristã” refere-se ao fato de que “consente a todos conhecer o que a Igreja professa, celebra, vive e prega na sua vida quotidiana” (p. 32). Como “Doutrina”, especificamente, o *Pequeno Dicionário Católico* (1966, p. 72) descreve o “conjunto dos princípios básicos, fundamentais, da religião: corpo de ensinamento, normas, regras, preceitos”.

O diferencial entre as edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicadas na primeira metade do século XX, e a edição do *Primeiro Catecismo* (1964) reformulado está no método que o Concílio Vaticano II apontou para o ensino da doutrina cristã nas igrejas e escolas. De acordo com o *Compêndio do Vaticano II* (1968-1986), essa mudança consistia em o catecismo não apresentar apenas uma exposição sintética do conteúdo em perguntas e respostas, mas ser uma adaptação aos modos que a Igreja usava para transmitir a doutrina, empregando meios modernos e atendendo a necessidades do tempo presente, baseando-se, sobretudo, na Tradição e na Sagrada Escritura.

Que conhecimentos são, então, privilegiados, no texto do impresso, para que o(a) leitor (a) conheça a doutrina cristã? Como os autores do catecismo buscam convencer o(a) leitor(a) de que esses conhecimentos são o núcleo da vida de todo cristão, visto que a eles são dedicados 69,34% das perguntas e respostas do impresso?


O conteúdo das perguntas e respostas do Primeiro Catecismo (1964) é exposto de forma gradual e hierárquica, em que o(a) leitor(a) depara-se, na lição 1, com a primeira pergunta e respectiva resposta: “1. **És cristão?** Sim. Sou cristão pela graça de Deus¹⁹” (p.11), para, em seguida, deparar-se com a explicação do que é necessário para ser cristão: “2. **Quem é verdadeiro cristão?** É verdadeiro cristão quem é batizado, crê em Jesus Cristo e vive conforme os Seus ensinamentos” (p.11). Dessa forma, o catecismo já apresenta a necessidade de ser batizado para ser considerado cristão e, conseqüentemente, o batismo é instaurado como pré-requisito para o estudo do catecismo. O batismo, segundo Eliade (1992), é um ritual cristão iniciativo de prova, morte e ressurreição, que simboliza “o nascimento do homem novo” (p.68), sendo um sacramento iniciado por João Batista e que ganha maior simbologia por ocasião do batismo de Jesus Cristo. Com uma terceira pergunta, o Primeiro Catecismo (1964) enfatiza: “3. **Como é que o homem se faz cristão?** O homem se faz cristão pelo Batismo” (p.12).

Apesar dessas três perguntas iniciais, a primeira lição, assim como diz seu título, é focada “No sinal da salvação” (p.11), referente ao símbolo da cruz cristã.

¹⁹ Grifo no original. Todas as perguntas do Primeiro Catecismo (1964) são grifadas no texto original, por isso, optamos por manter o grifo em todas as perguntas do catecismo que apareceram no texto desta dissertação.

Figura 17 – Sequência de perguntas

FOI CONCEBIDO DO ESPÍRITO SANTO
 Ilust. de Jeová



PAI, PERDOAI-LHES

1

O SINAL DA SALVAÇÃO
 (A - Lc 1,26; 23,34. B - 152; 253. C - 3. D - 14;35)
 Ver explicação à p. 5

1. És cristão?
 Sim. Sou cristão pela graça de Deus.
2. Quem é verdadeiro cristão?
 É verdadeiro cristão quem é batizado, crê em Jesus Cristo e vive conforme os Seus ensinamentos.

Figura 16 – Como a lição é exposta

- * 3. Como é que o homem se faz cristão?
 O homem se faz cristão pelo Batismo.
4. Qual é o sinal do cristão?
 O sinal do cristão é a cruz.
5. Faze o sinal da cruz.
 Em nome do Pai * e do Filho * e do Espírito Santo. Amém.
6. E' coisa útil fazer frequentemente o sinal da cruz?
 Sim. Fazer frequentemente o sinal da cruz é coisa muito útil.
7. Por que o sinal da cruz é o sinal do cristão?
 O sinal da cruz é o sinal do cristão, porque em Jesus Crucificado encontramos os principais ensinamentos da nossa fé.
- * 8. Quais são os principais ensinamentos da nossa fé?
 Os principais ensinamentos da nossa fé são: 1º Unidade e Trindade de Deus; 2º Encarnação, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.
- * 9. Quando devemos fazer o sinal da cruz?
 Devemos fazer o sinal da cruz pela manhã, ao despertar; à noite, ao deitar; antes e depois das refeições; no princípio e no fim de qualquer trabalho; antes de começar a oração; nas tentações e nos perigos.

Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.12 e 13.

Com a primeira lição, inicia-se o simbolismo da cruz, com a ilustração da crucificação de Cristo, esclarecendo, nas primeiras perguntas, quais são os principais ensinamentos da fé cristã que, segundo o catecismo, são: “1º Unidade e Trindade de Deus; 2º Encarnação, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.12). Em relação ao título e à imagem, que evocam a encarnação, paixão e morte de Cristo, é bastante pertinente a explicação de Eliade (1992) sobre o cristianismo:

O cristianismo conduz a uma teologia e não a uma filosofia da História, pois as intervenções de Deus na história, e sobretudo a Encarnação na pessoa histórica de Jesus Cristo, têm uma finalidade trais histórica – a salvação do homem (ELIADE, 1992, p.58).

De acordo com o autor, “Os humanistas supunham a existência de uma tradição comum a todas as religiões, sustentando que o conhecimento desta bastava para a salvação e que, em suma, todas as religiões eram equivalentes” (p.9). Seria possível afirmar, então, que conhecer a doutrina católica pelo catecismo seria suficiente para alcançar a salvação? Quais conhecimentos

são privilegiados no *Primeiro Catecismo* (1964), para esse fim? A verdade absoluta em torno do conhecimento da doutrina católica é reforçada nos catecismos desde o Catecismo Romano do Concílio de Trento, primeiro catecismo oficial da Igreja Católica:

Ora, esse conhecimento não é outra coisa senão a própria fé, cuja virtude nos leva a ter por certo o que a autoridade da Santa Mãe Igreja declara ser revelado por Deus. Nenhuma dúvida pode ter os fiéis das afirmações que vêm de Deus, porque Deus é a própria verdade. Esse critério nos faz compreender a diferença que vai entre a fé que temos em Deus, e a fé que se dá aos autores de história humana (CATECISMO ROMANO, 1950, p.87).

O conhecimento revelado por Deus e validado no Antigo e no Novo Testamento é novamente reafirmado no Catecismo da Igreja Católica, publicado trinta anos após o início do Concílio Vaticano II, como resultado da reunião conciliar:

Esta síntese da fé não foi feita segundo as opiniões humanas: mas recolheu-se de toda a Escritura o que nela há de mais importante, para apresentar na íntegra aquilo e só aquilo que a fé ensina. E, tal como a semente de mostarda contém, num pequeno grão, numerosos ramos, do mesmo modo este resumo da fé encerra em algumas palavras todo o conhecimento da verdadeira piedade contido no Antigo e no Novo Testamento (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p.91).

Em relação ao *Primeiro Catecismo* (1964), podemos identificar que a permanência do método de perguntas e respostas prontas, mantido do texto original de 1904, reforça a noção do conhecimento único e absoluto pela fé, assim como é reproduzido nos demais catecismos oficiais. A estratégia de ensino para conhecer a doutrina católica, nesse catecismo, após a primeira lição introdutória, é focada no propósito de o(a) leitor(a) **conhecer** Deus como espírito e salvador, reforçando a sua unidade em relação à Santíssima Trindade, ao destacar que “a repetição de *um* sozinho ou *o mesmo* diante dos três nomes divinos, mostra que a salvação vem de uma única origem, Deus, o Pai (ordem decrescente) e volta para a mesma fonte (ordem crescente), segundo uma única economia” (SESBOÛÉ, 2006, p. 96, grifos no original). Para isso, o catecismo apresenta um conjunto de perguntas e respostas em torno de Deus, reforçando o monoteísmo e a estrutura hierárquica que o caracteriza. Deus é indicado como uma pessoa divina que criou o céu e a terra, fora do esquema trinitário, ou seja, o indica como um ser imutável que “sempre existiu, não teve princípio e não terá fim” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 14).

O catecismo também explora o imaginário de Deus como homem, com a seguinte pergunta e respectiva resposta: “**Deus tem corpo como nós?** Não. Deus não tem corpo, mas é puríssimo” (p. 15). Segundo Schmaus (1972), o Antigo Testamento deixa margens para que as pessoas pensem em Deus com uma aproximação com a forma humana, não como homem, mas com a finalidade de pensá-lo como vivo. Além disso, o Primeiro Catecismo (1964) reforça para o(a) leitor(a) que não há uma localização precisa de Deus, pois “Deus está no céu, na terra e em toda parte” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.15), noção católica que confere a Deus onipresença.

Figura 18 – Lição 2 Jesus nos revela o Pai



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.14.

Em relação à afirmação de Deus como criador, Sesboiúé (2006) destaca que a catequese desenvolvida nos primeiros séculos tinha como pilar o “Didache” do primeiro artigo do credo, que crê apenas em “um só Deus que criou todas as coisas” (p. 98). O Catecismo da Igreja Católica (1993) descreve que o destaque nos mistérios da criação dá aos cristãos respostas a respeito da origem e do fim da vida:

A catequese sobre a criação reveste-se duma importância capital. Diz respeito aos próprios fundamentos da vida humana e cristã, porque torna explícita a resposta da fé cristã à questão elementar que os homens de todos os tempos têm vindo a pôr-se: «De onde vimos?» «Para onde vamos?» «Qual a nossa origem?» «Qual o nosso fim?» «Donde vem e para onde vai tudo quanto existe?» As duas questões, da origem e, do fim, são inseparáveis. E são decisivas para o sentido e para a orientação da nossa vida e do nosso proceder (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 109).

Essa questão remete ao que Eliade (1992a) discorre sobre a necessidade do homem em situar-se no mundo, bem como compreender e fazer parte da criação desse mundo. Para o autor, há uma divisão entre um espaço considerado sagrado e outros espaços não sagrados, ou profanos, e “a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’” (p.17), sendo que a “manifestação do sagrado funda ontologicamente o mundo” (p.17). Segundo Eliade (1992), “o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica” (p.21). O homem tem a necessidade de viver em um mundo sagrado, pois, assim, tem a certeza da sua existência, caso contrário, ocorre “o terror diante do ‘Caos’” (p.36), sendo esse caos explicado como um “terror diante do nada” (p.36). O desconhecido, nesse caso, é evitado, preferindo-se a vivência do sagrado. Podemos observar essa relação na doutrina católica e em outras religiões, ou seja, como as religiões ajudam e confortam as pessoas em momentos de desamparo e dão sentido para seguir a vida.

Posteriormente, o *Primeiro Catecismo* (1964) apresenta lições sobre anjos e homens, inserindo a discussão sobre a dualidade do bem e do mal a partir dos pecados cometidos contra Deus no céu e na terra. Em seguida, apresenta Jesus como filho de Deus, especificando seu nascimento para, na lição seguinte, abordar sua morte.

Em síntese, a primeira parte²⁰ do catecismo é composta por sete lições que têm como objetivo apresentar os principais tópicos da doutrina cristã, iniciando pelo significado da cruz que representa o sinal da salvação para o verdadeiro cristão (lição 1), para, em seguida, abordar Deus como unidade (lição 2), a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) (lição 3), a diferença entre anjos e humanos, inserindo a discussão sobre o pecado e a salvação (lição 4), e, por fim, abordar a encarnação e morte de Jesus nas lições 5 e 6. A lição 7 é responsável por apresentar as principais orações católicas e o objetivo de ensinar a rezar. No quadro a seguir, registramos o número da lição na primeira coluna; na segunda coluna, indicamos o título de cada lição exposta no catecismo; na terceira coluna, foram inseridos os temas (desenvolvidos por nós a partir da leitura das perguntas e respostas, para melhor compreensão da lição); e o número de perguntas é apresentado na quarta coluna.

²⁰ Essa divisão não consta no catecismo, mas foi realizada para a análise das lições e se refere ao primeiro princípio analisado conhecer.

Quadro 4 - Lições 1 a 7

LIÇÃO	TÍTULO DA LIÇÃO	TEMA DA LIÇÃO	NÚMERO DE PERGUNTAS
1	“Sinal da Salvação” (p. 11)	- Ser Cristão -Principais ensinamentos da fé -Sinal da cruz	9
2	“Jesus nos revela o pai” (p. 14)	-Deus (espírito e criador)	8
3	“No batismo de Jesus, se revela a santíssima Trindade” (p. 17)	- Santíssima Trindade	11
4	“Jesus Prometido como Salvador” (p. 20)	- Anjos -Homens	16
5	“Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus” (p. 24)	- Jesus -Filiação de Jesus - Nascimento de Jesus	10
6	“Jesus nos ama até a morte” (p. 27)	- Salvação por Jesus -Morte de Jesus -Ressurreição de Jesus	9
7	“Jesus nos ensina a rezar” (p. 30)	-Significado de Oração -Pai Nosso e Ave-Maria	8

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.2 Os dogmas nas lições

Observamos que, além das noções anteriormente destacadas, algumas lições do catecismo possuem correspondências com as verdades dogmáticas católicas. Os dogmas ou as verdades da fé da doutrina católica são considerados revelações de Deus determinadas “em fórmulas dogmáticas pelo Magistério da Igreja, a quem fora confiado” (SENA, 2010, p. 443). Os

Concílios ressaltam e delineiam os dogmas, reafirmando a função da Igreja de guardar e expor com veracidade as Revelações. Os dogmas são construídos historicamente em função das necessidades de regulação da Igreja Católica e são considerados revelações de Deus interpretadas a partir das tradições católicas ou da Sagrada Escritura. Eles são definidos a partir da convocação de um ministério Eclesiástico, conselho universal (Concílio), ou pelo Papa, posição determinada oficialmente no Concílio I com o dogma da infalibilidade papal (OTT, 1954). Na lição 21, intitulada “Jesus nos ama pela Igreja”, o Primeiro Catecismo (1964) esclarece para o leitor (a): **“Que é um Concílio? Concílio é a reunião dos Bispos convocados pelo Papa para o governo da Igreja”** (p.75).

Os dogmas são considerados verdades indiscutíveis da doutrina católica e foram conceituados no sentido científico apologético e compreendidos como conteúdo religioso (FISCHER, 2008). Fischer (2008) compreende que a doutrina é um conjunto de princípios que sustentam um aparelho religioso, sendo os dogmas parte desses princípios. Para o autor, a doutrina cristã é, portanto, mais ampla, e engloba os dogmas, que são referentes ao:

Conhecimento e reconhecimento da redenção efetuada por Jesus Cristo, de Deus e do mundo. São consideradas como contidas nas Sagradas Escrituras. São oficialmente aceitas pela igreja. Constituem o “depósito da fé” (em latim: depositum fidei). Seu reconhecimento é a condição da participação na salvação e bem-aventurança (FISCHER, 2008, p. 87-88).

Procuramos identificar, a partir da análise das primeiras sete lições do catecismo, a presença dos principais dogmas católicos definidos em concílios, sendo eles, sobre Deus, Santíssima Trindade, Virgem Maria, anjos e os homens e Jesus Cristo. O impresso não faz explicações sobre o que é um dogma, no entanto, na lição 21, o catecismo pergunta **“Pode a Igreja errar, quando nos manda crer alguma coisa? Não, A Igreja não pode errar, quando nos manda crer alguma coisa, porque o Espírito Santo a guarda do erro. Por isso é infalível”** (p.75). O Catecismo da Igreja Católica (1993) desenvolvido após o Concílio Vaticano II define que:

O Magistério da Igreja faz pleno uso da autoridade que recebeu de Cristo quando define dogmas, isto é, quando propõe, dum modo que obriga o povo cristão a uma adesão irrevogável de fé, verdades contidas na Revelação divina ou quando propõe, de modo definitivo, verdades que tenham com elas um nexu necessário (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 60).

Acerca das definições dos dogmas, Sesboüé (2006) esclarece que:

Não se busca mais estabelecer de maneira demasiado material e imediata, tanto no plano das fórmulas quanto no das instituições eclesiais e sacramentais, a identidade do dogma consigo mesmo ao longo do tempo. A abordagem da necessária normatividade do dogma se tornou mais aberta e sadiamente crítica. Ela libertou-se de certo número de fixações, que eram tão-somente o reflexo de uma angústia. Ela está atenta à distância histórica e restitua a diferença das linguagens e das práticas na continuidade do sentido. Em suma, de um lado a historiografia renovou-se consideravelmente; de outro, foi a hermenêutica teológica da história do pensamento cristão que se deslocou e se aprofundou (SESBOÛÉ, 2006, p. 18).

Sesboüé (2006) apresenta uma síntese, a partir de pesquisas feitas no campo histórico e teológico da história dos dogmas, a fim de esclarecer a gênese e o conteúdo dos dogmas, para os cristãos do século XXI. O autor aponta que a formação dos dogmas possui características e interesses culturais além de características especificamente doutrinárias. Para ele, “os dogmas nascem das afirmações que pertencem à fé”, sendo que, “o critério original de seu reconhecimento se encontra, portanto, nos Símbolos da fé e nos “artigos” que os compõem” (SESBOÛÉ, 2006, p.20). De acordo com o autor, a maioria dos dogmas também sofreu definições conciliares, salvo aqueles que são transmitidos pela tradição, como, por exemplo, o dogma da redenção. Sesboüé (2006, p.20) pondera que “O dogma cristão se apresenta sempre como uma tradução, uma interpretação e uma explicitação de um dado que se acha na Escritura”.

Além de compreender os dogmas conforme proposto por Sesboüé (2006), também buscamos entender como os católicos da década de 1960 compreendiam a determinação dos dogmas desde o 1º Concílio de Niceia até o Concílio Vaticano II. Não encontramos um livro ou documento católico que estabelecesse uma lista ou descrição da quantidade ou classificação dos dogmas aceitos. No entanto, em razão do Concílio Vaticano II, Martins Alonso²¹ publicou, no Jornal do Brasil de 1962, um artigo intitulado “Do concílio de Nicéia ao Vaticano II: Histórico dos Concílios Ecumênicos realizados em dezessete séculos” (p.4), que descreve cronologicamente as decisões tomadas nos concílios orientais e posteriormente ocidentais.

Segundo Sesboüé (2006), o Concílio de Nicéia (325) foi o primeiro em que foram discutidos os dogmas, marcando o início da discussão dogmática na história da Igreja, sendo que a inserção dos dogmas nos textos eclesiais oficiais disparou uma crise institucional com reações

²¹ Martins Alonso publicava periodicamente, no Jornal do Brasil, artigos especificamente sobre direito e política, além do artigo religioso sobre os concílios. Não encontramos durante a pesquisa mais dados sobre o autor.

conservadoras a respeito da introdução da interpretação humana além da revelação de Deus na escritura. No Jornal do Brasil, Alonso (1962) destaca que alguns historiadores descrevem que os concílios ecumênicos podem ter origem no Pentecostes, tornando-se uma repetição da vinda do “Espírito Santo”. No entanto, Alonso (1962) acredita que:

a primeira grande assembleia dos Bispos tenha sido mesmo o Concílio de Jerusalém promovido por São Paulo para decidir sobre a querela com os Pagãos, no qual tomaram parte os apóstolos e os presbíteros e quando a palavra inicial foi de São Pedro, Primeiro Papa, seguindo-se a aprovação de outras decisões, inclusive o envio da carta aos convertidos de Antióquia da Síria e da Sílicia (ALONSO, 1962, p.4).

Mesmo assim, o autor também inicia sua análise de concílios a partir de Nicéia (325), totalizando 20 concílios em dezessete séculos, sendo oito no Oriente:

Figura 19 – Concílios Orientais

CONCÍLIOS ECUMÊNICOS (EM RESUMO)			
EPOCA	LOCAL	PAPA REINANTE	DECISÕES
NO ORIENTE			
I — Ano 325	1.º de Nicéia	São Silvestre I	Símbolo dos Apóstolos — Igualdade de natureza do Filho com o Pai — Fixação da data da Páscoa — Liturgia da Sagração Episcopal.
II — Ano 381	1.º de Constantinopla	São Damásio I	Reafirmação do símbolo de Nicéia — Precedência do Bispo de Constantinopla — Divindade do Espírito Santo — Santíssima Trindade.
III — Ano 431	Efeso	São Celestino I	Maternidade Divina de Maria.
IV — Ano 451	Calcedônia	São Leão, o Grande	Dupla natureza divina e humana de Cristo — Distinção sobre a Trindade e a Incarnação.
V — Ano 553	2.º de Constantinopla	Virgílio	Condenação dos capítulos nestorianos.
VI — Ano 680	3.º de Constantinopla	Agaton — Leão II	Doutrina das duas vontades e duas energias em Cristo — Condenação do monoteísmo.
VII — Ano 787	2.º de Nicéia	Adriano I	Licitude da Veneração das imagens dos santos.
VIII — Ano 869	4.º de Constantinopla	Nicolau I	Extinção do Cisma de Fócio — Precedência dos Patriarcas — Primado do Papa — Unidade da alma ao corpo.
NO OCIDENTE			

Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1962, p. 4.

Referente à instituição dos dogmas, de acordo com Alonso (1962), o Concílio de Nicéia (325) “firmou a igualdade de natureza do filho com o pai” (p.4), dando início à complexa discussão sobre o que vinha a ser o dogma da Santíssima Trindade, considerado o símbolo mais antigo dedicado à administração do batismo, representado pelo Pai, Filho e o Espírito Santo. O dogma da Santíssima Trindade foi definido 56 anos após o Concílio de Nicéia, durante o 1º Concílio

de Constantinopla (381), no qual foi afirmado “que o Espírito Santo era uma criatura do Filho” sendo confirmado “o Símbolo de Nicéia, quanto à Divindade do Espírito Santo” (ALONSO, 1962, p.4).

Segundo Ott (1954), a manifestação da Santíssima Trindade na História Sagrada ocorre após o batismo de Jesus, realizado por João Batista, quando se avista o espírito de Deus em forma de pomba (Espírito Santo), enquanto se ouvia a voz de Deus (Pai) dizer do céu que Jesus era seu filho. O *Primeiro Catecismo* (1964) apresenta a Santíssima Trindade na lição 3, nomeada, como “No batismo de Jesus, se revela a Santíssima Trindade”. (p. 17). A lição é composta por 12 perguntas e respostas que objetivam esclarecer que “Em Deus há três pessoas iguais e realmente distintas, que são o Pai e o Filho e o Espírito Santo” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 17). A complexidade da Santíssima Trindade é explicada pela seguinte ilustração:

Figura 20 – No batismo de Jesus, revela-se a Santíssima Trindade



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 17.

A figura 20 introduz a lição ao ilustrar as três formas da Santíssima Trindade para o(a) leitor(a), o Pai – voz que ecoa, como vindo do céu –, o Filho que está sendo batizado, e o Espírito Santo, representado na forma de uma pomba branca. Todas as 12 perguntas enfatizam a explicação das três pessoas distintas que representam a Santíssima Trindade, que são ao mesmo tempo a mesma pessoa, isto é, todas representam Deus, com “a mesma natureza divina, o mesmo poder e a mesma sabedoria” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.18). O catecismo esforça-se a ensinar a partir da repetição do mesmo tema, com perguntas e respostas diferentes: mesmo havendo três pessoas distintas e ao mesmo tempo iguais em Deus, essas três pessoas totalizam-

se em um só Deus. A estratégia das perguntas e respostas é descrever cada posição da Trindade, reforçando a unidade:

“22. Qual é a primeira pessoa da SS. Trindade? A primeira pessoa da Santíssima Trindade é o Pai.

23. Qual é a segunda pessoa da SS. Trindade? A segunda pessoa da Santíssima Trindade é o Filho.

24. Qual é a terceira pessoa da SS. Trindade? A terceira pessoa da Santíssima Trindade é o Espírito Santo.” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.18).

Logo em seguida, o catecismo traz a sequência de perguntas e respostas:

“25. O Pai é Deus? Sim. O pai é Deus.

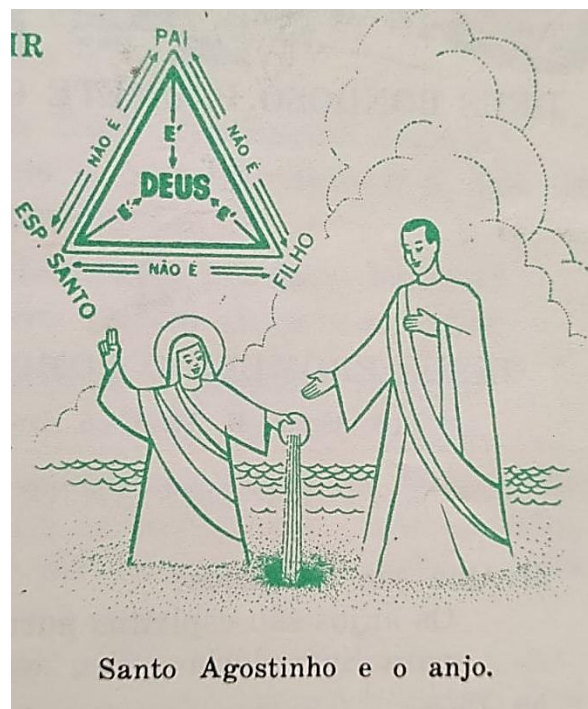
26. O Filho é Deus? Sim. O filho é Deus.

27. O Espírito Santo é Deus? Sim, O Espírito Santo é Deus.

28. Não há um só Deus? Sim. Há um só Deus, mas três pessoas distintas” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.18).

A imagem a seguir finaliza a lição 3 com um esquema de explicação da Santíssima Trindade:

Figura 21– Esquema explicativo Santíssima Trindade



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 19.

Apesar da apresentação da imagem de Santo Agostinho na lição, as perguntas, respostas e os tópicos do impresso não o citam ou exploram a ilustração, ficando a cargo do catequista o esclarecimento²² da relação exposta. A Santíssima Trindade não é um dogma de fácil entendimento e é considerado um problema teológico que surge com o Novo Testamento, pois, segundo Schmaus (1972), foi difícil reconsiderar o esforço do Antigo Testamento em relação ao monoteísmo, nas afirmações de Deus único à filiação entre Deus e Jesus. Como destacamos anteriormente, esse foi um tema amplamente discutido na tentativa de conciliação a partir do Concílio de Nicéia (325 d.C.).

Posteriormente ao dogma definido sobre a Santíssima Trindade, iniciou-se uma nova discussão no Concílio de Éfeso no ano 431. De acordo com Alonso (1962), anteriormente ao Concílio, Maria não podia ser chamada de Mãe de Deus, apenas de Mãe de Cristo. O Concílio de Éfeso foi, portanto, responsável por reconhecer a “Maternidade Divina de Maria” (ALONSO, 1962, p.4). Podemos ver no *Primeiro Catecismo* (1964), o esclarecimento desse dogma na lição 5, com a seguinte pergunta “**A Santíssima Virgem pode chamar-se Mãe de Deus?** A Santíssima Virgem pode e deve chamar-se Mãe de Deus, porque é Mãe de Jesus Cristo, que é Deus” (p.25).

Somente vinte anos após o Concílio de Éfeso, ocorreu o Concílio da Calcedônia para serem discutidas as duas naturezas de Cristo, a natureza divina e a natureza humana (ALONSO, 1962). Podemos encontrar a explicação desse dogma em duas perguntas na lição 5 intitulada “Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus”, as quais explicam para o leitor (a): “**Quando o Filho de Deus Se Fêz homem deixou de ser Deus?** Não. Quando o Filho de Deus Se fêz homem não deixou de ser Deus, mas continuou verdadeiro Deus e começou a ser também verdadeiro homem” (p.25).

Analisando o artigo do Jornal do Brasil, escrito por Alonso (1962), após o Concílio de Calcedônia, ocorreram mais quatro concílios orientais; neles, entretanto, não foram discutidos dogmas. A partir do ano de 1123, iniciaram-se os concílios ocidentais, os quais começaram a ser convocados por papas, diferentemente dos orientais, que eram convocados por poder temporal (ALONSO, 1962). Foram então discutidos, durante 9 concílios, sacramentos, celibato eclesiástico, confissão e comunhão anuais; foram aprovadas as cruzadas; houve votações de papas e antipapas; entre outras discussões conflituosas.

²² Esse aspecto será abordado no terceiro capítulo a partir da ótica do Roteiro Catequético.

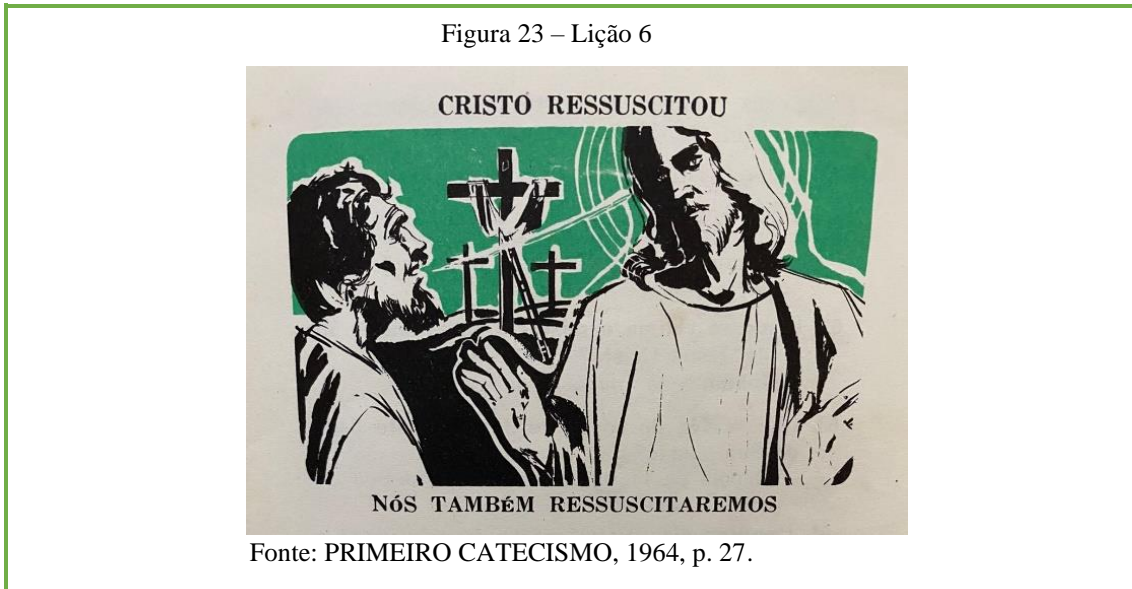
Figura 22 – Concílios Ocidentais

NO OCIDENTE			
IX — Ano 1123	1.º de Latrão	Calixto II	pa — Unidade da alma ao corpo. A questão das investiduras e a disciplina — Estatuto dos Cruzados — Disciplina dos sacramentos.
X — Ano 1139	2.º de Latrão	Inocência II	Celibato eclesiástico — Reformas disciplinares — Cisma de Anacleto II.
XI — Ano 1179	3.º de Latrão	Alexandre II	A eleição do Papa — Maioria de dois terços.
XII — Ano 1215	4.º de Latrão	Inocência III	Transubstanciação na Eucaristia — A confissão e comunhão anuais — Impedimentos ao casamento.
XIII — Ano 1245	1.º de Lion	Inocência IV	Perseguição à Igreja — Deposição do Imperador — Massacre de cristãos húngaros.
XIV — Ano 1274	2.º de Lion	Gregório X	Regulamento da eleição pontifícia — Instituição do Conclave — União com os gregos — Cruzada.
XV — Ano 1311	Viena	Clemente V	Supressão dos templários — Campanha da pobreza dos franciscanos — Eleição de um Papa João XXIII.
XVI — Ano 1414-18	Constança	Martinho V	Heresia com Wiclif — Execução de João Huss.
XVII Ano 1437-45	Florença	Eugénio IV	A questão conciliar — Nôvo cisma.
XVIII - Ano 1512-17	5.º de Latrão	{ Júlio II Leão X	Imortalidade da alma — Encerramento no ano em que Martinho Lutero anunciou as 95 teses — Começa a Reforma Protestante.
XIX — Ano 1545-63	Trento	{ Paulo III Júli III Pio IV	Doutrina sobre a Escritura e a Tradição — Reforma da Igreja — Catecismo — Seminários — Sacramentos — Condenação dos erros.
XX — Ano 1869-70	Roma Vaticano I	Pio IX	Primado e infalibilidade do Papa. (Interrompido pela guerra de 1870).
XXI — Ano 1962	Roma Vaticano II	João XXIII	Crescimento, fortalecimento e consolidação da fé católica — Renovação da vida cristã — Adaptação às necessidades da nossa época — Disciplina eclesiástica.

Fonte: JORNAL DO BRASIL, 1962, p.

Após quase quatro séculos, depois do último concílio oriental, ocorreu o 5º Concílio de Latrão, no ano de 1512, no qual foi discutida a definição dogmática da imortalidade da alma humana, sendo ela considerada individual e imortal (ALONSO, 1962, p.4). Nas lições do *Primeiro Catecismo* (1964), existem duas perguntas com explicações subjetivas relativas a esse dogma na lição 4 - “Jesus prometido como salvador” (p.20) -, a partir da criação do primeiro homem, **“Que é o homem? O homem é uma criatura racional, composta de alma e corpo”**, **“Para que foi criado o homem? O homem foi criado para conhecer, amar e servir a Deus neste mundo e assim merecer a vida com o próprio Deus para sempre no céu”**. (p.21) Essa última pergunta indica ao leitor a vida após a morte sem citar propriamente o termo, que é explorado na lição 6 - “Jesus nos ama até a morte” (p.27) -, trazendo questões sobre o castigo da morte para os

homens a partir do pecado original e, a partir disso, a morte e ressurreição de Cristo pelos homens: “**Por que dizemos que Jesus nos salvou?** Dizemos que Jesus nos salvou porque, por nosso amor, Êle quis sofrer e morrer na cruz, vencer a morte pela ressurreição e assim nos abrir o céu” (p.28). A imagem a seguir inicia a lição 6:



O *Primeiro Catecismo* (1964) não explica objetivamente a ressurreição para o (a) leitor (a), mas afirma que, a partir da morte de Cristo, que venceu “a morte pela ressurreição” (p.28), foi possível abrir o céu para os homens. Nesse caso, a frase da ilustração, “Cristo ressuscitou, nós também ressuscitaremos” (p.27), funciona como uma estratégia complementar para o entendimento das perguntas e repostas, mostrando que o catecismo utiliza seus recursos gráficos para acrescentar noções ausentes do texto original, que, segundo a “apresentação” feita por Carmelo Surian, sofreu pequenas modificações. Sobre a imortalidade da alma ou ressurreição, Eliade (1992) descreve que “toda existência cósmica está predestinada à ‘passagem’: o homem passa da pré-vida à vida e finalmente à morte, tal como o antepassado mítico passou da preexistência à existência e o Sol das trevas à luz” (p.87), sendo que essa passagem da vida à morte, em relação à dogmática da imortalidade da alma humana, podemos associar ao que Eliade (1992) explica como “à nova existência *post mortem* (a alma)” (p.87), considerada como um simbolismo ou ritual de “passagem” que dão sentido à vida humana.

No mesmo ano do fim do Concílio de Latrão, em 1517, deu-se início a uma Reforma, que, a partir da difusão de 95 teses questionadoras escritas por Martinho Lutero, sobre a doutrina da Igreja romana, provocou conflitos teológicos e políticos que “resultaram uma nova religiosidade cristã instituída e separada em definitivo da Igreja Católica - denominada de

protestantismo” (RAMOS NETO, 2019, p.207). Em 1543, a Igreja Católica iniciou o Concílio de Trento, entre 1545-1563, funcionando como uma contrarreforma amplamente discutida, sendo o concílio de maior duração, responsável por definir a doutrina católica em relação às discordâncias com os protestantes (ALONSO, 1962, p.4). Além disso, durante o Concílio de Trento, foram aprovados os artigos que desenvolveram o primeiro catecismo oficial da Igreja Católica (Catecismo Tridentino ou Catecismo Romano), além da aprovação e das definições sobre os Sacramentos, a Eucaristia e a Santa Missa, que fortaleceram a reforma e a doutrina católica (ALONSO, 1962, p.4).

De acordo Alonso (1962), o penúltimo concílio, o Concílio Vaticano I, ocorreu entre 1869-1870, e foi responsável por definir o dogma da infalibilidade papal. No entanto, esse concílio foi interrompido por conta da guerra franco-alemã e, por isso, segundo o autor, “pode ser denominado o Concílio inacabado” (p.4). O *Primeiro Catecismo* (1964) traz perguntas sobre o papa, incluindo o dogma da infalibilidade, “**O Papa também é infalível?** Sim. O Papa é infalível.” (p.75). Além disso, a lição é iniciada com imagem e descrição sobre o poder Papal:



O Concílio Vaticano I, segundo Alonso (1962), teve a intenção de verificar os erros modernos e adaptar a doutrina aos seus tempos:

frente às consequências da Revolução Francesa sobre o mundo, Pio IX publicara o Syllabus, (catálogo dos erros modernos) seguido da Encíclica Quanta cura. Consultou cardeais sobre a conveniência de convocar um concílio ecumênico reservando-se o direito de formular as proposições (ALONSO, 1962, p.4).

Após 93 anos, foi iniciado o Concílio Vaticano II, que se relaciona diretamente com o *Primeiro Catecismo* (1964), trazendo como princípio a “adaptação da disciplina da Igreja às necessidades e aos métodos do nosso tempo” (p.4). Os últimos três concílios citados, Concílio de Trento, Concílio Vaticano I e Concílio Vaticano II, não se relacionam diretamente com os principais dogmas definidos em concílios anteriores, no entanto, eles foram responsáveis por desenvolverem, aprovarem e definirem catecismos, mandamentos e sacramentos (que serão discutidos no próximo tópico), mantiveram tradições, mas também atualizaram pontos da doutrina.

As noções sobre a doutrina cristã e os dogmas contidos no Primeiro Catecismo (1964) foram discutidas a fim de compreender o conteúdo central e a construção histórica contida nas lições de 1 a 7, expostas no Quadro 4, no início deste capítulo. Além dessas noções, também é necessário explorar as perguntas e respostas das lições relacionando-as com a História Bíblica da qual o texto do catecismo foi extraído e construído. No próximo tópico, iremos especificar a composição bíblica e a sua adaptação aos temas da década de 1960, que contribuem para o(a) leitor(a) conhecer os princípios católicos difundidos no catecismo.

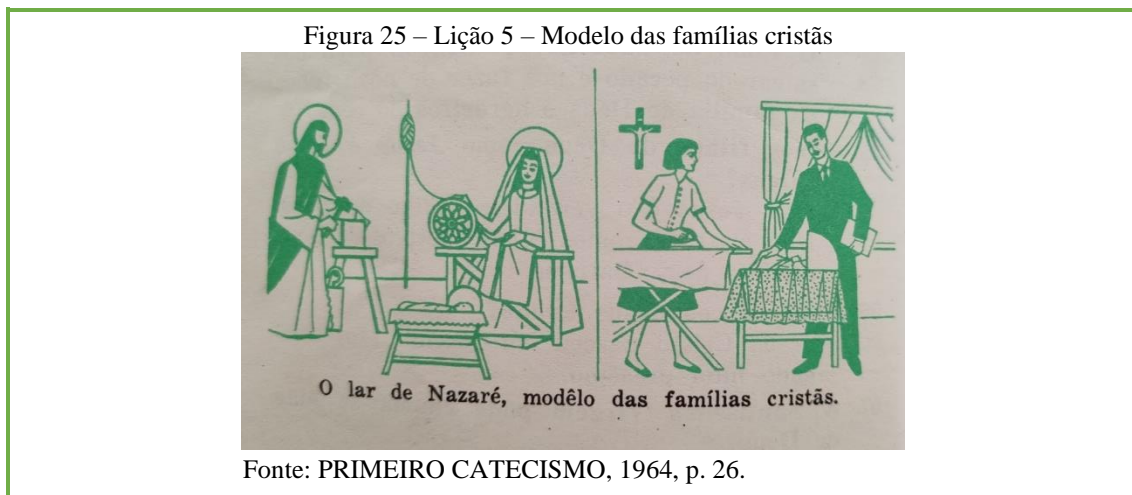
2.1.3 A História Bíblica/Doutrina extraída da história

As quatro lições iniciais do Primeiro Catecismo (1964), assim como analisamos no início do capítulo, possuem um perfil explicativo dos principais saberes da doutrina cristã, a respeito: da necessidade do batismo para ser cristão, da explicação sobre o sinal da salvação (cruz), sobre Deus, a Santíssima Trindade e sobre a diferença entre anjos e homens.

A partir da lição 5, identificamos que as perguntas e respostas também destacam os principais acontecimentos ocorridos depois do nascimento de Jesus e, por isso, essas perguntas ultrapassam o papel de explicativas, pois cumprem o objetivo de também recontar a História Sagrada do Novo Testamento. O caráter de recontar a História Sagrada, segundo Groome (1985), cumpre a lógica da palavra “catequese”, que consiste em ser “a atividade de repetir ou recontar a história da fé cristã que nos foi transmitida” (p. 55), isto é, mesmo de forma resumida, o catecismo explora pontos específicos que elucidam e dão suporte para o entendimento da história bíblica em torno de Jesus. Mesmo isoladamente, cabe destacar que, ao abordar Deus, na lição 2, “Jesus nos revela o Pai” (p.14), o catecismo também cumpre a função de recontar a

História Sagrada, sob a perspectiva católica, a partir da criação do universo por um Deus “criador do céu e da terra” (p.14) e também ao explicar a criação dos anjos e dos homens por Deus. Eliade (1992) esclarece que História Sagrada é uma história recontada de forma infinita, contendo mitos e paradigmas da sociedade. Para o autor, o homem moderno cristão sente-se como parte do universo (cosmo), e a história desse universo é explicada e recontada como uma história sagrada, transmitida por mitos sobre a origem humana, que dão sentido à vida e tornam-se verdade absoluta, como já discutimos acerca dos espaços não sagrados em relação à criação do mundo sagrado que o ampara.

Após a abordagem das criações feitas por Deus, o catecismo encarrega-se de recontar a história em torno do nascimento de Jesus: **“Onde nasceu Jesus Cristo? Jesus Cristo nasceu em Belém e foi colocado num presépio”** (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 25). Em uma única pergunta, deixam-se questões que podem desencadear discussões e explicações mais aprofundadas em torno do assunto, ficando evidente que o catecismo é encarregado de expor informações fundamentais da história sagrada; no entanto, é necessário o auxílio do catequista para elucidar a principiantes questões não explícitas nas perguntas e respostas. Em torno do nascimento de Jesus, por exemplo, são destacadas, de forma sintética, questões sobre quem “é” Jesus, quem “são” seus pais e local de nascimento. No final da lição, o catecismo traz a relação de modelo da família cristã com o formato, os deveres e as ações a serem seguidas:



A imagem ilustra a forma como a Igreja Católica concebe a formação e os deveres da família. Segundo o Compêndio do Vaticano II (1986):

A família é em certo sentido uma escola de enriquecimento humano. Mas para atingir a plenitude de sua vida e de sua missão requer a comunhão de alma no bem-querer, a decisão comum dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. E' de grande proveito para a formação desses a

presença ativa do pai. Mas, sem desprezar a legítima promoção social da mulher, deve pôr a salvo o cuidado da mãe em casa, do qual necessitam principalmente os filhos menores (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 202).

A partir da imagem e do trecho descrito, foi possível identificar que o catecismo e o Concílio Vaticano II reforçam uma representação da família cristã constituída por pai, mãe e filho(s), com funções que seriam espelhadas no exemplo da família de Jesus. A partir da lição 5, “Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus” (p.24), foi possível interpretar que o catecismo indica um padrão de família católica para ser seguido, contribuindo para a construção da noção do papel da mulher como a responsável pelas demandas da casa, dos filhos e do marido, reforçando o papel do homem como único provedor e patriarca da família, modelo presente até hoje em algumas discussões católicas. A imagem também representa, para o caso da família contemporânea, homem e mulher brancos, possivelmente pertencentes às camadas médias. O Compêndio do Vaticano II (1986) justifica o destaque do catecismo em relação ao padrão de família, em consequência da preocupação com “as profundas mudanças sociais contemporâneas” (p. 195), relacionadas à poligamia, ao divórcio, ao egoísmo, ao hedonismo, às condições econômicas, sociopsicológicas e aos problemas decorrentes de crescimento demográfico. Posicionando-se em relação a todos os pontos anteriormente citados, instruir os cristãos com base na doutrina católica tornou-se a solução para promover o modelo ‘idealizado’ da família/do lar de Nazaré e da “família cristã”, construção católica com visão patriarcal.

A lição 6 introduz a paixão e morte de Jesus, causadas pelo pecado cometido pelos homens, conforme citado na lição 4. São 10 perguntas compondo a lição 6, que explicam, além da paixão e morte, a ressurreição de Cristo, encerrando as perguntas em torno do ciclo de sua vida. Em ordem cronológica, dentro de diferentes temas, o catecismo distribui perguntas e respostas que permitem ao(à) leitor(a) apreender o ciclo completo da narrativa focada na presença de Cristo na terra:

Quadro 5 - Ciclo da vida de Jesus

TEMA	PÁGINA	PERGUNTA	RESPOSTA	PROPÓSITO
5. Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus	24	48. Quem é Jesus Cristo?	Jesus Cristo é o filho de Deus feito homem.	Anúncio/ Anunciação
5. Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus	25	56. Onde nasceu Jesus Cristo?	Jesus Cristo nasceu em Belém e foi colocado num presépio.	Nascimento
6. Jesus nos ama até a morte	27	60. Por que Dizemos que Jesus nos salvou?	Dizemos que Jesus nos salvou porque, por nosso amor, Êle quis sofrer e morrer na cruz, vencer a morte pela ressurreição e assim nos abrir o céu.	Paixão
6. Jesus nos ama até a morte	28	63. Que se fez do corpo de Jesus Cristo depois de Sua morte?	Depois da morte de Jesus Cristo, Seu corpo foi sepultado.	Morte
6. Jesus nos ama até a morte	28	65. Que fez Jesus Cristo depois dos três dias de Sua morte?	Jesus Cristo, depois dos três dias de sua morte, ressuscitou glorioso e triunfante, para nunca mais morrer.	Ressurreição

Fonte: Elaborado pela autora.

Além dessas perguntas gerais, o catecismo explora a lição sobre Jesus com perguntas mais específicas, como: **“Quantos dias esteve morto Jesus Cristo?** Jesus Cristo esteve morto três dias incompletos, a saber: parte de sexta-feira, todo o dia de sábado e parte do domingo” (p.28); **“Quantos dias esteve Jesus Cristo na terra depois de Sua ressurreição?** Depois de sua ressurreição Jesus Cristo esteve na terra quarenta dias, ensinando os apóstolos.” (p.28); **“Depois de quarenta dias, para onde foi Jesus Cristo?** Depois dos quarenta dias, Jesus Cristo subiu aos céus, para nos preparar um lugar” (p.28). Podemos observar, a partir dos destaques acima, a narrativa que reconta para o(a) leitor(a) a história sagrada em formato de perguntas e respostas. Além disso, o catecismo fornece a resposta pronta, reforçando, assim, o status de verdade absoluta da doutrina cristã, não havendo abertura para questionamentos, mesmo sendo perguntas com detalhes específicos como as citadas.

O ciclo de vida de Cristo também reforça e ensina para o(a) leitor(a) a doutrina de agir como exemplo, pelo sofrimento, humildade, em prol do próximo, a partir da frase “Jesus crucificado, conforto dos que sofrem” (p.29):

Figura 26 – Lição 6 – Jesus nos ama até a morte



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.29.

Segundo Eliade (1992a), uma das características que marca o cristianismo é o valor atribuído ao sofrimento, transformando o estado negativo da dor “em uma experiência dotada de conteúdo espiritual positivo”. Essa afirmativa é válida enquanto se refere à atribuição de valor ao sofrimento, e mesmo à procura da dor, por suas qualidades salutares (p.98), ou seja, é ensinada, na doutrina católica e nas lições desse catecismo, uma noção reconfortante da dor.

O sofrimento é demonstrado a partir do exemplo de Jesus crucificado, e Eliade (1992a) explica que “A mensagem do Salvador é, antes de mais nada, um exemplo que exige imitação” (p.27), sendo que “Sua prática anula o pecado da condição humana e torna homem uma criatura divina. Aquele que acredita em Jesus pode fazer o que Ele fez; suas limitações e importância são abolidas” (p.28). De acordo com Gélis (2008), o uso da imagem foi instrumento fundamental para a difusão de Cristo sofrendo humilhações e agressões físicas insuportáveis que elevaram o seu corpo a um lugar místico, transformando o sofrimento em salvação. O catecismo traz, a partir da ilustração, a noção cristã desse sofrimento, representado por pessoas doentes, descalças, com roupas simples, enfatizando para o(a) leitor(a) que “nos sofrimentos da vida, olharei sereno para o Salvador na cruz, e sofrerei com Êle pelos pecadores” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.29). Além disso, é reiterado que, a partir do sofrimento de Jesus Crucificado, é concedido ao fiel “a vida pura, a morte santa e a glória da ressurreição eterna” (p.29), ou seja, a partir do exemplo representado pela imagem de Jesus crucificado, o catolicismo justifica que os sofrimentos diários da vida não serão em vão e, além disso, o catecismo fixa-se nas classes sociais e econômicas mais baixas para se referir ao tema. Em relação a esse aspecto, Gélis (2008) explica que o cristianismo é uma “religião da salvação pessoal” (p.123), que valoriza e favorece a emergência do indivíduo.

A imagem de Jesus crucificado apresentada pelo catecismo completa o ciclo da história sagrada com o nascimento, a paixão, a morte e a ressurreição. Segundo Eliade (1992a), esse ciclo representa periodicamente a repetição do ano litúrgico cristão:

De fato, o ano litúrgico cristão baseia-se numa periódica e real repetição do Nascimento, da Paixão, morte e Ressurreição de Jesus, com tudo o que esse drama místico implica para um cristão; isto é, a regeneração pessoal e cósmica através da reatualização *in concreto* do nascimento, morte e ressurreição do Salvador (ELIADE, 1992a, p.125).

Essa necessidade de repetição cristã, reforçada pelo exemplo, pode ser explicada pelo conceito de gesto exemplar, sobre o qual Eliade (1992a) destaca que se “o homem religioso sente necessidade de reproduzir indefinidamente os mesmos gestos exemplares, é porque deseja e se esforça por viver muito perto de seus deuses” (p.48).

Por fim, as perguntas e respostas que compõem a História Sagrada ajudaram a compreender que as questões do catecismo são baseadas no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, o qual é

composto pela narrativa em torno da vida de Jesus. Essa narrativa compreende, segundo Eliade (1992a), que o “amor cristão é consagrado pelo exemplo de Jesus. Sua prática anula o pecado da condição humana e torna o homem uma criatura divina” (p.28). As edições tradicionais do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*, publicadas anteriormente ao ano de 1964, não dão ênfase e destaque, com apoio de recursos gráficos, imagens e frases, além das perguntas e respostas, aos modos de viver a partir do exemplo da história de Jesus. As perguntas e respostas apresentadas acima correspondem aos diferentes momentos da vida de Jesus, abordados com afirmações e tópicos precisos, que se diferem do formato textual ensinado na bíblia – que é indicada nesse catecismo como recurso opcional – e, mesmo sem esse recurso, cumpre com os objetivos que vão além dos expostos nas perguntas e respostas.

2.1.4 Mandamentos

O *Primeiro Catecismo* (1964) apresenta, a partir da lição²³ 8, os mandamentos em duas partes: os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja. Após os mandamentos, o catecismo aborda, nas lições 9 e 10, os pecados “veniais” e “mortais” e os “novíssimos” do homem - “por novíssimos do homem se entendem as últimas coisas que nos hão de acontecer” (p.39).

Quadro 6 - Lições 8 a 10

LIÇÃO	TÍTULO DA LIÇÃO (<i>Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã</i>)	TEMA
8	“Jesus nos mostra a vontade do pai” (p. 33)	Mandamentos de Deus e da Igreja
9	“Jesus nos fala da maldade do pecado” (p.36)	Pecado mortal e venial
10	“Jesus nos fala da outra vida” (p. 39)	Novíssimos do Homem

Fonte: Elaborado pela autora.

²³ A lição 7 intitulada como “Jesus nos ensina a rezar” (p.30) pode ser vista como uma retomada de conteúdo, do qual se explica que “a oração é uma elevação da alma a Deus” (p.30), descreve o porquê rezar o Pai-nosso e a Ave-Maria que são citados por completos. Além disso, a segunda pergunta da lição reforça essa retomada ao dizer “Por que devemos rezar? Devemos rezar: 1º porque Jesus mandou e nos deu o exemplo. 2º porque Deus é nosso Pai, criador e conservador; dele depende nossa vida na terra e nossa felicidade no céu. (p.30)

Segundo o *Pequeno Dicionário Católico* (1966), mandamento é referente a “quem é mandado” sendo que, no catolicismo, os mandamentos são referentes aos “preceitos dados por Deus a Moisés, no Monte Sinai: os cinco Mandamentos da Igreja, que obrigam, como os da Lei de Deus, sob pecado grave” (p.128). De acordo com o Catecismo da Igreja Católica,

A partir de Santo Agostinho, os "Dez Mandamentos" têm um lugar preponderante na catequese dos futuros batizados e dos fiéis. No século XV, começou o costume de exprimir os preceitos do Decálogo em fórmulas rimadas, fáceis de decorar, e positivas, que ainda hoje se usam. Os catecismos da Igreja expuseram muitas vezes a moral cristã seguindo a ordem dos «Dez Mandamentos» (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p.603).

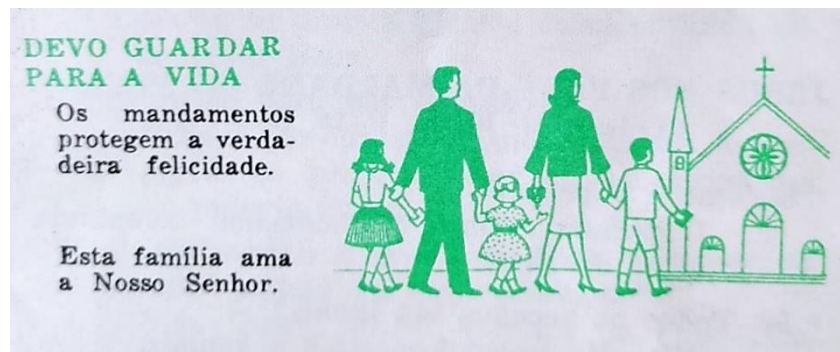
Em sua primeira pergunta sobre os mandamentos, o catecismo enfatiza que, para ser cristão, crer e orar não é suficiente, pois para a salvação é necessário “observar os mandamentos de Deus e os da Igreja” (p.34). O conteúdo da lição é focado em ensinar quantos mandamentos existem, a obrigação de considerar os mandamentos para a vida, e enfatiza as consequências de não os seguir:

Somos obrigados a observar os mandamentos da lei de Deus? Sim. Somos obrigados a observar os mandamentos da lei de Deus, pois devemos respeitar a ordem que o Pai Celeste quis dar ao mundo. Basta pecar gravemente contra um só deles para merecermos o inferno. (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 34. Grifos no original).

A partir do destaque afirmativo de que crer e orar não é suficiente para ser cristão, o catecismo demonstra a necessidade de conhecer e agir de acordo com a doutrina católica. Além disso, o catecismo justifica a instituição dos mandamentos da Igreja para os fiéis, como se pode observar no trecho a seguir: **“Por que a Igreja nos dá mandamentos?** A Igreja nos dá mandamentos para nos ajudar a viver unidos como filhos de Deus e assim mais facilmente alcançarmos a vida eterna” (p.35). Além de apresentar os 10 mandamentos de Deus, e 5 mandamentos da Igreja, o catecismo fornece informações sobre a consequência de não seguir os mandamentos: “basta pecar gravemente contra um só deles para merecermos o inferno” (p.34).

Na lição sobre os mandamentos, assim como discutimos anteriormente, o catecismo reforça a padronização da família católica, a qual seria idealmente composta por pai, mãe e filhos, indicando o sentido da felicidade. A frase “Esta família ama a Nosso Senhor” (p.35) demonstra o que Eliade (1992a) destaca sobre “a manifestação de Deus no Tempo que assegura, aos olhos do cristão, a validade das Imagens e dos símbolos” (p.155). A imagem representa um estereótipo de família composta por brancos, heterossexuais e não pobres.

Figura 27 – Lição 8 – Mandamentos



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 35.

Em geral, os homens, as mulheres e as crianças representados nas ilustrações do *Primeiro Catecismo* (1964) seguem o mesmo padrão (a não ser pela imagem do sofrimento da cruz). Além disso, a lição 8, sobre os mandamentos, é iniciada com a seguinte imagem e trecho:

Figura 28 – Lição 8 – Jesus nos mostra a vontade do Pai



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.33.

Em conjunto com a frase “amar ao próximo como a si mesmo” (p.34), poderiam ser abordados, nas aulas de catecismo, assuntos ligados, por exemplo, às injustiças sociais e ao racismo. No entanto, como podemos observar nas ilustrações, há um reforço de padrões tradicionais, como destaque para a figura masculina:

Figura 29 – Lição 2 – Jesus nos revela o Pai



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.16.

De acordo com Munanga (2004), o conceito de raça começou a ser utilizado para classificar os seres humanos durante os séculos XVI e XVII, sendo um termo transportado para a dimensão hierárquica das relações sociais e para dominação. A dominação, segundo o autor, refere-se aos europeus em relação às raças não brancas, que necessitavam de aprovação da Sagrada Escritura, pois “Para aceitar a humanidade dos ‘outros’, era preciso provar que são também descendentes do Adão, prova parcialmente fornecida pelo mito dos Reis Magos, cuja imagem exhibe personagens representantes das três raças, sendo Baltazar, o mais escuro de todos considerado como representante da raça negra” (p.2). Mesmo assim, o conceito de raça opera num sentido hierárquico, no qual existe:

uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. Assim, os indivíduos da raça “branca”, foram decretados coletivamente superiores aos da raça “negra” e “amarela”, em função de suas características físicas hereditárias, tais como a cor clara da pele, o formato do crânio (dolicocefalia), a forma dos lábios, do nariz, do queixo, etc. que segundo pensavam, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças, principalmente a negra mais escura de todas e conseqüentemente considerada como a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e portanto a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação (MUNANGA, 2004, p.5).

Munanga (2004) descreve que, no início do século XX, a classificação de raça hierarquizada passou a ter um perfil estritamente doutrinário, além do científico, que se difundiu para as populações, com consequências que legitimaram movimentos nacionalistas racistas extremos como o nazismo.

Na segunda metade do século XX, o Concílio Vaticano II abordou, na *Constituição Pastoral «Gaudium et Spes»*, a igualdade entre os homens, sendo o primeiro parágrafo semelhante ao trecho “amar ao próximo como a si mesmo” (p.34):

Dotados de alma racional e criados à imagem de Deus, todos os homens têm a mesma natureza e a mesma origem; redimidos por Cristo, todos gozam da mesma vocação e destinação divina: deve-se, portanto, reconhecer cada vez mais a igualdade fundamental entre todos (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 172).

No entanto, no parágrafo seguinte referente à constituição, é reiterado que:

Na verdade, nem todos os homens se equiparam na capacidade física, que é variada, e nas forças intelectuais e morais, que são diversas. Contudo qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja ela social ou cultural, ou funde-se no sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião deve ser eliminada, porque contrária ao plano de Deus (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p.172).

Observa-se, portanto, o movimento, durante o Concílio Vaticano II, de inserir dentro da Igreja Católica a superação das diferenças raciais e de outras formas de injustiças. No segundo parágrafo, no entanto, podemos identificar que a discriminação é condenada, mas as diferenças ainda são afirmadas.

Após a lição dos mandamentos, o catecismo encarrega-se de ensinar, na lição 9, o que é o pecado, sendo o pecado mortal “uma desobediência grave, feita à lei de Deus, com pleno conhecimento e pleno conhecimento da vontade” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.36), que tem como característica a mortalidade, pois o pecador é separado de Deus para viver eternamente no inferno. O pecado venial, por sua vez, é caracterizado como “uma desobediência leve à lei de Deus” (p.37).

Em seguida, a lição 10 encerra as lições que entendemos como complementares, iniciadas pelos 10 mandamentos de Deus e pelos 5 mandamentos da Igreja que devem ser observados e

respeitados pelo cristão, assim como a consequência de ir para o inferno ao pecar contra as leis de Deus. Por isso, a lição 9 aborda os tipos de pecados existentes, para, na lição 10, serem apresentados os “novíssimos do homem”: “Por novíssimos do homem se entendem as últimas coisas que nos hão de acontecer” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.39), como a morte, o juízo, o inferno e o paraíso. Pode-se observar que o conteúdo, a partir dos mandamentos, torna-se mais denso e complexo para um(a) leitor(a) iniciante, no entanto, as ilustrações expostas, no início e ao final de cada lição, são recursos que contribuem para o entendimento, assim como os quatro tópicos adicionais sobre os quais falaremos após os sacramentos.

2.1.5 Sacramentos

Os sacramentos, segundo o Compêndio do Vaticano II (1968-1986), são sinais que instruem e santificam os católicos, fundamentam o “corpo de cristo” e o culto a Deus, sendo também chamados de “Sacramentos da fé”, responsáveis por preparar “os fiéis do melhor modo possível para receberem frutuosa e a graça, cultuarem devidamente a Deus e praticarem caridade” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p.283). Segundo Gélis (2008), “o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos” (p.19), e está no centro do mistério da doutrina católica.

O Compêndio do Vaticano II (1968-1986) destaca a importância de os sacramentos serem expostos de forma facilitada para maior compreensão, necessidade que o Concílio Vaticano II esforçou-se em administrar em diversos temas da doutrina católica para alcançar mais fiéis. O *Primeiro Catecismo* (1964) inicia a lição sobre sacramentos indicando o seu significado: “**Que significa sacramento em geral?** Sacramento em geral significa um sinal sensível de uma coisa sagrada, que permanece oculta” (p.4). Posteriormente, o catecismo pergunta qual seria o sinal sensível do sacramento do batismo, o que ajuda a compreender a pergunta inicial sobre sacramento em geral, que necessita de mais informações: “o sinal sensível do batismo é a água” (p.42). Em seguida, é feita a pergunta: “**Qual é a coisa sagrada dos sacramentos da Igreja?** A coisa sagrada dos sacramentos da Igreja é a graça que nos santifica” (p.42), e na pergunta seguinte é explicado o que é a graça: “**A que comparou Jesus a graça?** Jesus comparou a graça

a uma veste nupcial que nos torna agradáveis ao Pai celeste e sem a qual não podemos viver a vida de Deus na família de Deus” (p.42), no entanto, não se esclarece o que é a veste nupcial²⁴.

Como indicado no quadro abaixo, a lição 11 introduz os sete sacramentos, que passam a ser apresentados, um a um, em cada lição, até a lição 20. São eles: batismo, crisma, eucaristia, confissão, unção dos enfermos, ordem e matrimônio:

Quadro 7 - Lições 11 a 20

LIÇÃO	TÍTULO DA LIÇÃO	SACRAMENTOS	NÚMERO DE PERGUNTAS
11	“Jesus nos dá os sacramentos” (p. 41)	Sacramentos em geral	10
12	“Jesus nos dá sua vida nos faz seus irmãos” (p. 44)	1º-Batismo	8
13	“Jesus nos faz seus soldados” (p. 47)	2º-Crisma	5
14	“Jesus vive conosco” (p. 50)	3º Eucaristia	11
15	“Sejamos dignos de Jesus” (p. 53)	3º Eucaristia (Comunhão)	4
16	“O sacrifício de Jesus” (p. 56)	3º Eucaristia (Missa)	6
17	“Jesus nos dá o perdão do pai celeste” (p. 59)	4º Confissão	16
		5º	6

²⁴ De acordo com Eliade (1992), veste nupcial relaciona-se a um ritual, no qual, por meio da nudez batismal, abandona-se a antiga veste de pecados, para viver por Cristo.

18	“Jesus, alívio dos doentes” (p. 64)	Unção dos enfermos	
19	“Jesus conosco pelos padres” (p. 67)	6º Ordem	9
20	“Jesus une para sempre os casados” (p. 70)	7º Matrimônio	11

Fonte: Elaborado pela autora.

A Eucaristia, no *Primeiro Catecismo* (1964), é abordada em três lições, o que se difere das edições anteriores que expõem a comunhão e a missa na mesma lição, com tópicos específicos intitulados “Das disposições para a comunhão e da obrigação de comungar” (PRIMEIRO CATECISMO, 1954, p.30) e “Do santo sacrifício da Missa” (p.31). A nova divisão pode ser justificada pela importância do sacramento eucarístico que foi reforçada no Concílio Vaticano II e, também, pelo aumento do conteúdo e da utilização de recursos gráficos. A unção dos enfermos, em edições do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* anteriores à edição de 1964, era ensinada com apenas uma pergunta “**O que é o sacramento da Extrema-Unção?** A Extrema-Unção é um sacramento instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para alívio espiritual e temporal dos enfermos” (PRIMEIRO CATECISMO, 1954, p.35). Na edição reformulada de 1964, a lição 18 é dedicada a esse sacramento com seis perguntas. Segundo Lazario (2018), o Concílio Vaticano II reconfigurou o sacramento antes denominado como “extrema-unção”, que atualmente possui “representações e funções no interior da cosmologia católica, por supor a possibilidade de contribuir para o resgate da saúde do enfermo” (p.240), não sendo, então, relacionado apenas para a passagem/morte. Nesse sentido, acrescentam-se novos símbolos, disposições e rituais:

Figura 30 – Unção dos enfermos



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.66.

Da mesma forma em que há um ritual com uso de objetos, símbolos e disposições evidenciadas para a unção dos enfermos, seja para resgate da saúde ou passagem/morte do cristão, a eucaristia é um sacramento em que há “a metáfora alimentar, a imagem de Cristo como corpo alimentar” (GÉLIS, 2008, p.45). A lição 15, por exemplo, insere, além das perguntas e respostas, um quadro que esclarece o “Jejum Eucarístico”:

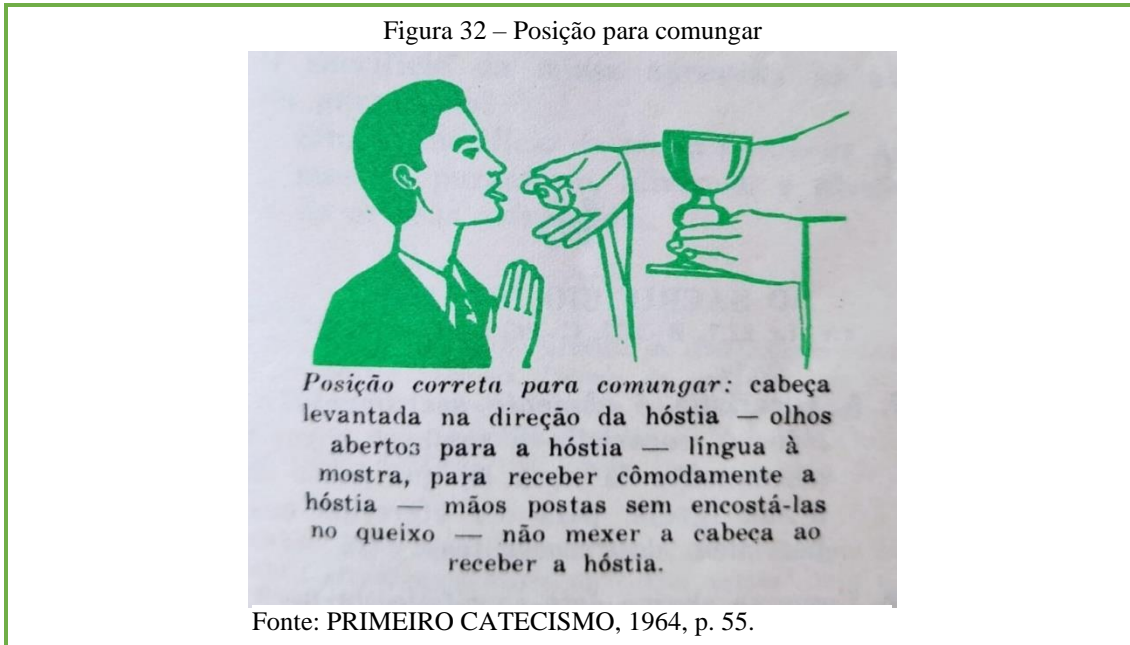
Figura 31 – Alimentos e tempo de jejum

JEJUM EUCARÍSTICO	
Alimentos	Tempo
Sólidos	Até 3 horas antes
Bebidas alcoólicas	Até 3 horas antes
Líquidos sem álcool	Até 1 hora antes
Água Natural	Não quebra jejum
Remédio	Não quebra jejum

Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 54.

Sobre o “Jejum Eucarístico”, o *Primeiro Catecismo* (1964) esclarece que “estar em jejum conforme as prescrições da Igreja” (p.53) “é necessário para nos tornarmos dignos de receber a Jesus na comunhão” (p.53), ou seja, o “Jejum Eucarístico” pode ser interpretado como uma

limpeza do corpo do fiel, para receber o corpo de Cristo. Além de conhecer os alimentos e o tempo necessário para o “Jejum Eucarístico”, também há uma ordenação corporal, um jeito de se portar rigidamente estabelecido e ensinado como “a posição correta para comungar” que dá continuidade ao processo do jejum:



A ordenação correta do corpo para comungar é parte de um momento “particular entre o indivíduo e seu corpo, uma provação desejada por Deus que exigia mais do que discrição, exigia segredo” (GÉLIS, 2008, p.126). Além disso, durante a eucaristia, a hóstia representa a “presença real do corpo de Cristo durante o sacrifício da missa” (p.43), sendo que o corpo de Cristo, de acordo com Gélis (2008), torna-se, nesse momento, “o eixo do mundo” (p.43). Por isso, no momento de receber a hóstia, é exigida uma ordenação corporal que se configura como uma forma educativa do leitor (a) para o devido respeito ao corpo de Cristo, pois, segundo o *Primeiro Catecismo* (1964) “A hóstia consagrada é o próprio Jesus vivo e verdadeiro, entre nós. Respeito!” (p.55). O impresso também reforça a necessidade de “comungar sempre dignamente” (p.53).

Por fim, as lições 21 e 22 apresentam os temas relativos à Igreja e às obras de misericórdia:

Quadro 8 – Lições 21 e 22

LIÇÃO	TÍTULO	TEMA	NÚMERO DE PERGUNTAS
21	Jesus nos ama pela Igreja	- Igreja -Significado de concílio -Infalibilidade Papal -Significado de Liturgia	11
22	Quando amar a Jesus	-Obras de misericórdia	4

Fonte: Elaborado pela autora.

A edição do *Primeiro Catecismo* (1964) possui uma reorganização das lições que permite ao(à) leitor(a) iniciante associar e compreender melhor o tema apresentado. Isso ocorre não apenas pela adição de recursos gráficos como imagens e legendas, mas também pela troca dos títulos que facilitam a compreensão do leigo e pela maior exploração de alguns temas. O conteúdo da lição 21, por exemplo, é exposto, nos catecismos anteriores ao ano de 1964, antes dos mandamentos e com perguntas e respostas reduzidas que se diferenciam das perguntas e respostas atualizadas no catecismo remodelado de 1964:

Quadro 9 – Comparação de perguntas

EDIÇÃO	LIÇÃO	PERGUNTA	RESPOSTA
Remodelado- 1964	21. “Jesus nos ama pela Igreja” (p.74)	194. Como é que Jesus salva os homens por meio de Seus ministros? (p.76)	São vários os modos de Jesus salvar os homens por meio de Seus ministros. Eis os principais: 1- A pregação: Jesus mandou Seus ministros ensinar a verdadeira fé aos homens, em Seu nome, com Sua autoridade. 2- Os sacramentos: é o próprio Jesus que Se serve de Seus ministros para nos dar os sacramentos. 3- A missa: é o próprio Jesus que, como Chefe da Igreja, unido aos fiéis pelos ministros, a) Renova o sacrifício do Calvário; b) Dá amor e glória à SS. Trindade. (p.76)

Tradicional- 1954	VI – “Da santa Igreja Católica” (p.19)	“Quais são os principais meios de salvação que temos na Igreja?” (p.20)	Os principais meios de salvação são: verdadeira fé, a graça pelos sacramentos, a remissão dos pecados, e a comunhão dos santos. (p.20)
------------------------------	--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da pergunta e resposta expostas no quadro, é possível perceber que há um aumento significativo de conteúdo na questão presente do *Primeiro Catecismo* (1964). Esse aumento deve-se a uma atualização do tema e à tentativa de utilizar uma linguagem de mais fácil entendimento para o(a) aluno(a), discussão exposta no Concílio Vaticano II. O conteúdo sobre a Igreja, antes exposto em uma página e meia com sete perguntas, no catecismo atualizado, é exposto em três páginas com 11 perguntas. No entanto, não há aumento do conteúdo em si e, sim, adição de recursos gráficos, aumento da letra e dissolução de perguntas para facilitar a compreensão, sendo que apenas o conteúdo sobre o Concílio aparece como novidade na lição 21. As obras de misericórdias, nas edições anteriores ao ano de 1964, eram expostas de forma descritiva e quantitativa. Na edição remodelada, são desenvolvidas quatro perguntas, sendo esclarecido na primeira: **“Que nos ensinam as obras de misericórdia?** As obras de misericórdia nos ensinam a amar ao próximo como a nós mesmos, por amor a Jesus” (p.78), com os motivos de praticar as obras de misericórdia. Portanto, a adição e a ampliação das lições facilitaram o ensino do conteúdo por meio de perguntas e repostas e cumpriram a função e o objetivo de o cristão conhecer a Doutrina Cristã.

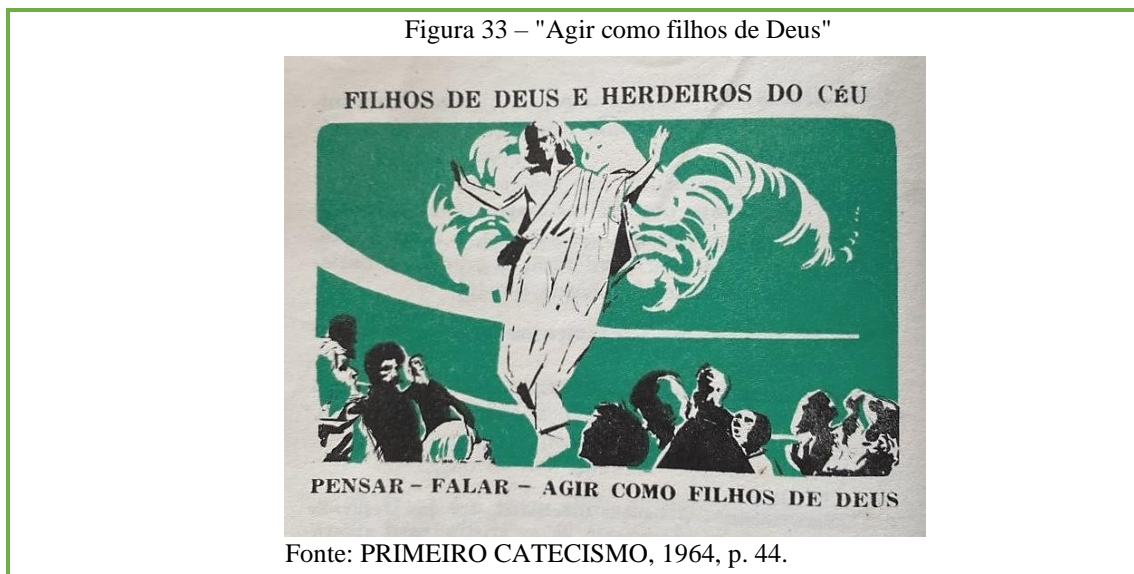
A reorganização das perguntas e repostas com a mudança dos títulos, relacionando-os com as imagens com ou sem descrições, aliada à maior facilidade para encontrar a sequência da história bíblica dentro das lições compostas por perguntas e respostas, mostra o esforço da Igreja tanto na manutenção quanto na conquista do fiel católico, e de potenciais compradores, atualizando seu ensino, englobando decisões progressistas, mas também mantendo, em seu cerne, tradições dos catecismos anteriores. Cabe ressaltar, no entanto, que, em algumas situações relativas ao princípio de conhecer, um(a) leitor(a) iniciante necessitaria da orientação de um catequista para tirar dúvidas a fim de esclarecer questões não explícitas no texto em formato de perguntas e respostas.

No próximo tópico, iremos analisar os princípios **“agir”** e **“convencer”**, acrescentados na remodelação do *Primeiro Catecismo* (1964) referentes à vida interior, litúrgica e apostólica dos fiéis.

2.2 AGIR E CONVENCER: aplicação à vida litúrgica, interior e apostólica

Um dos diferenciais da versão remodelada do *Primeiro Catecismo* (1964) está na inserção de quatro tópicos ao final de cada lição: “Na liturgia”, “Oração”, “Missão a cumprir” e “Devo guardar para a vida”. Os tópicos inseridos não possuem o formato de perguntas e respostas e são descritos pelo próprio catecismo como a tentativa de “aplicação do assunto à vida litúrgica, interior e apostólica” (p.5). Os quatro tópicos têm o objetivo de incentivar/recomendar o(a) leitor(a) a empregar o tema da lição no dia a dia por meio de indicações de ações pessoais e coletivas. Em função desse objetivo, identificamos os princípios de **agir** e **convencer**, que serão detalhados na explicação dos tópicos a seguir.

2.2.1 AGIR como cristão



Como pode ser observado na imagem apresentada acima, a doutrina cristã encarrega-se de estabelecer o modo de agir dos fiéis, isto é, o modo de “agir como filhos de Deus” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.44). Identificamos que os objetivos dos tópicos inseridos na reformulação cumprem objetivos que, além de expor os conhecimentos principais da doutrina cristã concentrados nas perguntas e respostas, também imprimem um determinado modo de agir como cristão. O Catecismo da Igreja Católica (1993), do Concílio Vaticano II, destaca diferentes formas de agir: “agir como cristão”, “agir como testemunha do evangelho”, “agir na força do amor” e “agir segundo Deus”. Verificamos que o “agir como cristão” está

intrinsecamente presente na atualização do texto do catecismo remodelado e compreendemos, a partir da análise dos tópicos inseridos em forma de afirmação, que o “agir como cristão” está presente principalmente nos itens referentes à liturgia e à oração.

Em relação a essa constatação, o *Primeiro Catecismo* (1964) esclarece ao(à) leitor(a) o que é liturgia apenas na penúltima lição: “**Existe uma palavra para indicar esta ação misteriosa e salvadora de Jesus na Igreja?** Esta ação misteriosa e salvadora de Jesus na Igreja se chama *liturgia*” (p.76). Na sétima lição esclarece: “**Que é a oração?** A oração é uma elevação da alma a Deus, para adorá-lo, agradecer e pedir-lhe as graças que necessitamos” (p.30). A partir do ponto de vista do catecismo, iremos analisar a inculcação de um modo de agir cristão que os tópicos pretendiam imprimir nas ações diárias do(a) leitor(a) para ser um verdadeiro católico.

2.2.2 Na liturgia

O primeiro tópico, intitulado “Na liturgia”, tem como objetivo orientar o(a) leitor(a) a identificar os pontos aprendidos na lição e praticados durante a missa. A lição 1, por exemplo, tem como tema o “Sinal da Salvação” e o tópico litúrgico orienta a “prestar atenção para ver quantas vezes o sacerdote faz o sinal da cruz na santa missa e dando os sacramentos” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.13). Constatamos que o tópico “Na liturgia” dedica-se a dar ênfase às ações do sacerdote nos rituais da missa, considerada como “o ponto alto da ação da Igreja”, sendo “o culto público integral pelo corpo Místico de Cristo, cabeça e membros” (COMPÊNDIO VATICANO II, 1968-1986, p. 676). Além disso, a reforma da liturgia feita no Concílio Vaticano II teve como objetivo a conformidade com a atualidade, permitindo adaptações que resultassem em um formato menos rígido da celebração da missa (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986). Entre essas mudanças, destaca-se a possibilidade de que a missa fosse rezada em línguas vernáculas, e não em latim, e tivesse maior participação de leigos na celebração.

Ao indicar a ação do sacerdote que ministra a missa, direcionando o(a) leitor(a) a observar as ações e repetições que compõem o ritual litúrgico, o tópico relaciona-se com a lição na seguinte lógica:

Quadro 10 – Na liturgia

TÍTULO LIÇÃO	TEMA	TÓPICO “NA LITURGIA”
“Jesus nos dá sua vida, nos faz seus irmãos” (p.44)	Batismo	“Todos os domingos e dias de guarda, na santa missa, com entusiasmo e gratidão, vou rezar o <i>Credo</i> com o sacerdote, para renovar as promessas do meu batismo” (p.46) grifo no original.

Fonte: Elaborado pela autora.

A *Constituição Sacrosanctum Concilium*, desenvolvida no Concílio Vaticano II, indica que os sacerdotes “vivam a vida litúrgica, e façam dela participantes os fiéis a eles confiados” (p.269).

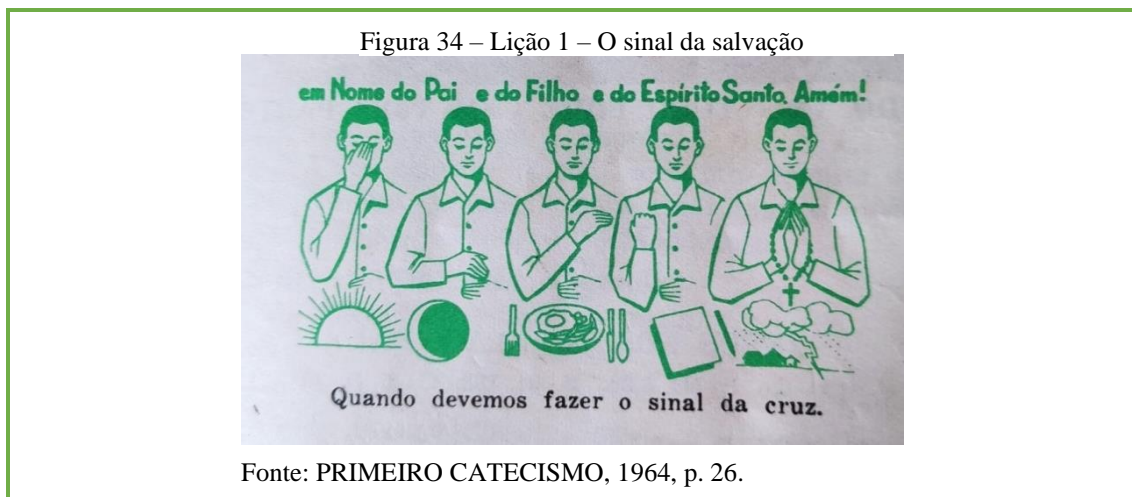
Em relação aos fiéis, é indicado que

... promovam a ativa participação interna e externa dos fiéis, segundo a idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa, cumprindo assim um dos principais deveres do fiel dispensador dos mistérios de Deus; e nesse particular conduzam seu rebanho não só pela palavra, mas também pelo exemplo (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p.269).

O agir a partir da palavra e pelo exemplo, descrito na *Constituição Sacrosanctum Concilium*, é característico do tópico “Na liturgia” do *Primeiro Catecismo* (1964), no qual, em sua maioria, são expostos trechos de agir pela palavra: “Tôdas as ações de nossa vida devem ser dirigidas para a glória da Santíssima Trindade. Por isso, na santa missa, o sacerdote se refere pelo menos dezoito vezes à Santíssima Trindade” (p.19); e de agir pelo exemplo (corporal): “Prestar atenção, para ver quantas vezes o sacerdote faz o sinal da cruz na santa missa e dando os sacramentos” (p.13).

Além disso, identificamos o princípio **agir** no tópico “Na Liturgia” por seus objetivos centrais serem o de o(a) leitor(a) inserir, em sua vida cotidiana, o conhecimento adquirido no catecismo e nos rituais litúrgicos, pela observação e repetição dos exemplos destacados que se relacionam com o tema da lição. A ação corporal também é ensinada no *Primeiro Catecismo* (1964), pela indicação do modo de rezar, ao descrever quando é necessário fazer o “sinal da cruz”. É interessante observar que essa prescrição é realizada por meio do uso de verbo no imperativo,

em vez de ser realizada uma pergunta: “faze o sinal da cruz. Em nome do Pai * e do Filho * e do Espírito Santo. Amém.” O mesmo tema é tratado na pergunta 9: “**Quando devemos fazer o sinal da cruz?** Devemos fazer o sinal da cruz pela manhã, ao despertar; à noite, ao deitar; antes e depois das refeições; no princípio e no fim de qualquer trabalho; antes de começar a oração; nas tentações e nos perigos” (p. 12). Além de marcar com asteriscos as pausas em que se deve fazer o sinal da cruz, o catecismo apresenta uma ilustração que demonstra o movimento correto e os momentos indicados para se fazer o sinal da cruz:



As imagens e os comandos do catecismo demonstram o perfil regulador de ações e gestos que devem ser internalizados e repetidos em diversas situações do dia a dia pelo fiel católico. A Igreja, como lugar de ensino, mesmo não sendo uma instituição escolar, desenvolve práticas que remetem a ações e práticas pedagógicas. Nesse sentido, de acordo com Faria Filho et al., (2004), essas práticas partem de uma cultura internalizada “de um sistema de forças assimétricas” (p.151), que são desenvolvidas a partir dos lugares de seus praticantes, sendo que, no caso das instituições religiosas como a Igreja Católica, são os sacerdotes, os catequistas e os fiéis leigos. As práticas desenvolvidas também “objetivam produzir lugares de poder/saber” (FARIA FILHO et al., 2004, p.151). Na doutrina católica, podemos destacar que esse lugar é hierarquizado, com agir calculado e determinado, principalmente a partir do conhecimento sobre a doutrina, do saber das práticas gestuais, orais e das etapas que o fiel percorre apenas como participante ou como agente leigo na igreja.

O exemplo da ilustração também demonstra que a Igreja Católica objetivava ensinar, por meio do catecismo, ações que iam além das aulas de catecismo e da missa em si, característica

ênfâtizada no Concílio Vaticano II, o qual objetivava, para a educação cristã, fundamentos e costumes católicos introduzidos no dia a dia, desde o batizado da criança:

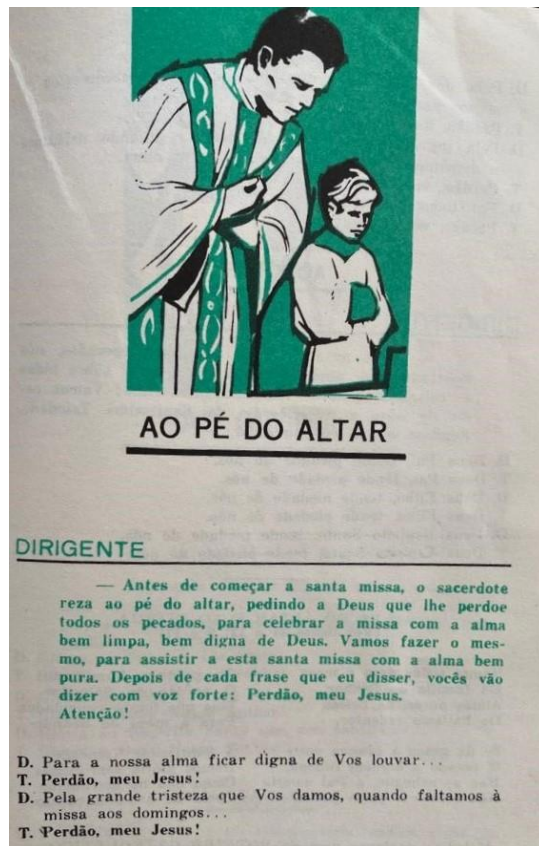
os batizados sejam gradativamente introduzidos no conhecimento do mistério da salvação e se tornem de dia para dia mais cõncios do dom recebido pela fé; aprendam a adorar a Deus Pai em espírito e verdade (cf. Jo 4,23), sobretudo na ação litúrgica (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 584).

Em relação à “ação litúrgica” descrita no trecho acima, o Concílio Vaticano II destacou como um dos seus focos a reforma litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*) que se esforçou para simplificar a estrutura das cerimônias, indicando que elas “sejam transparentes por sua brevidade e evitem repetições inúteis, sejam acomodadas à compreensão dos fiéis e, em geral, não careçam de muitas explicações” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 273). Buscava-se, assim, facilitar o acesso e o apropriar-se de uma linguagem mais acessível como estratégia para aumentar o alcance e a conexão com um número maior de fiéis leigos ou não leigos de diferentes idades. Apesar das recomendações de simplificações, a constituição (*Sacrosanctum Concilium*) ênfatiza que as celebrações litúrgicas sejam fundamentadas na Sagrada Escritura de acordo com “a proclamação das maravilhas divinas na história da salvação ou no mistério de Cristo” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 274), ou seja, era preciso reformar para acompanhar as mudanças e mentalidades do século XX, sem abandonar a tradição das celebrações e dos ritos litúrgicos.

A catequese também aparece na reforma, sendo estimulada a inculcar características de perfil mais litúrgico, prevendo, além de gestos, elucidações orais pelos sacerdotes em circunstâncias oportunas sobre termos prefixados. No entanto, é importante ressaltar que essa renovação estrutural da Igreja, e os esforços de simplificação e aproximação do povo, buscou colocar “a Igreja e os seus quadros para “servir” e não apenas governar o “Povo de Deus” (BETT, 2011, p.1172); contrariou os católicos conservadores, ocasionando embates entre eles e católicos mais progressistas. Mesmo assim, as mudanças foram expostas no interior da Igreja Católica, principalmente “a afirmação de que a Igreja não era somente sobrenatural, mas deste mundo, ou seja, uma tentativa de inverter o princípio de atuação pastoral” (BETT, 2011, p.1172). A reforma pastoral descrita no Compêndio do Vaticano II relaciona-se diretamente com o caráter progressista de agir, ou, como foi dito por Bett (2011), uma inversão da atuação da Igreja tradicional, pois ela não apenas governa, mas também serve.

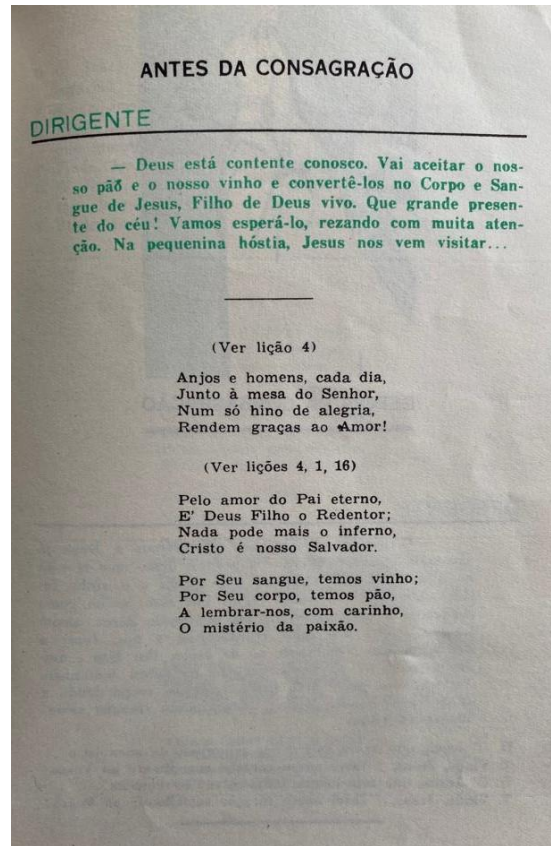
É possível identificar a presença da reforma do Concílio Vaticano II, no *Primeiro Catecismo* (1964), cumprindo a tentativa de estabelecer uma catequese com perfil litúrgico, ao adicionar, além do tópico “Na liturgia”, também a “Missa do catecismo ao fim das 22 lições e antes do apêndice, composta por 12 páginas (83 a 95) que descrevem as explicações e falas do dirigente da missa e as respostas que o(a) leitor(a) deve dizer. “A missa do catecismo” também destaca as lições correspondentes de cada trecho do rito a serem consultadas no próprio catecismo, funcionando como uma forma de retomada do conteúdo.

Figura 35 – Missa do catecismo



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 83

Figura 36 – Missa do catecismo 2



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 84

A liturgia é atualizada no *Primeiro Catecismo* (1964) de acordo com as discussões conciliares da década de 1960, o que pode ter resultado na inserção do tópico especificamente dedicado ao tema no impresso, buscando assegurar que o(a) leitor(a) compreenda a dinâmica da missa, observando as orientações orais e as repetições gestuais dos sacerdotes. Além disso, o acréscimo da “Missa do catecismo” reforça a repetição, a ação pelo exemplo e a compreensão da doutrina católica para além das perguntas e respostas das edições tradicionais.

2.2.3 Oração

O segundo tópico inserido ao fim de cada lição trata-se da “Oração”. De acordo com o *Primeiro Catecismo* (1964), a oração refere-se à “elevação da alma a Deus, para adorá-l’O, agradecer e pedir-lhe as graças que necessitamos” (p.30). Além disso, o catecismo define dois porquês se deve rezar:

Devemos rezar:

1º porque Jesus mandou e nos deu o exemplo.

2º porque Deus é nosso Pai criador e conservador; dele depende nossa vida na terra e nossa felicidade no céu (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.30 e 31).

A oração é exposta no catecismo de quatro formas: a primeira é introdutória, antecedendo o início das lições; a segunda aparece na lição 7, intitulada “Jesus nos ensina a rezar”; a terceira é parte do apêndice; a quarta é apresentada no segundo tópico ao final de cada lição, que é chamado de “Oração”. O Compêndio do Vaticano II esclarece que as orações não são destinadas apenas para a participação na liturgia com o uso de orações comunitárias, pois é preciso realizar orações pessoais “entrar em seu cubículo e orar ao Pai em segredo” (p. 266). Podemos identificar, portanto, que o tópico “Oração” cumpre o objetivo de ensinar ao(à) leitor(a) como fazer orações pessoais, diferente das outras orações expostas no catecismo que possuem perfil de serem comunitárias.

Todas as edições analisadas do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* (1951 a 1964) da Editora Vozes são iniciadas com um compilado nomeado de “Orações”, localizado entre a “Aprovação” (no caso dos catecismos tradicionais) e “Apresentação” (no catecismo remodelado) e as lições, em que são expostas as orações: “Sinal da Cruz”, “Glória ao Pai”, “Credo”, “Pai Nosso”, “Ave-Maria” e “Salve Rainha”, além dos “Atos de Fé”, “Esperança”, “Caridade” e “Contrição”. Diferenciando-se desse compilado, as orações apresentadas no tópico “Oração” apresentado no fim de cada lição relacionam-se com o que foi apreendido sobre o tema. Então, o Catecismo encarrega-se de ensinar o que o Compêndio do Vaticano II descreve como orações comunitárias, representadas por orações comuns à liturgia e, além disso, como dissemos, apresenta a oração pessoal nos tópicos das lições, que também funciona como a sintetização do tema em foco.

Quadro 11 – Oração

TÍTULO DA LIÇÃO	TEMA	TÓPICO “ORAÇÃO”
“No batismo de Jesus, se revela a santíssima Trindade”. (p.17)	Santíssima Trindade	“O’ Santíssima Trindade, que pela Vossa graça habitais em minha alma, eu Vos adoro; santificai-me, fazei que eu Vos ame cada vez mais.” (p.19)

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse formato, a oração passa a ser descrita como um recurso pedagógico das aulas de catecismo, compondo o que é chamado de “auxílios técnicos e pedagógicos” (SURIAN, 1964, p.10) formados pela palavra do catequista, pela palavra de Deus, pela memorização dos ensinamentos da Igreja, do catecismo e da liturgia, ou seja, traduzem um esforço de inculcar o conteúdo abordado na lição e certo modo de agir, de se portar como cristão. Observa-se, portanto, um esforço de imprimir, nos modos de agir do fiel católico, elementos indicadores desse pertencimento, como marcas ou sinais que manifestam a incorporação da doutrina, dos rituais da Igreja.

2.3 CONVENCER

O *Primeiro Catecismo* (1964) apresenta, como uma de suas alterações, a inserção de tópicos que supõem formas de convencer o(a) leitor(a) quanto a suas ações e a seus pensamentos individuais, modelando o como agir, e ao convencimento de terceiros, como parentes e amigos, a também agirem, comportarem-se conforme a doutrina católica. A tentativa do catecismo de ampliar seu alcance para além do(a) leitor(a), configura um aspecto do perfil católico de conquistar fiéis, sendo que o Concílio Vaticano II destacou que “o principal dever dos homens e das mulheres é dar testemunho de Cristo pelo exemplo e pela palavra, na família, no seu ambiente social e no âmbito da profissão” (COMPÊNDIO DO CONCILIO VATICANO II, 1968-1986, p.379). O Concílio Vaticano II (1986), por meio do decreto “*Apostolicam Actuositatem*”, evidenciou a vocação dos leigos para o apostolado como missão e estratégia da Igreja para convencer pessoas não católicas sobre o que se acredita ser o caminho da salvação. O decreto afirma em relação à participação dos leigos na missão do apostolado que:

Nasceu a Igreja com a missão de expandir o reino de Cristo por sobre a terra, para a glória de Deus pai, tornando os homens todos participantes da redenção salutar e orientando de fato através deles o mundo inteiro para Cristo. Todo o esforço do Corpo Místico de Cristo que persiga tal escopo recebe o nome de apostolado. Exerce-o a Igreja através de todos os seus membros, embora por modos diversos. Pois a vocação cristã é, por sua natureza, também a vocação para o apostolado. Como no organismo de um corpo vivo, nenhum membro se porta de maneira meramente passiva, mas, unido à vida do corpo, também compartilha a sua operosidade, da mesma forma no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo “segundo a atividade destinada a cada membro, produz o engrandecimento do corpo” (EF 4,16). Mais. Tão grande é neste corpo a conexão e a coesão dos membros (cf. Ef 4,16), que o membro que não trabalha para o aumento do corpo segundo sua medida, deve considerar-se inútil para a igreja e para si mesmo (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 531).

O trecho acima demonstra a maneira de convencer a partir da advertência, destacando a obrigatoriedade de ações apostólicas para o se consolidar como membro “do Corpo Místico de Cristo”. No mesmo sentido, o *Primeiro Catecismo* (1964) traz recomendações como “lembrar com delicadeza, aos amigos e parentes que a Santíssima Trindade quer morar no coração de todos os bons cristãos que não pecam” (p. 19), indicando a ação apostólica, o dever de convencer outros, por meio da palavra, destacando o fundamento e a consequência de ser ou não católico.

O catecismo também recorre à apresentação de exemplos a fim de formar e convencer o(a) leitor(a), sempre destacando uma ação positiva com imagens que ilustram e sintetizam o tema da lição estudada:

Figura 37 – Lição 13 – Jesus nos faz seus soldados



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 49.

A ilustração tematiza a máxima de que não basta professar a fé, é necessário agir conforme e convencer outros a fazer o mesmo, reforçando a ação apostólica do fiel que não deve se abster dos seus deveres cristãos. Além disso, a carga de responsabilidade aumenta à medida que os sacramentos são consumados (batizado, primeira comunhão, crisma). Receber os sacramentos estaria relacionado a uma maior inserção na vida da Igreja, sinalizando uma contínua adesão ao modo de ser católico e, quanto mais intensa a participação nos sacramentos e ritos, maior a missão do cristão de convencer as pessoas ao seu redor a incorporar a doutrina católica em suas vidas.

2.3.1 Missão a cumprir

O tópico “Missão a cumprir” reforça a orientação presente no catecismo de incentivar a ação apostólica, principalmente em relação aos leigos a partir da segunda metade do século XX. O Decreto “*Apostolicam Actuositatem*”, sobre o Apostolado dos Leigos, foi reforçado no Concílio Vaticano II, em resposta à “autonomia de muitos setores da vida humana” que, segundo o Compêndio do Vaticano II (1968-1986), “se desenvolveu ao máximo, por vezes com desvios de ordem ética e religiosa e com grave perigo para a vida cristã” (p.530). A ação dos leigos dentro da Igreja Católica foi repensada na década de 30, como estratégia de inserção das classes populares nas ações pedagógicas, principalmente em relação à educação primária pública da sociedade brasileira (PIERUCCI, 2007).

A estrutura da igreja e seus conflitos religiosos anteriores ao Concílio Vaticano II concentraram-se na participação dos leigos nas questões sociais e políticas da Igreja, em que se destaca a “Ação Católica”, sendo que a renovação pós-conciliar resultou no aumento da participação dos leigos em decisões mais internas da Igreja (OLIVEIRA, 1992). O Compêndio Vaticano II define alguns pontos característicos da Ação Católica, como:

- a) A finalidade imediata de tais organizações é a finalidade apostólica da Igreja, ou seja, evangelizar e santificar os homens e formar-lhes cristãmente a consciência, para assim conseguirem impregnar com o espírito do Evangelho as diversas comunidades e os diversos ambientes;
- b) Os leigos, cooperando segundo o modo próprio deles com a hierarquia, apresentam sua experiência e assumem a responsabilidade na direção destas organizações, na apreciação das condições nas quais se deva exercer a ação pastoral da Igreja, como também na elaboração e execução do planejamento;

- c) Os leigos agem unidos, à maneira de um corpo orgânico, para assim significar de modo mais apropriado a comunidade da Igreja e tornar mais eficaz o apostolado;
- d) Os leigos, quer oferecendo-se espontaneamente, quer convidados para a ação e cooperação direta com o apostolado hierárquico, agem sob a superior orientação da mesma Hierarquia, que pode confirmar esta cooperação também por mandato explícito. (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 552).

Acrescenta-se a atuação ativa dos leigos na formação pastoral católica, sobretudo “na missão de ir ao encontro dos errantes e incrédulos e em outros trabalhos pastorais” (COMPÊNDIO VATICANO II, 1968-1986, p.523).

O tópico “Missão a cumprir” destaca, em todas as lições, uma forma que indica a ação do(a) leitor(a) em relação à extensão do seu aprendizado a terceiros, fazendo com que convença amigos, parentes, entre outros, a agir conforme o que está prescrito no catecismo. Algumas expressões e frases são utilizadas nesse sentido, como “convidar a todos os amigos” (p.15), “lembrar com delicadeza os amigos e parentes” (p.19), “Rezar, sacrificar-se e trabalhar para ajudar os missionários a batizar o maior número de pagãos” (p.22), “procurar com os parentes e amigos os trechos de ensinamentos de Jesus” (p.26), “trabalhar para introduzir o crucifixo nos lares” (p.29), “esforçar-se para fazer a família rezar unida” (p.32), “Convidar amigos e parentes para ir à missa dominical” (p.35) etc. O tópico “Missão a cumprir” relaciona-se com a lição da seguinte forma:

Quadro 12 – Missão a cumprir

TÍTULO DA LIÇÃO	TEMA	TÓPICO “MISSÃO A CUMPRIR”
“Jesus nos faz seus soldados” (p.13).	Crisma	“Indagar entre parentes e amigos sobre quem ainda não foi crismado e procurar leva-los à crisma” (p.49).

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, todas as lições trazem uma missão apostólica para o(a) leitor(a), garantindo o maior alcance de fiéis para a Igreja, respondendo o que concerne à declaração sobre a educação cristã do Concílio Vaticano II, que indica a cooperação dos cristãos “para o crescimento do Corpo

Místico”, contribuindo assim “para a transformação cristã no mundo” (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 1968-1986, p. 584). O sentido apostólico também pode ser associado à noção de “soldado” que está presente no título da lição 13 “Jesus nos faz soldados” (p.47), entendendo o fiel como um soldado que luta e conquista novos territórios, formado a partir da crisma e que cumpre a função do apostolado. O apostolado é exposto também como uma obrigação, como se pode ver no trecho seguinte: “Seriamente seja urgida a obrigação que têm os fiéis de exercer o apostolado, cada qual na medida de sua condição e aptidão. Recomende-lhes de participar ou ajudar nas várias obras de apostolado dos leigos, especialmente na Ação Católica” (p.415).

Então, é possível ver que o tópico “Missão a cumprir” possui um perfil de exortar o(a) leitor(a) a convencer terceiros a inserir a doutrina cristã em suas vidas, e a estratégia para esse fim passa pelo apostolado dos leigos, que funciona como uma convocação dos “soldados” para exercer a sua missão de aumentar o “corpo místico” da Igreja Católica, sobretudo, por influência do Concílio Vaticano II.

2.3.2 Devo guardar para a vida

O quarto e último tópico, “Devo guardar para a vida”, funciona como a formação da vida interior cristã, no que concerne a mostrar e convencer o(a) leitor(a) com os ensinamentos que, para o catecismo, compõem a vida interior do cristão. O Catecismo Católico (1985) descreve que a vida interior corresponde à formação da consciência que se inicia desde os primeiros anos da educação católica:

A formação da consciência é tarefa para toda a vida. Desde os primeiros anos, a criança desperta para o conhecimento e para a prática da lei interior reconhecida pela consciência moral. Uma educação prudente ensina a virtude: preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos ressentimentos da culpabilidade e dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas. A formação da consciência garante a liberdade e gera a paz do coração (CATECISMO CATÓLICO, 1985, p.533).

De acordo com o tema de cada lição, o tópico “insere questões afirmativas que convence, define e regula a formação o(a) leitor(a) como, por exemplo, a frase ‘andarei sempre na presença amorosa de Deus, que me vê e conhece todos meus pensamentos’” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.16), imprime e certifica para o(a) leitor(a) que suas decisões são observadas. Também

traz questões, como “somos todos irmãos na família de Deus”, destacando “verdades” que o católico precisa interiorizar.

Assim como os outros três tópicos, “Devo guardar para a vida” também desenvolve questões que sintetizam o tema da lição:

Quadro 13 – Devo guardar para a vida

TÍTULO DA LIÇÃO	TEMA	TÓPICO “DEVO GUARDAR PARA A VIDA”
“Jesus nos dá o perdão do Pai Celeste” (p.59)	Confissão	“O sacramento da confissão é fonte da verdadeira paz” (p.62).

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da característica de formação interior, o tópico possui o perfil de reforçar a doutrina católica, como, por exemplo, na frase “Sou um templo vivo de Deus. A Santíssima Trindade mora em mim” (p.19). A frase sintetiza a lição, afirma de modo a convencer o(a) leitor (a) que internalize o conteúdo abordado. A imagem, apresentada ao final da lição, reforça o tópico “Devo guardar para a vida”, ao fornecer informações referentes ao princípio da formação interior e que buscam convencer o(a) leitor(a) por meio de exemplos relativos à lição.

Figura 38 – Lição 4 – Jesus prometido como salvador



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 23.

É possível observar que tanto o texto quanto as imagens apresentadas visam a ensinar ao(à) leitor(a) o caminho certo a ser seguido moralmente e as noções da doutrina católica que devem ser internalizadas, como a máxima de que todos os fiéis sejam irmãos. No tópico “Devo guardar para a vida”, também são apresentadas algumas obrigações do fiel, ainda que de forma mais indireta, como na página a seguir:



A partir da primeira frase e da imagem, é possível observar a prescrição do hábito da oração, uma vez que o (a) leitor (a) deve sempre rezar, pois “O Pai Celeste está sempre à espera”. Na frase seguinte, é imposta a responsabilidade de a família rezar unida para ser uma família merecedora da presença de Jesus. A partir desses exemplos, é possível identificar a formação da consciência inculcada no tópico “Devo Guardar para a vida”, que objetiva convencer e formar a vida interior do cristão, reafirmando um modo de ser, de agir, de se comportar publicamente e no espaço doméstico. O Compêndio Vaticano II destaca que:

Na formação de sua consciência, os cristãos não de ater-se, porém à doutrina santa e certa da Igreja. Pois, por vontade de Cristo, a Igreja Católica é mestra da verdade e assume a tarefa de enunciar e de ensinar autenticamente a Verdade que é Cristo. Ao mesmo tempo, declara e confirma ela, por sua autoridade, os princípios de ordem moral, que promanam da própria natureza humana. Os cristãos, por sua vez, andando com sabedoria, façam o possível por difundir junto aos de fora, “no Espírito Santo, na caridade sincera, na palavra da verdade” (2 Cor 6,6-7), a luz da vida, com toda a confiança e coragem apostólica até à efusão de sangue. (COMPÊNDIO VATICANO II, 1968-1986, p. 613-614).

O trecho acima também se relaciona aos outros três tópicos já discutidos, são eles “Na liturgia”, “Oração”, “Missão a cumprir” e às lições compostas por perguntas e respostas que compõem o *Primeiro Catecismo* (1964), pois se trata de “enunciar e de ensinar autenticamente a Verdade que é Cristo” (COMPÊNDIO VATICANO II, 1968-1986, p.613), desenvolver a ação apostólica, praticar a doutrina da Igreja e formar a consciência interior. Assim, a análise apresentada neste capítulo permitiu compreender a proposta formativa do catecismo e contribuiu para verificar que o acréscimo dos novos tópicos, não alterou natureza mais conservadora de seu conteúdo. As mudanças, principalmente em sua estrutura, parecem ter sido influenciadas por movimentos internos da Igreja e pelo mercado editorial.

CAPÍTULO III: Possibilidades de uso do Primeiro Catecismo: uma análise de indícios do conteúdo e do Roteiro Catequético

Destacamos anteriormente, no Capítulo 1, a importância de analisar o catecismo a partir da sua materialidade e estrutura, a fim de compreender o impresso que dá suporte ao texto. No capítulo 2, fizemos a análise do conteúdo desse catecismo, indicando suas mudanças em relação às edições chamadas de tradicionais e, assim, entendemos o ensino que esse impresso pretendia inculcar. Chartier (1990) destaca essas duas ações de análise, indicando a separação do texto do impresso, para assim ser possível a compreensão das intenções da escrita de um texto e a produção do impresso por decisões editoriais. Assim, ao desenvolver essa análise, segundo Chartier (1990) é preciso visualizar “leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor” (p. 127). Identificamos, a partir da análise de conteúdo, diferentes possibilidades de leitura do catecismo, foco em diferentes públicos e adicionais que interferem no uso da edição remodelada de 1964.

Para a exposição do tema em forma de palestra e o uso de meios pedagógicos, como, a leitura da Bíblia, a memorização do catecismo e os momentos de oração, são determinados entre 15 e 20 minutos, pois o Roteiro Catequético considera o formato de meia hora para a aula de religião e indica para a segunda metade da aula de 10 a 15 minutos para atividades sobre o tema da aula (SURIAN, 1964, p. 10).

Daí a necessária separação de dois tipos de dispositivos; os que decorrem do estabelecimento do texto; das estratégias de escrita, das intenções do «autor»; e os dispositivos que resultam da passagem a livro ou a impresso, produzidos pela decisão editorial ou pelo trabalho da oficina, tendo em vista leitores ou leituras que podem não estar de modo nenhum em conformidade com os pretendidos pelo autor. (CHARTIER, 1990, p.127).

Para contribuir com a análise das lições do catecismo e dos quatro tópicos adicionados na reformulação (“Na liturgia”, “Oração”, “Missão a cumprir” e “Devo guardar para a vida”), serão exploradas as indicações para seu uso feitas por Frei Carmelo Surian, ao desenvolver o “*Roteiro Catequético I: LIVRO DO MESTRE do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã*”, em 1964, direcionado ao(à) catequista. De acordo com Surian (1964), o Roteiro Catequético foi elaborado com a finalidade de:

Servir da melhor forma possível aos inúmeros catequistas que usam o tradicional Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã. Não pretende, pois, trazer novidade no campo da catequética. Não é um novo método. Apenas oferece

abundante material para facilitar aos catequistas do Brasil o uso do novo texto ilustrado do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã (SURIAN, 1964, p. 5).

Trazer as questões expostas pelo “*Roteiro Catequético I*”, desenvolvido por Frei Carmelo Surian, ajudou a esclarecer algumas lições do *Primeiro Catecismo* (1964). No entanto, é importante destacar que, mesmo com as indicações de uso, esse catecismo poderia ser utilizado pelo catequista ou por outros leitores sem esse apoio.

Assim como descrito no trecho acima, o *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964) indica para o catequista o formato da aula, os meios pedagógicos a serem usados, as atividades a serem feitas e o tempo necessário para cada ação. Mas, o uso indicado era a única forma de uso para o *Primeiro Catecismo* (1964)? Para responder a essa pergunta e desenvolver a análise, destacamos inicialmente alguns pontos ressaltados por Roger Chartier (2011) que contribuem para a análise da perspectiva do autor/editor no desenvolvimento do impresso e das formas possíveis de uso.

Segundo Chartier (2011), ao desenvolverem um texto, os autores determinam uma ordem e até mesmo a postura da leitura do impresso, as quais podem ser descritas explicitamente no texto ou produzidas na materialidade do impresso no momento de edição, com protocolos que apontam as formas de uso. Então, a partir da análise de um impresso, é possível identificar “as leituras que pretendiam produzir, ou aquelas tidas como aptas para decifrar o material que davam a ler” (CHARTIER, 2011, p.20). Chartier (2011) ressalta, no entanto, “que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” (p.20). Ao analisar o catecismo, iremos focar na compreensão das possíveis leituras e formações que ele permite, ou seja, iremos focar na perspectiva das intenções que o catecismo propõe ao(à) leitor(a).

Explicitamente, há duas formas de leitura propostas pelo catecismo: a primeira indica a leitura integral de todas as lições (perguntas, respostas e os quatro tópicos discutidos) e a segunda propõe a leitura apenas das perguntas e respostas, marcadas com asteriscos para a primeira comunhão ou “catequese das criancinhas para a primeira comunhão” (p.7). A seguir, iremos explorar essas possibilidades de uso do *Primeiro Catecismo* (1964), a partir dos indícios contidos no conteúdo e na materialidade do impresso.

3.1 Usos da integralidade do impresso

Verificamos que a leitura integral das lições é dirigida aos(às) alunos(às) que já tenham feito a primeira comunhão ou aos fiéis que já possuem conhecimento sobre a Doutrina Cristã. Como destacado na Introdução desta dissertação, a apresentação do *Primeiro Catecismo* (1964) é feita por Frei Carmelo Surian, que reconhece que o texto possui dificuldade elevada para a assimilação do(a) leitor(a) e, mesmo assim, os desenvolvedores optaram por manter o texto por sua “notável fidelidade teológica” (p.4). O temário das lições, em que são descritos os títulos das lições de 1 a 22, não deixa claro para um(a) leitor(a) iniciante o assunto a ser tratado, o que difere das edições tradicionais do *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* que insere títulos mais diretos em relação ao assunto. No entanto, é possível notar a tentativa de didatização na modificação dos títulos dos temas (os temas são equivalentes em ambos os catecismos) que são desdobrados²⁵ em mais lições na edição reformulada de 1964.

A leitura integral do impresso, sem a orientação de Surian (1964) feita no Roteiro Catequético, pode ser feita de forma contínua, pois o *Primeiro Catecismo* (1964) dispõe os assuntos de forma progressiva. No entanto, algumas lições possuem orientações que não são lineares. A lição 4, por exemplo, “Jesus prometido como Salvador” (p.22), indica, no tópico “Oração”, a leitura de duas orações contidas em outras partes do catecismo, são elas “Santo Anjo”, na página 99, e “Salve Rainha”, na página 9. Assim, é preciso que o(a) leitor(a) manipule o catecismo seguindo até o “Apêndice” (p.97), que contém as “ORAÇÕES COTIDIANAS que os pais ensinarão a seus filhos, os mestres e mestras a seus alunos e alunas” (p.98), e, posteriormente, volte à página 9 para ler a oração “Salve Rainha”, que está na primeira parte do catecismo. Essa primeira parte é que contém as orações gerais, que chamamos aqui de comunitárias, que diferem das orações pessoais, contidas nos tópicos das lições.

A indicação de busca por orações do Apêndice e na Introdução também ocorre nas lições 5 e 6, assim como demonstrado no quadro a seguir:

²⁵ O que não significa que essa versão acrescenta mais perguntas, pois o catecismo tradicional de 1954 possui a característica²⁵ de trazer tópicos dentro das lições e o remodelado surge com o aumento de lições.

Quadro 14 – Indicação de busca

LIÇÃO	TÍTULO DA LIÇÃO	TEMA DA LIÇÃO	ORAÇÃO E PÁGINA INDICADA
4	“Jesus Prometido como Salvador “(p. 20)	- Anjos -Homens	Santo Anjo (p.99) – Salve Rainha (p. 9)
5	“Jesus vem nos ensinar a viver como filhos de Deus” (p. 24)	- Jesus -Filiação de Jesus - Nascimento de Jesus	Ave-Maria (p.9)
6	“Jesus nos ama até a morte” (p. 27)	- Salvação por Jesus -Morte de Jesus -Ressurreição de Jesus	A Jesus Crucificado (p.108)

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao seguir as instruções e buscar as orações em outras páginas do catecismo, o(a) leitor(a) terá contato com uma sintetização do tema, o que já discutimos no capítulo anterior. A oração funciona, assim, como “auxílios técnicos e pedagógicos” (SURIAN, 1964, p.10), pois as perguntas e respostas contribuem para o entendimento dessas orações, que são centrais na tradição católica.

Porém, podemos supor que é possível fazer uma leitura contínua das lições sem seguir as instruções de buscar as orações nas páginas indicadas, configurando outro tipo de formação a partir do percurso apresentado no catecismo. Também podemos indicar a hipótese da leitura ou não leitura do conteúdo posterior às lições, composto por “A missa do catecismo” (p.82) e o “Apêndice” (p.98). Os textos das páginas 83 a 96 propõem um ensinamento prático da missa, com orientações de comportamento, respostas ao dirigente, músicas, orações e indicações das lições referentes à cada parte, o que também configura a leitura não sequenciada.

Supondo o uso do *Primeiro Catecismo* (1964) direcionado para as aulas de catequese, instruídas pelo catequista que tem como apoio o *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964), podemos dizer que o uso configura-se como escolar, por conta do perfil de aulas indicadas. Como forma de organização, é apresentado um esquema de plano de aula, contendo, na primeira parte, espaço

para a indicação do tema doutrinal, sinalizando para o(a) catequista ser necessário saber, antes da aula, o conteúdo da lição ou, a “mensagem que vai anunciar as crianças” (p.10) e da atitude religiosa que o catequista, a partir do tema da aula, deseja “suscitar na criança: se de admiração, de ação de graças, de arrependimento, etc”. (p.10).

Figura 40 – Plano de aula

<i>Tema doutrinal:</i> <i>Atitude a suscitar:</i>		
<i>Palestra</i>	<i>Meios pedagógicos</i>	<i>Crítica</i>
Motivação Passagem para a Mensagem	(quadros, etc)	
Anúncio da Palavra Explicação	= leitura da Bíblia (em pé) (letreiros, etc.) Memorização (Catecismo ou outro texto)	
Passagem para a Liturgia	Oração (gestos)	
<i>Atividade</i>		

Fonte: SURIAN, 1964, p. 10.

Em seguida, como pode ser observado na imagem (Figura 40), é indicada, na primeira metade da aula, que conta com 15 a 20 minutos, a palestra do catequista, com detalhamento de cada etapa: motivação, passagem para a mensagem, anúncio da palavra e explicação dessa passagem/palavra de Deus, finalizando a palestra, com a liturgia/oração. Na segunda coluna, é descrito o uso de meios pedagógicos, que são:

(...) palavra do próprio mestre, Deus mesmo, a memorização da palavra da igreja, seja no catecismo, seja na liturgia. Mas também se anotam aqui os quadros a serem usados; as posições corporais das crianças; os letreiros ou o que se vai escrevendo no quadro negro, etc. (SURIAN, 1964,10)

A terceira coluna, referente à crítica, é destinada a anotações sobre as reações das crianças durante as aulas e as reflexões dos catequistas, sendo negativas ou positivas, com fim de melhorar as aulas a partir dessas observações. Por fim, a segunda metade da aula – com tempo de realização previsto entre 10 a 15 minutos – para a ser dedicada a uma atividade, sendo que é destacado que a oração poderia ser considerada uma atividade.

O *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964) também apresenta, ao fim das instruções das 22 lições e da Primeira Comunhão para uso do *Primeiro Catecismo* (1964), as “Diretrizes para o planejamento do ensino” (p.156), que contêm o passo a passo para o desenvolvimento de um plano anual/plano de curso, contendo: cabeçalho, objetivos gerais, escalão das unidades, esquema da matéria, esboço do método, meios auxiliares e relação das atividades discentes.

Além do plano anual, também é exposta a necessidade de elaborar um plano de unidade após o desenvolvimento do plano anual, pois, segundo as instruções, “cada unidade, sem distanciar-se dos objetivos gerais, tem características próprias, com objetivos especiais, sua técnica, seu ambiente” (SURIAN, p.159). Há uma recomendação do autor para que, diferentemente do plano anual, o plano de unidade não seja desenvolvido com antecedência, pois é considerado importante “visar mais diretamente os alunos e as circunstâncias em concreto, na sua realidade” (p.160).

Para o plano anual, é explicado como deve ser desenvolvido cada tópico, para posteriormente apresentar um exemplo de plano anual completo. Com esse plano completo disponibilizado, indagamos que, por mais que o autor esforce-se em ensinar a desenvolver o plano, o exemplo já está pronto e pode ser utilizado integralmente pelo(a) catequista, retratando a regulação a partir da tentativa de padronização do ensino da Doutrina Cristã. Para o desenvolvimento do plano anual, o catequista é instruído a utilizar uma folha de papel almaço e indica-se que “as papelerias fornecem fichas 130x205mm, ideais para planos” (p.156). A partir do exemplo de plano anual exposto, podemos identificar que o objetivo geral da aula de catequese, utilizando o *Primeiro Catecismo* (1964), é “levar os alunos a descobrir Cristo, a beleza e importância de sua doutrina, provando assim o espontâneo e entusiasta engajamento total na vida da Igreja, compreendida como o mistério de Cristo presente no mundo” (SURIAN, 1964, p.157).

A frase exposta é desdobrada em três partes, sendo a primeira “1) Levar os alunos a descobrir Cristo” (p.157), com 6 tópicos; a segunda é “2) Levar os alunos a descobrir a beleza e importância da doutrina de Cristo” (p.157), com 5 tópicos; a terceira é “3) Provocando assim o espontâneo e entusiasta engajamento total na vida da Igreja, compreendida como o mistério de Cristo presente no mundo” (SURIAN, p.158), desenvolvido em 5 tópicos. Podemos identificar que esses tópicos do objetivo geral funcionam como objetivos específicos, que direcionam o catequista em cada etapa do curso. Para essas etapas, é apresentado o exemplo de um escalão das unidades da seguinte forma:

Figura 41 – Escalão e distribuição das unidades

II — ESCALÃO DAS UNIDADES

1) *Aulas todos os domingos e dias santos.*

— domingos	52 aulas
— dias santos	9 aulas
— desconto	16 aulas = 45 aulas

2) *Distribuição das Unidades:*

I — Na cruz, o resumo de nossa fé	1 aula
II — Noção de Deus (Lições 2 e 3)	3 aulas
III — O pecado original e a promessa	3 aulas
IV — A salvação (Lições 5 a 11)	14 aulas
V — Os sacramentos (Lições 12 a 20)	20 aulas
VI — A Igreja, Família de Deus	2 aulas
VII — A nossa resposta	2 aulas

NOTA: Aproveitar as aulas que sobraem para atividades e recapitulação, atendendo à visão global do assunto.

Fonte: SURIAN, 1964, p. 158.

A partir da imagem, podemos perceber que, embora seja afirmado que “o catequista poderá alterar a ordem deste livro, de acordo com os interesses didáticos, com o ambiente ou a extensão do curso” (SURIAN, p.156), os exemplos já dispõem de uma ordem linear que pode direcionar o planejamento do catequista, que é chamado a atenção para distribuir o conteúdo pelas aulas, levando em conta uma “boa ordem psicológica” (p.156), que facilite a “compreensão orgânica, a visão global da matéria” (p.156).

Além do plano anual e do plano de unidade, é indicada, mais uma vez, a necessidade de elaboração de planos de aula e, levando em conta que alguns catequistas poderiam ter o curso normal, poderiam usar o esquema de plano de aula que aprenderam. Apesar desse direcionamento, é apresentado um plano de aula pronto para crianças de 8 a 9 anos, organizado em um quadro, contendo cabeçalho, com o tema da doutrina, a atitude que se queria despertar, e o espaço para a palestra que deveria conter, a motivação da aula, com todas as falas e gestos do catequista.

A partir desses direcionamentos feitos por Surian (1964) ao catequista, identificamos que o diferencial do uso da integralidade do *Primeiro Catecismo* (1964) está na preparação e no formato de aula que Surian (1964) desejava inculcar no catequista. Um(a) leitor(a) que fizesse a leitura integral sem auxílio do catequista aprenderia a doutrina cristã (talvez) em uma leitura

silenciosa, em diferentes espaços, sob a sua própria interpretação e mobilizando conhecimentos prévios. No entanto, o(a) leitor(a), que se configura como aluno ou aluna da catequese ministrada por um catequista que possui o *Roteiro Catequético I*, experimentaria aulas que envolviam, além da leitura e memorização do catecismo, explicações mais padronizadas do texto, exemplos que caracterizam a tentativa de envolver o tempo presente, como situações do dia a dia, e com diferentes ações e objetos que Surian (1964) denominava de meios pedagógicos. São exemplos desses meios pedagógicos: objetos da natureza, retratos, figuras, leitura da bíblia, uso de letreiros, memorização do catecismo e orações com indicações dos gestos, conforme exemplificado a seguir.

Figura 42 – Oração como meio pedagógico

Pai nosso, que estais no céu	(Em pé, o catequista faz os gestos, convidando os alunos a imitá-lo)
santificado seja o vosso nome,	(mãos levantadas)
venha a nós o vosso Reino	” ”
seja feita a vossa vontade	(mãos no peito, meio inclinado)
assim na terra como no céu.	(indicar com a mão direita o céu, com a esquerda a terra)
O pão nosso de cada dia nos dai hoje	(gesto de petição)
e perdoai-nos as nossas dívidas,	(bater no peito, inclinado)
assim como nós perdoamos aos nossos devedores	(gesto largo de abraço).
e não nos deixeis cair em tentação	(mãos postas, olhos para cima)
mas livrai-nos do mal. Amém.	(gesto de defesa, de empurrar)

Fonte: SURIAN, 1964, s/p.

A ordenação dos corpos também é diferenciada com o uso do *Primeiro Catecismo* (1964), conforme indicado no *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964), uma vez que se determinam e reforçam posições, gestos e emoções que os catequistas desejavam e deveriam inculcar nos(as) alunos(as). Além disso, a prática de desenvolver uma atividade a partir do conteúdo abordado na lição também transforma a leitura e o contato que uma pessoa teria apenas com a leitura do catecismo. Foi possível identificar, portanto, formas de uso mais direcionadas e enrijecidas e, ao mesmo tempo, com o sentido deslocado do sentido inicial do uso integral do catecismo, uma vez que se passa para o sentido determinado pelo *Roteiro Catequético I* e, portanto, pelo crivo da autoridade que o autor detém. No entanto, mesmo com o conteúdo estipulado, as emoções, formas de aula, motivações, explicações, podem, ainda sim, variar de catequista para catequista, escapando do controle pretendido.

3.2 Usos de parte do impresso: a “Primeira Comunhão das criancinhas”

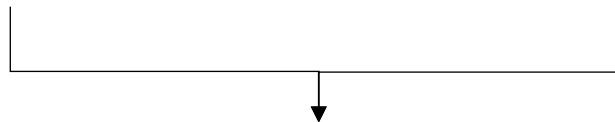
O *Primeiro Catecismo* (1964) possui também como uma de suas novidades, em relação ao catecismo tradicional, o direcionamento para a primeira confissão e a formação para a primeira comunhão, incluindo, assim, em seu público leitor, “crianças que entram na idade da discipulação” (p.7). O catecismo define essa formação como “catequese das criancinhas” (p.7) determinando a não necessidade da clareza ampla da doutrina cristã por parte delas para o início do curso.

Surian (1964) descreve para o catequista, no *Roteiro Catequético I*, como já destacamos, com minuciosos detalhes e exemplos, cada ponto das 22 lições do catecismo dedicadas ao estudo integral do conteúdo. No espaço denominado “ponto E”, são apresentadas as explicações das lições, geralmente expostas entre 3 a 5 tópicos relacionados ao tema. Para a primeira comunhão, além de o catecismo selecionar perguntas específicas de cada lição, ele agrupa assuntos e exclui outros, como por exemplo, a crisma. No esquema a seguir, demonstramos como esse agrupamento é feito, sendo que o assunto/tema da lição também é modificado, assim como as explicações em torno das perguntas:

Quadro 15 – Questões extraídas das lições

LIÇÃO	EXPLICAÇÃO PONTO E	PERGUNTAS
“2. Jesus nos revela o Pai”:	“1. A descoberta de Deus” p.19 “2. Deus é puro espírito” p. 19 “3. Jesus nos revela o pai do céu” p.20	10 a 18
LIÇÃO	EXPLICAÇÃO PONTO E	PERGUNTAS

“3. No batismo de Jesus, se revela a Santíssima Trindade”	“1. Deus apresenta Jesus aos homens” p.23 “2. Revela-se a Santíssima Trindade. 23 “3. Um ato de fê” p.24 “4. Escutar a Jesus” p.24	19 a 30
---	--	---------



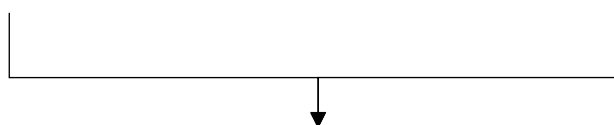
PARA PRIMEIRA COMUNHÃO		
ASSUNTO	EXPLICAÇÃO	PERGUNTAS
“sobre Deus” “1. Vamos ao Pai Celeste”	“A oração de Jesus” p.149 “O pai celeste” p.149 “Jesus nosso salvador” p.149 “A Santíssima Trindade” p.149	10 -13-14 - 19- 20-21-29

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentamos acima, o primeiro conjunto de perguntas indicadas para a primeira comunhão, que pertencem às lições 2 e 3 do *Primeiro Catecismo* (1964). De modo diferente da formação que utiliza as questões integralmente, o curso para a primeira comunhão reconfigura a lição a partir da seleção de perguntas específicas localizadas em um ou mais temas, desenvolvendo, assim, um novo assunto. O assunto “sobre Deus”, por exemplo, indica o tema do primeiro agrupamento de questões denominado no *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964) como “Vamos ao Pai Celeste”, desenvolvido a partir das perguntas retiradas da lição 2, “Jesus nos revela ao Pai”, e da lição 3, “No batismo de Jesus, se revela a Santíssima Trindade”, fracionando-os em 7 perguntas em vez de 21.

Quadro 16 – Seleção de perguntas para Primeira Comunhão

Lição 2. Jesus nos revela o Pai	Lição 3. No batismo de Jesus, se revela a Santíssima Trindade
<p>10. Quem é Deus?</p> <p>11. Por que Deus é eterno?</p> <p>12. Porque Deus é criador?</p> <p>13. Onde está Deus?</p> <p>14. Deus vê todas as coisas?</p> <p>15. Porque Deus vê todas as coisas?</p> <p>16. Deus tem corpo como nós?</p> <p>17. Como criou Deus o mundo?</p> <p>18. De que fez Deus o mundo?</p>	<p>19. Há um só Deus?</p> <p>20. Quantas pessoas há em Deus?</p> <p>21. Como se chama este mistério de um Deus em três pessoas igual e realmente distintas: o Pai e o Filho e o Espírito Santo?</p> <p>22. Qual é a primeira pessoa da SS. Trindade?</p> <p>23. Qual é a segunda pessoa da SS. Trindade?</p> <p>24. Qual é a terceira pessoa da SS. Trindade?</p> <p>25. O Pai é Deus?</p> <p>26. O Filho é Deus?</p> <p>27. O Espírito Santo é Deus?</p> <p>28. Não há um só Deus?</p> <p>29. São todas iguais as três pessoas da Santíssima Trindade?</p> <p>30. Não existiu o Pai antes do Filho e antes do Espírito Santo?</p>



PARA PRIMEIRA COMUNHÃO

1. Vamos ao Pai Celeste (lições 1 e 2)
<p>10. Quem é Deus?</p> <p>13. Onde está Deus?</p> <p>14. Deus vê todas as coisas?</p> <p>19. Há um só Deus?</p> <p>20. Quantas pessoas há em Deus?</p> <p>21. Como se chama este mistério de um Deus em três pessoas igual e realmente distintas: o Pai e o Filho e o Espírito Santo?</p> <p>29. São todas iguais as três pessoas da Santíssima Trindade?</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da diminuição do conteúdo com questões selecionadas para a primeira comunhão, Surian (1964) muda a linguagem dos exemplos referentes às questões, demonstrados no quadro 15. Tentaremos aqui fazer um paralelo das explicações para o mesmo assunto:

DEUS É PURO ESPÍRITO. – A gente não precisava ver a Deus para saber que êle existe. E' como a alma: quando uma criança está escrevendo a lição, a gente não vê a alma dela, porque a alma é um *espírito*, mas sabe que é a alma que está pensando e fazendo a mão escrever. Assim Deus: êle escreveu para nós o grande livro da criação: todas as criaturas nos dizem que foi Deus que as criou e que *Deus é bom, é sábio, é poderoso, é imenso, é belo...* Mas ninguém vê a Deus, porque êle é *espírito puro*, que do céu, tudo vê, tudo conserva, tudo governa, tudo ama com sua presença misteriosa em toda a parte. (SURIAN, 1964, p. 19)

O PAI CELESTE – Vejam bem: o próprio Jesus chama um motivo especial, porque é o verdadeiro Filho de Deus. Jesus falava alto com o Pai Celeste, mas ninguém via a presença do Pai junto a êle. Mas Jesus tinha a certeza de que o Pai estava junto a êle e o escutava. Isso, porque Pai é *Deus*, e Deus não tem corpo como nós, mas é um *espírito puro, está em toda a parte, vê todas as coisas*. (SURIAN, 1964, p. 149)

Surian (1964) inicia a instrução para o catequista administrar a Primeira Comunhão, abordando a primeira lição do catecismo, apesar de não selecionar questões dessa lição para a leitura dos alunos, que somente se inicia na pergunta 10 da lição 2. Mesmo assim, a instrução para a primeira comunhão indica ao(à) leitor(a) ver a figura da primeira lição referente ao “Sinal da Salvação”. Assim, a Primeira Comunhão inicia-se com a abordagem de Jesus na Cruz, pedindo-se para que o catequista inicie a aula da seguinte forma:

Vocês já conhecem a Jesus. Decerto lá em casa a mamãe (ou outra pessoa) já lhes falou bastante dele. E quantas vezes vocês já viram a imagem de Jesus pregado na cruz! E decerto sabem que êle se deixou pregar na cruz para alcançar de Deus o perdão de nossos pecados e a promessa do céu. Vejam a figura da primeira Lição. Quem é capaz de ler o que está escrito debaixo da figura? Pai, perdoai-lhes.” E de fato, foi assim que Jesus rezou na cruz. Foi a sua resposta para aqueles malvados que, sem respeitar suas fores, sem respeitar Nossa Senhora, ali ao lado, procuravam aumentar seus sofrimentos. Jesus pedia ao Pai Celeste (Deus) que perdoasse aquela gente má. (SURIAN, 1964, p. 149).

Apesar da mudança de linguagem, o texto indica que o autor supõe que, para a primeira comunhão, a criança já tenha conhecimentos específicos sobre a doutrina cristã. Demonstra também a necessidade de a criança saber ler, apesar de o *Primeiro Catecismo* (1964) ser identificado como Catecismo Ilustrado: a predominância dos textos exige a necessidade de leitura.

A partir dessa reconfiguração, é possível dizer que a criança, ao fazer a primeira comunhão, aprenderá o mesmo conteúdo (de forma resumida) que outro(a) leitor(a) aprenderá ao utilizar as lições de forma integral? De acordo com Chartier (2002), apesar da ordenação de uso e leitura, as formas de leitura produzem diferentes significados; além disso, se a materialidade ou os modos de escrita do impresso são modificados, ou como é descrito no *Primeiro Catecismo* (1964), são remodelados e atualizados, suas formas são ressignificadas. Então, além da mudança de sentido expreso a partir da remodelação do impresso em 1964, o *Primeiro Catecismo* (1964), ao propor diferentes leituras, também produz diferentes formações para cada leitor(a). É importante ressaltar, também, a liberdade do(a) leitor(a) que escolhe manusear o impresso de forma própria, distanciando-se, então, da intenção inicial dos autores e editores.

Considerando o uso indicado para a Primeira Comunhão, o catecismo seleciona questões consideradas mais importantes para a iniciação da criança aos conhecimentos da doutrina cristã, conforme explicitado na “Apresentação” “aos que desejarem usar este mesmo catecismo para a catequese de primeira comunhão, sugerimos as questões que julgamos mais importantes, além das orações que devem ser aprendidas de cor” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.6). É possível perceber, a partir das orientações, que a apresentação do catecismo que contém as explicações de uso é direcionada ao catequista, ao reforçar que “todos estes pontos estão fartamente explicados em ROTEIRO CATEQUÉTICO -1, obra indispensável para os catequistas” (p.60). Se utilizado na aula de catequese, com a presença do catequista, as instruções do catecismo não apresentam espaço e direcionamento para a autonomia da criança, além de não trazer orientações para o uso pessoal dos fiéis que são indicados como público geral.

Especificamente para a primeira comunhão, Surian (1964) reelabora e traz novas explicações sobre as questões selecionadas dentro das quatro primeiras lições do *Primeiro Catecismo* (1964), que englobam a crucificação de Jesus, Deus, a Santíssima Trindade, Adão e Eva, o pecado original e Jesus como salvador. A partir da quinta lição, as explicações já existentes são reaproveitadas e Surian (1964) direciona o catequista a buscar as informações sobre as perguntas selecionadas nas lições expostas de forma integral, indicando algumas instruções:

Perguntas 48, 49, 53 a 57

Usar a Lição 5, ponto E, do seguinte modo:

- _ considerar apenas as perguntas referidas;
- _ relacionar quanto possível os ensinamentos com a primeira comunhão, pela qual Jesus nos leva ao Pai.
- _ imitar a Jesus e ser a glória e a alegria do Pai.
- _ para isso fomos criados (SURIAN, 1964, p. 152).

Em todas as lições, é enfatizada a necessidade de o catequista terminar as aulas com entusiasmo, destacando a importância “da iniciação eucarística que se aproxima” (p.154). Então, além de Surian (1964) direcionar todo o conteúdo que o catequista deve ensinar para as crianças, também ordena o sentimento a ser despertado nas aulas para a primeira comunhão, sacramento abordado como um rito de passagem, por meio do qual a criança torna-se adulta e ativa vida cristã:

trata-se de preparar os alunos para um rito sagrado de iniciação à vida consciente e responsável do adulto na Igreja, representada pela Comunidade Paroquial. A criança é admitida à mesa da Família de Deus como pessoa adulta, com o direito de glorificar a Deus junto com os <<grandes>> e os deveres (Mandamentos da Igreja – apostolado) dos adultos. O neocomungante deixa de ser <<criança>> ausente na vida da Igreja ou meramente passiva e calada, e passa a ser membro vivo e atuante do Corpo Místico de Cristo. Por isso renova as promessas do batismo e participa consciente, ativa e perfeitamente do sacrifício da missa, rezando, cantando, comungando (SURIAN, 1964, p.155).

A partir desse trecho, foi possível identificar a imagem que o autor, autorizado pela Igreja Católica, tem da criança e de quem ainda não fez a Primeira Comunhão: um ser que não é consciente e responsável, que é ausente ou “meramente” passivo e calado. A primeira comunhão, como rito de passagem, efetuará a mudança tornando a criança apta para vivenciar os rituais cristãos “como pessoa adulta” (SURIAN, 1964, p.155). A Igreja Católica não determina uma idade específica para a iniciação da criança na comunhão. O decreto *Quam singulari*, “sobre a primeira comunhão e a primeira confissão” promulgado por Pio X em 1910, descreve que o costume das crianças serem admitidas na primeira comunhão foi firmado em 1215 no IV Concílio Ecumênico de Latrão e reafirmado no Concílio de Trento. Nesses concílios, foi decidido que estariam aptas a comungar as crianças que começavam a ter consciência da razão, isto é, entravam na idade da discricção “aquela em que se pode distinguir o bem do mal” (QUAM, 1910, p.3). Posteriormente, as idades para Primeira Comunhão foram distinguidas em relação à Penitência e à Eucaristia, fixando-se entre 10 e 14 anos. Em relação a essa distinção, Pio X argumentou contra, descrevendo que desde o século XII, eram admitidas crianças de 7 anos para a Primeira Comunhão, reforçando os riscos de definir uma idade mais avançada, como estava sendo disposto nas discussões católicas. Então, Pio X definiu que “A

idade da discricção para a Comunhão é aquela em que o menino começa a raciocinar, isto é, pelos sete anos mais ou menos. Então, a partir dessa idade, começa-se a obrigação de satisfazer os preceitos da Confissão e Comunhão” (p.6). Em relação a esse aspecto, o *Primeiro Catecismo* (1964) traz, em sua apresentação, dois tópicos do decreto *Quam Singulari*, aprovado por Pio X:

Para a primeira Confissão e primeira Comunhão não é necessário um pleno e perfeito conhecimento da Doutrina cristã. O menino irá depois gradualmente aprendendo todo o Catecismo segundo a sua inteligência. O conhecimento da religião que se requer no menino para a primeira Comunhão é que, segundo o seu desenvolvimento, perceba os mistérios da fé necessários por necessidade de meio e distinga o pão eucarístico do pão comum e corpóreo, de sorte que se aproxime da Eucaristia com a devoção própria da sua idade (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p.7).

O Compêndio Vaticano II (1968-1986) destaca que “a formação para o apostolado deve iniciar-se desde a primeira educação das crianças” (p.560), reafirmando a estratégia da Igreja de inculcar valores, regras e deveres católicos no ensino infantil. Surian (1964) reafirma essa estratégia de preparação cristã da criança, simplificando o ensino e utilizando o que é chamado como “boa motivação” (p.9), pois, segundo o autor, “a boa motivação vale 50% da eficiência pedagógica da aula de religião!”:

A motivação é onímoda: um fato da vida da criança, de preferência algo concreto da experiência humana que a criança tem ou pode ter; uma história em que se concretiza esta experiência; um quadro profano; uma figura de jornal; uma flor, até uma simples pergunta bem feita e bem acertada. Tudo pode ser útil porque tudo isso é vida, e a vida não está fora da religião, assim como a religião não é alheia à vida. Assim, o catequista liga a vida à religião, começando com a experiência da criança, e voltando, no fim da aula, na atividade, para a vida de fé que responde à experiência da criança!”. (SURIAN, 1964, p.9).

Então, a estratégia de ensino para a primeira comunhão das crianças envolve despertar o conhecimento prévio por meio das experiências que o catequista deve deduzir já terem sido vivenciadas, como no trecho já citado: “Vocês já conhecem Jesus. Decerto lá em casa a mamãe (ou outra pessoa) já lhes falou bastante dele” (SURIAN, 1964, p.149), em que o catequista desperta a familiaridade da criança com o tema, vinculando a aula com supostos acontecimentos do dia a dia de uma família cristã.

Além de despertar a atenção da criança a partir do seu conhecimento prévio, o catequista é instruído sobre quais temas contidos no catecismo não deviam ser abordados “não falar em <<mistério da redenção>>. Terminar anunciando que na missa da primeira comunhão,

participarão da paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus...” (SURIAN, 1964, p.153). Essa regulação do conteúdo a ser ministrado demonstra o controle que a Igreja Católica esforçava-se a ter sobre o ensino da doutrina, determinando que o ensino deveria ser ministrado a partir do momento em que a criança transparecesse capacidade racional, mas, ao mesmo tempo, impunha limites sobre o conteúdo, tirando, além disso, a autonomia do catequista.

Em sua maioria, o conteúdo sobre a primeira comunhão é restrito às lições selecionadas, como nos exemplos a seguir: “usar Lição 6, ponto E, ressaltando apenas as três perguntas em questão” (p.153); “Adaptar ao conhecimento dos alunos as explicações na Lição 8, ponto E,” (p.153); “considerar apenas as duas perguntas acima referidas”, “pular para o ponto 5 (Que é um sacramento” (p.154); “usar a Lição 16, apenas para explicar com simplicidade a preparação imediata para a comunhão” (p.155). Não se dava margem, assim, à curiosidade ou às especificidades das turmas, sendo as crianças consideradas previamente com conhecimento homogêneo. Além disso, as instruções para a primeira comunhão possuem uma lição com distinção em relação ao gênero feminino:

17. Jesus conosco pelos padres
Perguntas 165 a 173

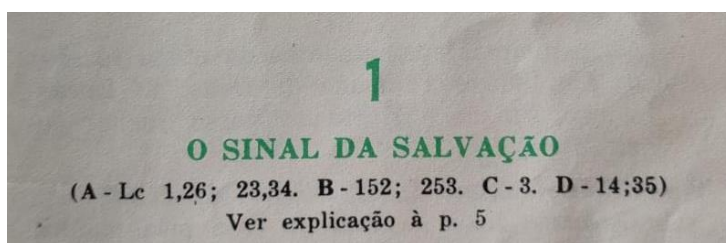
Usar Lição 19, ponto E. Se a classe for só de meninas, aproveitar a catequese para despertar nelas o respeito pelo sacerdote, a sua importância na salvação de cada um de nós e a dedicação à Obra das Vocações Sacerdotais (SURIAN, 1964, p. 155).

As explicações da Lição 19 reafirmam as funções dos apóstolos, explicando a importância dos sacerdotes (padres) que recebem o sacramento da ordem e destacam que “recebemos as graças e os ensinamentos de Jesus através dos padres” (SURIAN, 1964, p.125). As explicações do uso integral do catecismo contidas na Lição 19 enfatizam o respeito pelo sacerdote, focando nas explicações e ações dos meninos que podem ser escolhidos para tal função, ao desejarem ajudar Jesus, serem piedosos, amigos da Igreja e das orações, puros, estudiosos e terem boa saúde. Então, a Lição 19 focaliza os deveres e as funções dos meninos, mas apenas as instruções para a Primeira Comunhão pedem ao catequista para enfatizar a distinção e reforçar o respeito que as meninas devem ter em relação ao sacerdócio, composto pelo gênero masculino obrigatoriamente. Essa instrução de respeito reforça o lugar de inferioridade da mulher em relação ao homem, o qual não necessita do despertar de respeito em relação a um cargo superior.

3.3 Usos em conjunto com outros recursos

O *Primeiro Catecismo* (1964) traz a indicação de que as perguntas e respostas foram elaboradas com base na História Bíblica e que há recursos para leitura e aprofundamento das lições. Os recursos são descritos como facultativos, e o catecismo esclarece que o seu uso “dependerá do preparo e do poder aquisitivo dos interessados” (p. 5). A indicação desses recursos faz parte das modificações desenvolvidas para a edição remodelada de 1964. Para direcionar o(a) leitor(a) ao uso desses recursos, no início de cada lição do catecismo, são expostos o número e o título da lição na cor verde, seguidos da indicação dos recursos entre parênteses:

Figura 43 – Indicação dos recursos



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.11.

A explicação de uso dos recursos é explicada da seguinte forma:

Como auxílio aos catequistas e alunos, sugerimos os seguintes recursos: (A - B - C - D).

A - Bíblia

Citação do início da História Bíblica.

B - História Sagrada (Heuser - Vozes)

Citação da página onde se encontra a História Bíblica relatada para os alunos.

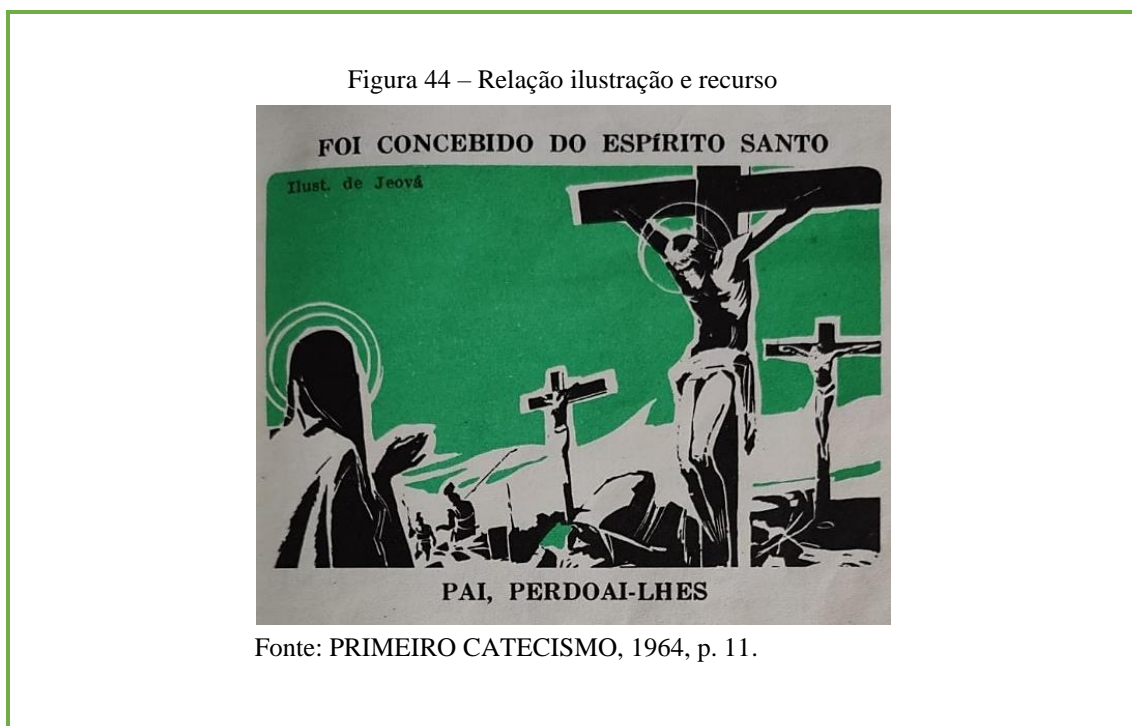
C - Cantai, Criancinhas (Vozes)

Citação da página com a respectiva lição em versos, para cantar. O catequista poderá usar outras melodias, além daquela que figura no livrinho.

D - Quadros Bíblicos (Prof. Carlos Oswald - Em quatro cores - Tamanho 62x41 cm.) (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964, p. 5).

A lição 1, por exemplo, faz referência ao sinal da salvação que, para os cristãos, é simbolizado pela cruz em que Jesus foi crucificado. Ao buscarmos a primeira referência dos recursos, que corresponde à Bíblia, indicada entre parênteses como “A- Lc 1, 26; 23,34” (p.11), situamos que se trata do primeiro capítulo do Evangelho de Lucas (Lc), em que é narrada a “Anunciação do nascimento de Jesus”: 1, 26 “No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma

cidade da Galileia, chamada Nazaré” (Lucas, 1, 26 *apud* BIBLIA SAGRADA, 1959)²⁶, que corresponde à frase que está na ilustração da lição 1 “Foi concebido do Espírito Santo”.



A frase abaixo da ilustração da lição 1 – “Pai, perdoai-lhes” – corresponde ao “Caminho da cruz e morte de Cristo”: **23, 34** “E Jesus dizia: “Pai, perdoai-lhes; porque não sabem o que fazem”. Eles dividiram as suas vestes e as sortearam” (Lucas, 23,34 *apud* BIBLIA SAGRADA, 1959).

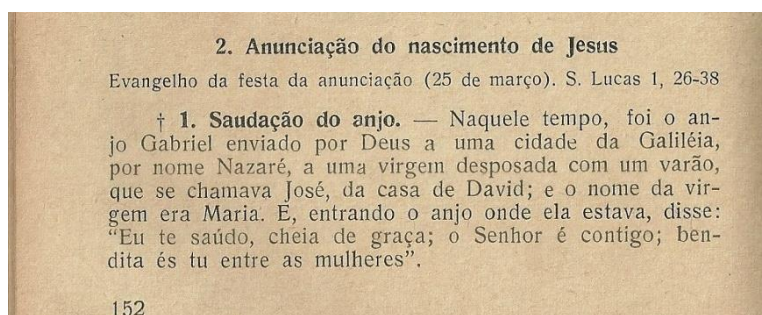
No entanto, nem sempre as referências para busca na Bíblia são indicações de versículos específicos que se relacionam diretamente com as perguntas e respostas ou diretamente com a imagem, como visto na lição 1. Em algumas lições, são indicados o nome do livro e o capítulo, que correspondem a um trecho maior da Bíblia, como, por exemplo, na lição 2 – “Jesus nos revela o pai” (PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p.14), em que se fala sobre quem é Deus e como Deus criou o mundo. Nesse caso, é indicado o trecho do Gênesis 1, no qual são explicados os seis dias da criação do céu e da terra. Além do Gênesis, também é indicada, para a lição 2, a referência a Mt 6, 25, que corresponde ao livro de Mateus, capítulo 6 e versículo 25: “Portanto, eis que vos digo: não vos preocupeis por vossa vida, pelo que comereis, nem por vosso corpo, pelo que vestireis. A vida não é mais do que o alimento e o corpo não é mais que as

²⁶ Existem diferentes edições e tipos de Bíblias com textos adaptados para diferentes necessidades, por isso, usamos como base para identificar a correspondência das perguntas do Catecismo, a Bíblia Ave-Maria, traduzida no Brasil no ano de 1959. “Bíblia dos Monges de Maredsous, religiosos beneditinos da Bélgica. É uma versão francesa dos originais hebraico, aramaico e grego, altamente conceituada no mundo inteiro pela crítica especializada.” (A Bíblia Sagrada, Ave Maria. 1959, p. 5).

vestes? (Mateus, 6, 25 *apud* BIBLIA SAGRADA, 1959). Observamos que a associação com alguns trechos da Bíblia aumenta a complexidade da interpretação e o entendimento desejado pelo catecismo. As frases e trechos podem relacionar-se diretamente com pequena ou grande parte da lição, mas também ocorre uma ambiguidade do uso sem conhecimento aprofundado ou orientação de um catequista para esclarecimento. Entretanto, o uso concomitante com a Bíblia permite uma apropriação maior do(a) leitor(a), sendo que o catecismo, a partir das referências de buscas expostas, pode funcionar como um guia para iniciantes, que nunca usaram a Bíblia, fazerem suas primeiras buscas.

A referência ao recurso **B – 152; 253** diz respeito ao livro indicado como recurso complementar “História Sagrada do Antigo e Novo Testamento”, de Heuser (1960). Trata-se de um livro com 349 páginas que contém, além dos Antigo e Novo testamentos ilustrados, um apêndice com a história da Igreja. Para o uso do catecismo, ele funciona como um resumo do conteúdo exposto na Bíblia. Como podemos observar a seguir, trechos do livro complementam a imagem e a citação da imagem na lição, e, em algumas lições, complementam diretamente também perguntas e respostas. Vejamos o caso da lição 1, que descreve também a “Anunciação do nascimento de Jesus”, porém em um trecho maior:

Figura 45 – Recurso: Livro História Sagrada



Fonte: História Sagrada do Antigo e Novo Testamento, Heuser, 1960, p.152.

A bíblia também é citada como referência no livro de Heuser, o qual indica o capítulo e versículo que se relaciona com o trecho apresentado no História Sagrada, o que mostra a prática parecida com a das indicações de recursos no *Primeiro Catecismo* (1964). A segunda referência ao livro de Heuser (1960) é descrita como “a primeira palavra” das últimas palavras de Jesus na cruz:

Primeira palavra: Jesus perdoa seus inimigos – Repelidos por Pilatos, foram os judeus vingar-se em Jesus, insultando-o por causa do título de rei. Passavam

e tornavam a passar diante da cruz, olhando para êle, satisfeitos da vingança e pronunciando injúrias e terríveis blasfêmias.

Uns acenavam com a cabeça, dizendo: “O’ tu que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, salva-te a ti mesmo. Se és Filho de Deus, desce da cruz”. Outros, com os príncipes dos sacerdotes e escribas, escarneciam dele:” Êle que salvou os outros, não pode salvar a si mesmo. Se é o rei de Israel, desça agora da cruz e nós creremos nêle. Êle confiou em Deus; se, pois, Deus o ama, que o livre agora!”

No entanto, Jesus orava: Meu Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem (HEUSER, 1960, p. 253).

O trecho esclarece e relaciona-se diretamente com a frase e a imagem apresentadas na lição 1 do catecismo. No entanto, na lição 2, são as perguntas e respostas que se relacionam mais diretamente com as explicações do livro de Heuser (1960).

Figura 46 – História Sagrada: Criação do mundo

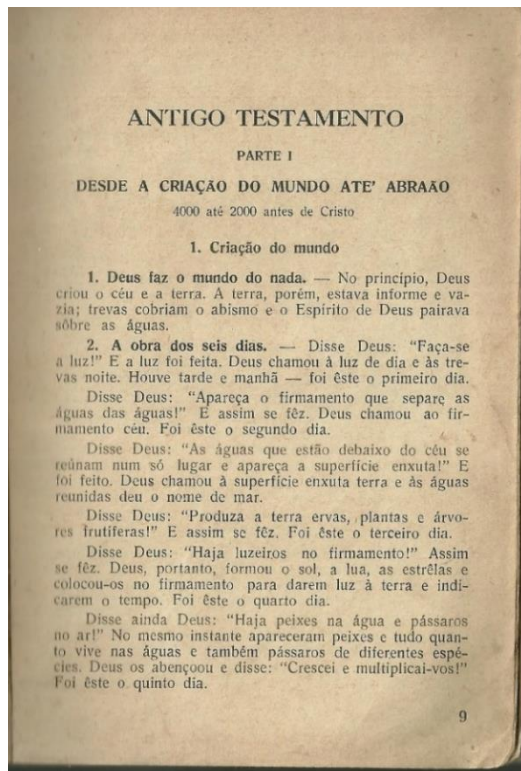
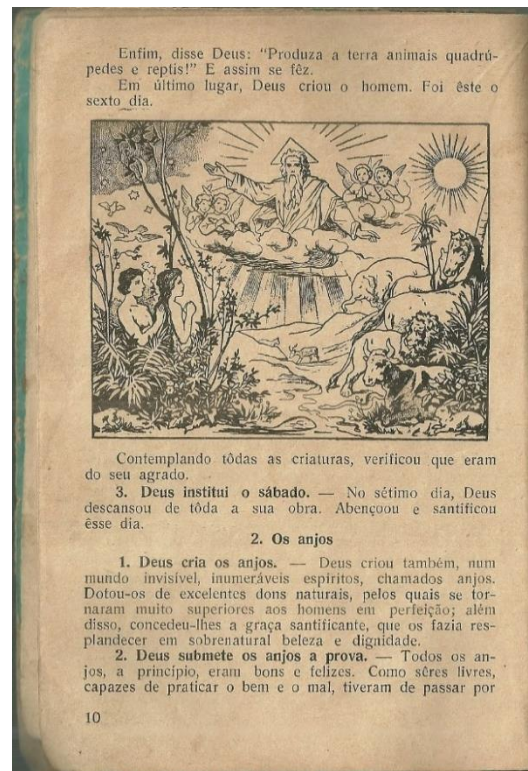


Figura 47 – História Sagrada: Criação do mundo 2



Fonte: HEUSER, 1960, p. 9 e 10.

Podemos ver, por exemplo, “A criação do mundo” (p.9), que corresponde ao Gênesis 1, da Bíblia, correlacionando-se com a lição 2 (imagem abaixo), lógica compreendida nas outras lições do catecismo ao utilizar o livro Heuser (1960) como recurso.

Figura 49 – Catecismo: Criação do mundo

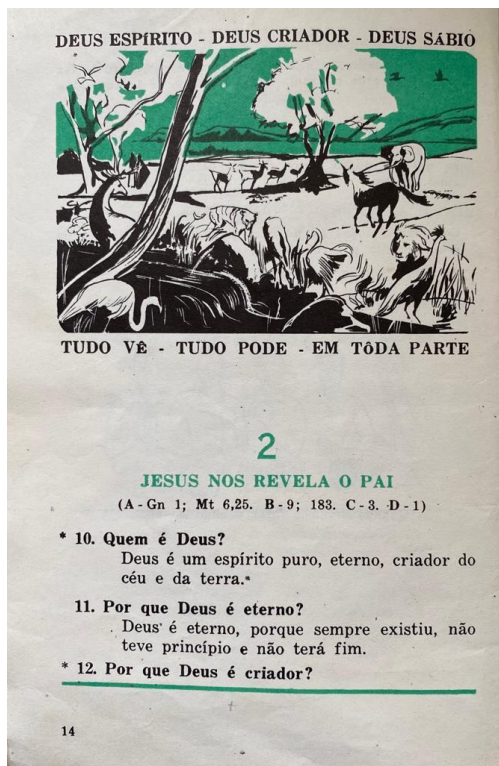
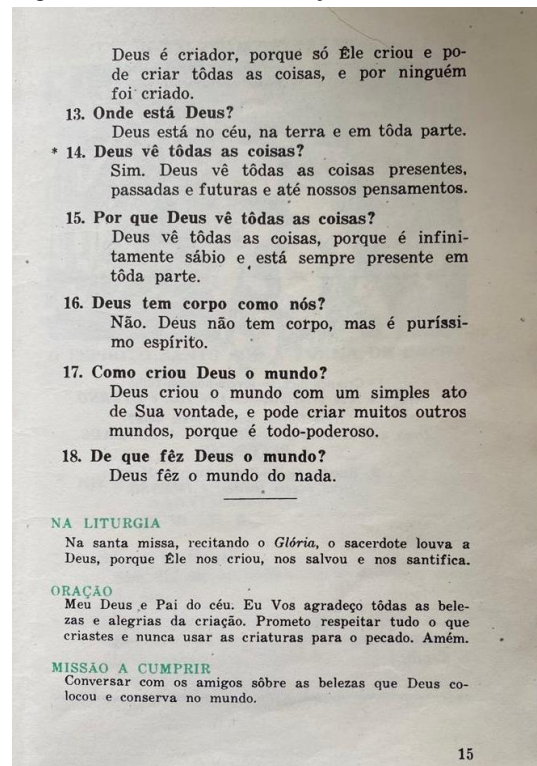


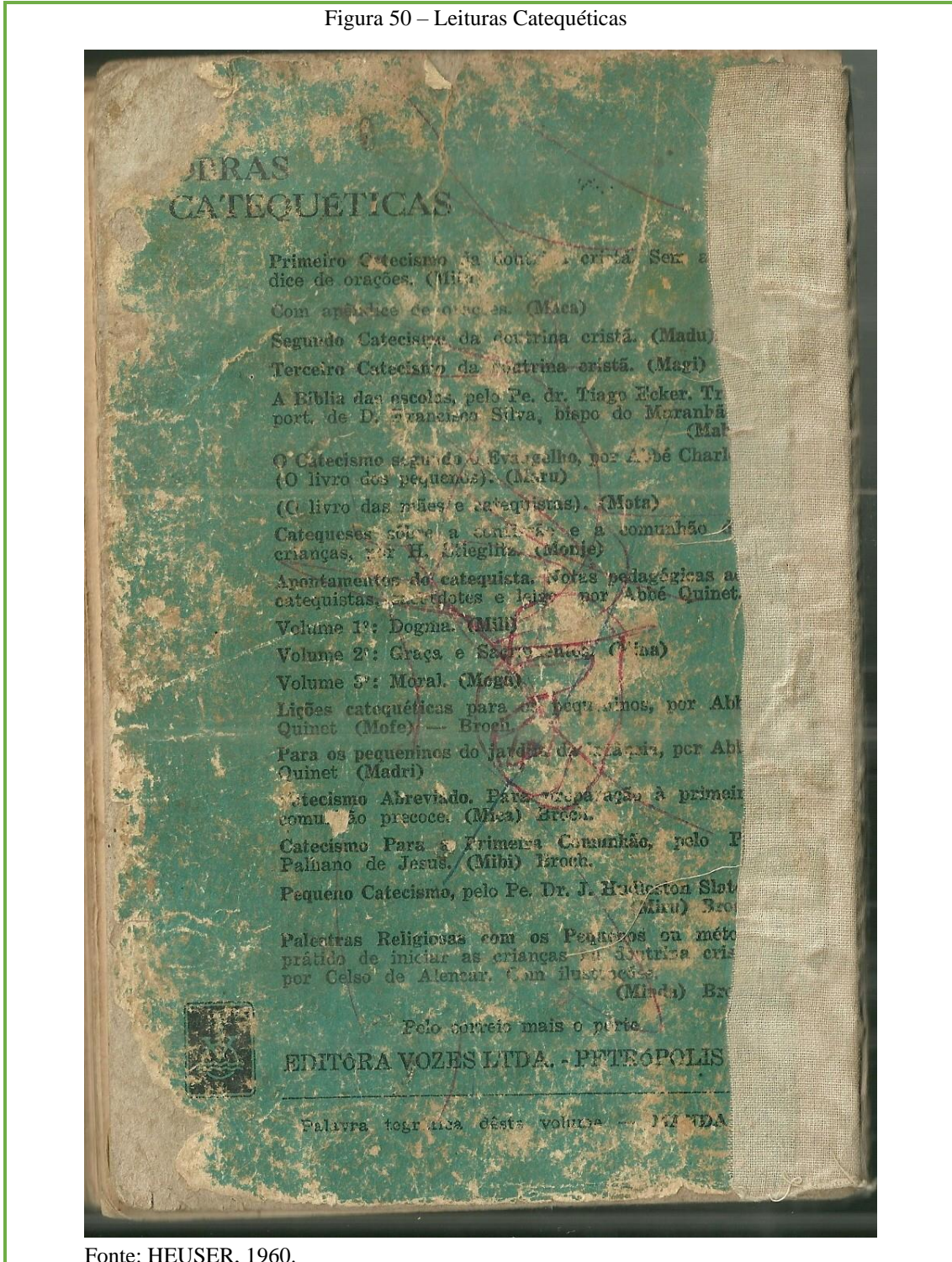
Figura 48 – Catecismo: Criação do mundo 2



Fonte: PRIMEIRO CATECISMO, 1964, p. 14 e 15.

O(A) leitor(a) que optar por esse recurso terá um complemento de textos mais fáceis do que os textos bíblicos e uma busca mais facilitada, pois a indicação B-9 é referente à página do livro de Heuser (1960). Além disso, é um recurso que conta com ilustrações, o que o aproxima das estratégias editoriais do *Primeiro Catecismo* (1964). Por fim, em sua capa, são feitas propagandas de leituras catequéticas, com indicações de catecismos publicados pela Editora Vozes, sendo o *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* indicado antes mesmo de sua reformulação do ano de 1964:

Figura 50 – Leituras Catequéticas



Fonte: HEUSER, 1960.

É possível perceber que a Editora Vozes costumava indicar seus livros por meio de outros títulos, garantindo divulgação e aumento do uso, além da possibilidade de cumprir uma lógica de lucros a partir desses impressos.

O livro *História Sagrada* de Heuser (1960) encontrava-se, nas quartas-capas de outros impressos, antes mesmo da sua indicação como recurso complementar do *Primeiro Catecismo* (1964), em sua vigésima oitava edição, o que demonstra que se tratava de um impresso de alta circulação. Como recurso complementar, assegurava uma formação diferente da proposta da Bíblia, apesar de apresentar conteúdo semelhante. Ele fornecia facilidade para encontrar as informações indicadas, linguagem acessível, ilustrações e maior aprofundamento do tema, fatos que tonariam exequíveis a formação pretendida pelo *Primeiro Catecismo* (1964) com o uso desse recurso.

O recurso C – *Cantai, Criancinhas*²⁷ é definido no catálogo da Editora Vozes de 1940 como folheto, com o subtítulo “Catecismo popular em versos por um franciscano” (p.110). Era indicado para aulas de religião das escolas primárias, sendo o conteúdo composto por “pequenos versos, quadrinhas simples, oraçõezinhas rimadas” (p.110) que, por mais que se diferencie do tradicional formato de perguntas e respostas, também foram feitas para a memorização dos(as) alunos(as).

De acordo com o Catálogo Geral da Vozes (1940), “A doutrina neles contida, facilmente, torna-se alimento da alma. “Cantai, criancinhas “prestará ainda bons serviços por ocasião de pregações populares e missões.” (p.110) Trata-se, então, segundo o Catálogo Geral (1940) dos temas expostos nos catecismos em versos, finalizado com uma música. O *Primeiro Catecismo* (1964) o apresenta como “Citação da página com a respectiva lição em versos, para cantar. O catequista poderá usar outras melodias, além daquela que figura no livrinho.” (p.5). O *Roteiro Catequético I* (SURIAN, 1964) dispõe de um apêndice musical, no qual expõe um exemplo de música do “Cantai, Criancinhas”:

²⁷ Constava um único exemplar do “Cantai, criancinhas” no site da Biblioteca da PUC Minas, mas, até o momento da escrita desta dissertação, o folheto não foi encontrado ao ir acessá-lo pessoalmente.

Figura 51 – Cantai, Criancinhas

PARA O CATECISMO CANTADO

1. Do Cantai Criancinhas

Côro: Deus é nos-so Pai bon-do-so, E' do mun-do-o cri-a-dor.

E' i-men-so e ma-jes-to-so. Al-to se-ja-o seu lou-vor!

Cantor: Pai, Filho, Espírito Santo, * Três pessoas num só Deus
 Á Santíssima Trindade * Subam os louvores meus!

165

Fonte: SURIAN, 1960, p. 165.

Portanto, o recurso C trata-se de um catecismo em forma de folheto, que traz as lições em forma de verso para serem memorizadas em forma de música. Diferente dos primeiros dois recursos que descrevem as lições em trechos, o *Cantai, Criancinhas* transpõe ser também um dos “auxílios técnicos e pedagógicos” (SURIAN, 1964, p.10), que o catequista poderia utilizar como atividade ou o(a) aluno(a) utilizar como recurso de estudo mais “lúdico” para decorar as lições do *Primeiro Catecismo* (1964).

O recurso D indicado no catecismo como recurso complementar refere-se aos “Quadros Bíblicos (Prof. Carlos Oswald – Em quatro cores – Tamanho 62x41 cm.)” (PRIMEIRO CATECISMO, p.5,1964.), no entanto, não encontramos as obras de Carlos Oswald em quatro cores no tamanho referido e o *Primeiro Catecismo* (1964) não dispõe de mais informações sobre o recurso. O *Roteiro Catequético I* apresenta a seguinte referência dos quadros:

Figura 52 – Quadros bíblicos

QUADROS BÍBLICOS	
Carlos Oswald	
ANTIGO TESTAMENTO	
1. A criação	Gn 1 e 2; HS-9
2. Adão e Eva expulsos do Paraíso	Gn 3; HS-12
3. Caim e Abel	Gn 4; HS-14
4. O Dilúvio	Gn 6 e 7; HS-16
5. Sacrifício de Noé	Gn 8 e 9; HS-18
6. Sacrifício de Melquisedeque ..	Gn 14; HS-20
7. Sacrifício de Isaac	Gn 22; HS-26
8. José vendido pelos irmãos ...	Gn 37; HS-33
9. Deus fala a Moisés	Ex 3; HS-48
10. Passagem pelo Mar Vermelho .	Ex 14; HS-53
11. Os dez mandamentos	Ex 20;24;32 a 34; HS-58
12. A serpente de bronze	Nm 21; HS-70
NÓVO TESTAMENTO	
13. Zacarias e o Anjo	Lc 1; HS-151
14. Anunciação	Lc 1,26; HS-152
15. Visitação	Lc 1,39; HS-154
16. Adoração dos Pastôres	Lc 2; HS-157
17. Apresentação no Templo	Lc 2,22; HS-158
18. Adoração dos Magos	Mt 2; HS-160
19. Fuga para o Egito	Mt 2,13; HS-161
20. Jesus no Templo	Lc 2,40; HS-163
21. Batismo de Jesus	Mt 3,13; HS-165
22. Bodas de Caná	Jo, 2; HS-169
23. Sermão da Montanha	Mt 5; HS-179
24. Jesus acalma a tempestade ...	Mt 8,23; HS-191
25. Multiplicação dos pães	Jo 6; HS-194
26. Jesus e as crianças	Mt 18; HS-221
27. O Filho Pródigo	Lc 15,11; HS-214
28. A Transfiguração	Mt 17; HS-200
29. O Bom Samaritano	Lc 10,25; HS-203

174

Fonte: SURIAN, 1964, p. 174.

É possível compreender que se trata de 29 quadros bíblicos que retratam acontecimentos bíblicos dos Antigo e Novo testamentos, e se relacionam diretamente com a Bíblia e com o livro História Sagrada (HS) de Heuser, que também são recursos complementares. Segundo Accyoli (2017), Carlos Oswald nasceu na Itália em 1882, e foi um pintor que morou no Brasil a maior parte da sua vida, pintando principalmente obras de dimensão religiosa. Carlos Oswald era católico e, além de outras congregações, fez parte da “Ordem Terceira Dos Franciscanos em Petrópolis”, sendo que a Arte Sacra fez parte da sua carreira, além de ter atuado como escritor para jornais e revistas católicas (ACCYOLI, 2017, p.309). Não encontramos mais

informações em artigos e pesquisas sobre os quadros, mas podemos supor que poderiam talvez tratar de um impresso também da Editora Vozes, contendo imagens dos quadros por conta das indicações dos outros recursos. Trata-se, possivelmente, de mais um uso da imagem como recurso pedagógico.

O presente capítulo permitiu identificar que o *Primeiro Catecismo* (1964) poderia ser utilizado sozinho, sem uso de recursos; no entanto, a ordem que o(a) leitor(a) apossar-se-ia do impresso determinaria o seu sentido, assim como afirma Chartier (2011). Identificamos, no primeiro momento, três formas de leitura do catecismo, são elas: a leitura integral linear, a leitura não linear e a leitura para primeira comunhão (marcadas por asteriscos), além da opção de ler “A missa do catecismo” ou o “Apêndice” que contém orações cotidianas e cânticos. Por si só, o catecismo remodelado apresenta diversas possibilidades de formações, diferenciando-se do objetivo da formação única padronizada que o texto oficial desenvolvido em 1903 propôs. Mesmo mantendo esse texto, a opção de utilização dos recursos e a orientação do uso feita por Surian (1964) são capazes de modificar e dar mais possibilidades e sentidos ao uso. Além disso, podemos destacar que o esforço dessas indicações de diferentes recursos cumpre também uma lógica de vendas, em que os títulos são indicados entre eles, ao mesmo tempo que podem ser dispensáveis, como a Bíblia e o Livro História Sagrada de Heuser (1960), que apresentam quase o mesmo conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, tivemos como objetivo analisar a reformulação do *Primeiro Catecismo* (1964), que havia sido publicado nas seis décadas anteriores sem modificações significativas em seu aspecto gráfico e no conteúdo. Tivemos como hipótese para explicar a produção dessa reformulação: as decisões da Igreja discutidas durante o Concílio do Vaticano II, que ocorreu entre os anos de 1962 e 1965 e impulsionou mudanças, principalmente, quanto à liturgia e à ação pastoral.

Analisamos, inicialmente, as modificações realizadas na estrutura e na materialidade do objeto, comparando edições anteriores à década de 1960, nomeadas de edições “tradicionais” (PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ, 1964), com a edição reformulada, tendo como referência o *circuito das comunicações* (DARNTON, 1990;2010). A análise permitiu identificar dados como os valores e o número de edições e constatar que a tentativa de relançamento desse impresso com mudanças em 1964 não foi a primeira, sinalizando tratar-se de uma estratégia editorial com fins comerciais.

Identificar as mudanças estruturais e de materialidade do catecismo ao longo dos anos permitiu compreender, ainda, que a Editora Vozes insistia na produção e na comercialização desse impresso e em maneiras de continuar suas publicações, ativas até os dias de hoje. Além disso, foi possível verificar que alguns catecismos já mudavam sua estrutura e metodologia nas décadas de 30 e 40, mas a editora só efetivou a modificação do *Primeiro Catecismo* (1964) durante o Concílio Vaticano II. Não foi possível afirmar se essa espera deu-se em virtude de ser um texto de publicação oficial e, assim, se essa ação poderia ser feita apenas com autorização eclesial como as expostas em concílios.

A análise de diferentes edições permitiu verificar que as perguntas e respostas mantiveram-se ao longo do tempo, mostrando, como descrito no próprio catecismo, a opção por manter a tradição, em função do sucesso do texto oficial. Assim, por meio da memorização e da repetição, a Igreja Católica mostrava-se eficiente para expor sua doutrina. Para a análise do texto das lições, Eliade (1992a) deu-nos suporte para compreender, em um primeiro momento, a organização do catecismo, em que sobressaíram os princípios “conhecer”, “agir” e “convencer”. Esses princípios permitiram identificar o objetivo: fazer com que o(a) leitor(a) conhecesse os pressupostos da doutrina cristã, os principais dogmas, a história sagrada extraída

da história bíblica, os mandamentos e os sacramentos. Constata-se assim, que apesar da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II, permanece um conteúdo de natureza conservadora.

A influência do Concílio Vaticano II, pode ser visualizada no acréscimo dos princípios de agir e convencer, que inseriam o (a) leitor(a) na lógica de aplicação dos ensinamentos litúrgicos e apostólicos além das aulas de catequese ou da leitura do catecismo em si, alcançando familiares, amigos e outras pessoas, para que introduzissem os costumes católicos no dia a dia e, assim, alcançassem mais fiéis. Desse modo, o catecismo funcionava como objeto estratégico de ensino apostólico, que indicava missões as quais o(a) leitor(a) deveria seguir para contribuir com a Igreja Católica, evidenciando a dimensão da ação pastoral ou do apostolado leigo.

No entanto, foi possível verificar, a partir da indicação dos materiais complementares ao impresso, que a reformulação do catecismo também se encontrava em uma lógica de vendas da Editora Vozes, uma vez que os títulos eram indicados entre si como recursos pedagógicos. A reformulação contava, também, com um esforço de Surian (1964), autor do roteiro catequético, em orientar e controlar a ação do catequista para utilizar o *Primeiro Catecismo* (1964). A análise do roteiro permite-nos afirmar que o catecismo também possuía um caráter escolar.

Por fim, é importante ressaltar: por mais que esse catecismo seja produzido com o intuito de padronizar uma formação católica, a liberdade e a interpretação do(a) leitor(a) não asseguram a mesma compreensão e formação. Questões culturais, o período e o espaço de utilização, a disponibilidade financeira para a aquisição dos recursos complementares indicados poderiam modificar a forma de leitura e uso. Analisamos essa possibilidade de usos diversos, prevista no próprio impresso, em um dos capítulos da dissertação.

Concluimos que o *Primeiro Catecismo* (1964) sofreu influências externas advindas das mudanças discutidas no contexto que o antecedeu e durante o Concílio Vaticano II, para que ocorressem as significativas modificações principalmente em sua materialidade. No entanto, a Editora Vozes já experimentava modificações e relançamentos desse impresso, o que pode justificar a sua alta tiragem e o alto número de publicações. Identificamos, então, que a formação pretendida para os católicos brasileiros pelo *Primeiro Catecismo* (1964) era uma formação baseada em um método que assegurava, ao mesmo tempo, a tradição católica dos catecismos (perguntas e respostas), mas também se vinculava ao início de uma

contemporaneidade impulsionada pelo Concílio Vaticano II, abrindo-se a uma catequese mais dinâmica, com atividades, envolvimento litúrgico e missões apostólicas para alcançar mais fiéis para a Igreja Católica.

O estudo permitiu compreender estratégias católicas para inserir seu método de ensino e determinados conteúdos na educação brasileira, que foram, então, reformulados, para que a Igreja não perdesse seu espaço. Analisar o esforço de manutenção do seu ensino na década de 1960, a partir de influências de um Concílio Ecumênico, demonstra o hiato do *Primeiro Catecismo* (1964) em relação àqueles publicados nas décadas anteriores, mesmo que outros catecismos adequassem seus métodos a partir das discussões educacionais em voga no país. Essa constatação demonstra a manutenção da tradicionalidade católica quando caracterizada a partir de discussões oficiais, mas, por outro lado, a força que um texto divulgado como oficial favorece a longevidade de um impresso. O *Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã* encontra-se em sua 156ª edição, no ano de 2022. Assim, é possível dizer que a educação católica, nos dias de hoje, ainda contém resquícios de textos não contemporâneos, o que pode enrijecer a abertura para novos métodos e novas discussões do tempo presente.

A História da Educação e suas possibilidades de análise documental ajudam-nos a compreender os efeitos atuais de impressos longevos, como o reforço da mentalidade católica moderna fortemente defendida a partir de discursos que afetam a esfera política para manutenção de costumes e formatos tradicionais, que podem ser identificados no interior da educação católica brasileira, mesmo com a instituição do estado laico desde 1890. Por fim, mesmo que não tenha sido possível analisar a circulação desse impresso pelo país, pelos estados, e pelos espaços efetivamente por ele ocupados, esperamos que futuras pesquisas envolvam-se para compreender ainda mais o papel que impressos católicos, em especial os catecismos, representam e ocupam na educação brasileira, inculcando valores e modos de pensar característicos no país.

REFERÊNCIAS

ACCYOLI, Godiva. Carlos Oswald: Uma história e dois temas. **Pro. Posições**, v. 28, n. 3 (84), Set/dez., 2017.

ALMEIDA, Claudio Aguiar. Em plena guerra: imprensa, catolicismo e política nas duas primeiras décadas do século XX. **Revista História**, São Paulo, n.274, p.327-359, 2016.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. **Do claustro à universidade: as estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964-1986)**. Dissertação (mestrado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (UFRG), 2001.

ANDRADES, Marcelo Ferreira de. Fidelidade como receita de sucesso: um estudo de caso da Editora Vozes nas primeiras décadas do século XX. **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**, Rio de Janeiro, 2004.

AVELAR, Ana Cláudia. **Uma ginástica que também se lê: a produção do Compendio de Gymnastica Escolar de Arthur Higgins (1896-1934)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2018.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil – 1920-1930. **Síntese**, v. 4, n.11, 1977.

BARBOSA, Fúlvia Giglio. **A relação Estado-Igreja e a política educacional brasileira nos anos 1937-1955**. Dissertação (Mestrado em educação), Fundação Getúlio Vargas, 1992.

BARBOSA, Raquel Cristina Baêta. **A circulação de cinco obras clássicas de poesia infantil brasileira publicadas entre 1940 e 1980: Análise de estratégias para a permanência e acomodação dentro e fora do contexto escolar**. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2019.

BARROS, José D'Assunção. Primeira parte. In: **O tempo dos historiadores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). **Revista brasileira de Educação**, n. 20, p. 27-47, 2002.

BATISTA, Antônio Gomes Batista; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

BETT, Ianko. **Concílio Vaticano II e o anticomunismo católico no Brasil e na Argentina**. Horizonte, v.9, n.24, p.1169-1196, 2011.

BIBLIA, A.T. **A bíblia Sagrada Ave Maria**: edição de estudos. 2º edição, Ave Maria, 1959.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. O livro e o selo: editoras católicas no Brasil. **Pro-Posições**. 2014, vol.25, n.1, pp. 117-137.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. **Educação**, v.30, n.2, p.87-104, 2005.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos; ALMEIDA; Maria Cleidiana Oliveira de; SILVEIRA; Camila Nunes Duarte. Ensaio sobre catecismos; a instrução dos rudes no Brasil colonial (séculos XVII e XVIII). **Teoria e Prática da Educação**, v.20, n.1, p. 35-48, jan./abril, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

CATECISMO ROMANO. Petrópolis, 1950.

CELLARD, André. A análise documental. POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p.295-316.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 5. ed., 2011.

COSTA, Célio Juvenal.; MARTINS, Flat James. Análise histórica, religiosa e educacional sobre o catecismo do Santo Concílio de Trento. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano II, n.6, p. 85-102, fev/2010.

CRUZ, Mauro Sérgio Ferreira. **O ensino religioso como componente curricular e a sua identidade epistemológica: uma análise a partir dos catecismos católicos**. Dissertação (Mestrado em Educação). Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2016.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras: Schwarcz, 1990.

DE SENA, Clarissa Ribeiro. Os dogmas na Igreja. **Cuestiones Teológicas**, v. 37, n. 88, 2010.

DE SIMONE, Aline Marie. **O Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã: relações entre sua produção e as reformas ortográficas no Brasil na primeira metade do século XX**. (Monografia) Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

DE SOUZA, Ney. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. **Catolicismo e sociedade contemporânea: Do Concílio Vaticano I ao contexto histórico-teológico do Concílio Vaticano II**. Paulus, 2014.

DOS ANJOS, Juarez J. T. O catecismo de Montpellier e a educação da criança no Brasil Imperial. **Cadernos de Pesquisa**, v.46 n.162 p.1028-1048 out/dez/2016

DUBY, Georges. Prefácio; O 27 de julho de 1214. In: **O domingo de Bouvines**. 27 de julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992a.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FAUSTO, Boris. **História Geral da civilização Brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, v.11, 2007.

FISCHER, Joachim. História dos dogmas, história da teologia, história do pensamento cristão: Considerações sobre alguns conceitos da historiografia eclesiástica. **Estudos Teológicos**, ano 48, n. 1, p. 83-100, 2008.

FRIESEN, Norm. The Catechism and the Textbook: Education and Luther's Der kleine Katechismus. **Internacional, interciplinary congresso: The Cultural Impact of the Reformation**. Lutherstadt Wittenberg, ago/2017.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive; OLIVEIRA, Marcos Tabora de. **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas**. Belo Horizonte, Fino Traço, 2019.

GAMA, Renato C. **Militância cristã na grande vitória e sua contextualização eclesial**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, Alain, COURTINI, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo 1: Da renascença às luzes** Petrópolis, RJ, Vozes, p. 19-130, 2008.

GROOME, Thomas. **Educação religiosa cristã: compartilhado nosso caso e visão**. São Paulo: Paulinas, 1985.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HÉBRARD, Jean. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. Educação. **Revista do Centro de Educação**, v.32, n.1, p. 11-19, 2007.

HEUSER, Bruno. **História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 28. ed., 1960.

JINZENJI, Mônica. **Cultura impressa e educação da mulher**: lições de política e moral no periódico mineiro “O Mentor das Brasileiras” (1892-1832). Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2008.

KLAUCK, Samuel. A igreja e a educação a partir do Concílio Plenário Latino Americano de 1899. **UNOPAR Cient.**, Londrina, v. 14, n. 1, p. 15-21, jan. 2013.

LAZARIO, Murilo Eduardo. Corporeidades no catolicismo brasileiro. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 30, n. 54, p. 225-244, 2018.

MELO, Juliana Ferreira de. **Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação**: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961). Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2013.

MOLINARIO, Joël. **Le catéchisme, une invention moderne**: de Luther à Benoit XVI. Paris: Bayard, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

NASCIMENTO, Ester; FELDENS, Dinamara; ALMEIDA, Mirianne. Fontes para história da educação brasileira: considerações acerca dos catecismos protestantes. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 88-95, jan./abr. 2013

OLIVEIRA, Luiz Eduardo; CORRÊA, Leda Pires. A importância do catecismo no processo de escolarização. In: **Interdisciplinar**, v.2, n.2, p. 37-53, jul/dez/2006.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Estruturas de igreja e conflitos religiosos. In: SANCHIS, Pierre (org.) **Catolicismo, modernidade e tradição**. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José. A educação nos impressos católicos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, UFS, v.1, p. 81-98, jul./dez/2008.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Os manuais de catecismo nas trilhas da educação: notas de história. **História da Educação**, v.17, n.41, p.159-176, set./dez. 2013.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã**: A coleção Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965). Dissertação (Mestrado em Educação). São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008.

OTT, Ludwing. **Fundamentals of Catholic Dogma**. Roman Catholic Books, 1954.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: A censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PASSOS, Mauro. **A Pedagogia catequética e a educação na primeira República (1889-1930)**. Tese (Doutorado em Educação). Itália: Universitá Pontificia Salesiana, 1998.

PASSOS, Mauro. Os contornos históricos do movimento catequético- A invenção dos Catecismos. In. **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1999

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira... [et. Al]. O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964). FAUSTO, Boris. In: **História Geral da civilização Brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, v.11, 2007.

RAMOS NETO, João Oliveira. O conceito de reforma protestante na historiografia brasileira. **Hist. R.**, Goiânia, v. 24, n. 1, p. 206-217, jan./abr. 2019.

ROMÃO, Paulo Alves. **A estrutura sacramental da história salvífica: estudo comparado de Edward Shillebeckx e de Luigi Giussani**. Tese (Doutorado em Teologia) Pontificia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. **Do anátema ao acolhimento pastoral da condenação e exclusão eclesial do Padre Cícero do Juazeiro à sua reabilitação histórica**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

SCHMAUS, Michael. Dogma: God and Creation. **Sheed and Ward**, Chicago,1972.

SESBOÛÉ, Bernard. **História dos dogmas: o Deus da salvação**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **Análise de textos de "divulgação religiosa": o éthos dado como confronto de paixões**. Estudos Semióticos, n. 3, São Paulo, 2007.

SOARES, Magda. O livro didático como fonte para a história da leitura e da formação do professor-leitor. MARINHO, Marildes. In: **Ler e Navegar: Espaços e percursos da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SOUZA, Maria José Francisco de. **Modos de participação nas culturas do escrito em uma comunidade rural no norte de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Educação). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2009.

SOUZA, Maria José Francisco de; DE SIMONE, Aline Marie. Catecismo escolar? Um estudo sobre o catecismo escolar e popular do Pe. Francisco Spirago. CBHE, 2019.

SOUZA, Maria José Francisco de; DE SIMONE, Aline Marie. O Escolar e o Popular no ensino do catecismo: um estudo sobre o Catecismo Escolar e Popular, do padre Francisco Spirago. MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. In: **Impressos que educam**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2021.

TAMBARA, Elomar. Da leitura do catecismo à catecisação da leitura - o catecismo como texto de leitura na escola primária do Brasil no século XIX. ANPUH- XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina, 2005.

TEIXEIRA, Giselle Batista. **O grande mestre da escola:** os livros de leitura para a escola primária da capital do império brasileiro. (Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VAZ, Francisco A. Lourenço. O catecismo no discurso da ilustração portuguesa do século XVIII. Cultura, **Revista de História e Teoria das Ideias**, Lisboa, v. 10, p. 219-240, 1998.

VIER, Frei Frederico (Coor.). **Compêndio do Vaticano II:** constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

ZILBERMAN, Regina. Religiões, escola, livros para crianças e jovens. **Línguas & letras**, v.17, n.38, p.53-71, 2016.

DOCUMENTOS

Catálogo Geral da Editora Vozes, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1938.

Catálogo Geral da Editora Vozes, Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1940.

FONTES

PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1951.

PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. 69. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1951.

PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. 76. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1954.

PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. 84. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1957.

PRIMEIRO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. 95. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1964.

SURIAN, Carmelo. **Roteiro Catequético I:** Livro do Mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã. 1. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1964.

JORNAIS

ALONSO, Martins. DO CONCÍLIO DE NICÉIA AO VATICANO II: Histórico dos Concílios Ecumênicos realizados em dezessete séculos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23/09/1962. Caderno Especial.

LIVROS ESCOLARES. **A União**. Rio de Janeiro, 15/11/1923.

LIVROS E PUBLICAÇÕES. **Diário Nacional**. São Paulo, 14/08/1928.

NETO, Borges. EDITORA VOZES: 71 anos de fé em bons livros. **Jornal do Brasil**, 16/12/1971.

PRECISA DE UM CATECISMO?. **A Cruz: Orgão da Parochia de S. João Baptista.** Rio de Janeiro, 29/01/1922.

REVISTA

Bibliografia Brasileira Corrente. **Revista do Livro: Órgão Nacional do livro.** Rio de Janeiro, v.12, ano III, p.289- 341, dez/1958.